



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
CURSO DE MUSEOLOGIA

GABRIELE DE OLIVEIRA MARTINS

DAS RAIAS AO MUSEU:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO
MUSEOLÓGICA DA COLEÇÃO DE MEDALHAS DA ATLETA
PARAENSE SUZETE MONTALVÃO

Belém
2019

GABRIELE DE OLIVEIRA MARTINS

DAS RAIAS AO MUSEU:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO
MUSEOLÓGICA DA COLEÇÃO DE MEDALHAS DA ATLETA
PARAENSE SUZETE MONTALVÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a
obtenção de grau de Bacharela em Museologia,
Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal do
Pará.

Área de Concentração: Documentação Museológica
Orientadora: Prof^a Dr^a Luzia Gomes Ferreira
Co-orientadora: Prof^a Msc^a Marcela Guedes Cabral

Belém
2019

GABRIELE DE OLIVEIRA MARTINS

DAS RAIAS AO MUSEU:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO
MUSEOLÓGICA DA COLEÇÃO DE MEDALHAS DA ATLETA
PARAENSE SUZETE MONTALVÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a
obtenção de grau de Bacharela em Museologia,
Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal do
Pará.

Área de Concentração: Documentação Museológica
Orientadora: Prof^a Dr^a Luzia Gomes Ferreira
Co-Orientadora: Prof^a Ms^a Marcela Guedes Cabral

Data de Aprovação: 01 de julho de 2019

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Luzia Gomes Ferreira (Orientadora)
Universidade Federal do Pará

Prof^a. Ms^a Marcela Guedes Cabral (Co-orientadora)
Universidade Federal do Pará

Prof^o. e Mestrando João Vitor Correa Diniz (Membro da Banca)
Universidade Federal do Pará

Prof^a Dr^a Rosangela Marques de Brito (Membra da Banca)
Universidade Federal do Pará

Belém
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Central/UFPA-Belém-PA**

M386d Martins, Gabriele de Oliveira

Das raias ao museu: um estudo de caso sobre o processo de documentação museológica da coleção de medalhas da atleta paraense Suzete Montalvão / Gabriele de Oliveira Martins. -- 2019.

Orientadora: Prof^a Dr^a Luzia Gomes Ferreira.

Coorientadora: Prof^a M. Sc. Marcela Guedes Cabral

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Artes Visuais, Curso de Museologia, Belém, 2019.

1. Museologia. 2. Medalhas – Coleções particulares. 3. Mulheres atletas. I. Título.

CDD - 23. ed. 069

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726

Dedicado às mulheres que me apoiaram desde os primeiros passos a caminho do conhecimento até os dias atuais em que concluo mais esse ciclo de minha vida!

*São elas: minha mãe **Elizabeth Gomes** que sempre esteve presente nos momentos decisivos, minha avó **Rosiléa Canelas** que foi minha principal inspiração nos estudos, pela mulher forte e guerreira que ela me permitiu conhecer; à minha co-orientadora **Marcela Cabral**, que desde o início de minha caminhada neste curso, sempre acreditou em mim; à minha linda orientadora **Luzia Gomes** pela paciência e pela grandiosa aprendizagem que foram muito significativas para a minha formação tanto pessoal quanto acadêmica; e à querida amiga **Suzete Montalvão** que me apresentou o MIAPA, me deu apoio e deixou eu dar prosseguimento neste lindo projeto.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha mãe que me apoiou na entrada deste curso desde a saída do resultado de repescagem do Sisu, no qual fui classificada, pois, apesar de toda os problemas de saúde, se levantou sozinha da cama pra me dar o primeiro abraço de comemoração pela aprovação e que apesar dos desentendimentos que tivemos por algumas questões relacionadas a não entender alguns aspectos do meu trabalho nessa área de atuação, conseguiu superar, compreender e apoiar o quão importante é a minha relação com o trabalho acadêmico.

Em seguida, ao meu pai que juntamente com minha mãe sempre deram um jeito para proporcionar o melhor para que eu pudesse seguir estudando. Aos meus avós que sempre que podiam também me ajudavam e pelos momentos de lazer que ocasionaram para poder relaxar um pouco no meio do “mato”, onde eu mais amo ficar. E aos meus tios e tias que de algum modo, puderam somar comigo durante a trajetória estudantil.

Agradeço as conversas, trocas e farras que vez ou outra eu e minha prima, Jéssica, inventávamos de fazer, seja em âmbito familiar ou pelas casas de festas de Belém.

Este trabalho só pôde ser concluído a partir do apoio de pessoas que somaram muito em minha formação acadêmica e nos percalços da vida cotidiana. Assim, já com os olhos marejados quero agradecer a todas e a todos que puderam me ouvir, ajudar e incentivar nos momentos em que mais precisei suportar a correria da vida acadêmica e as consequências que ela provoca.

Deixo aqui meus sinceros agradecimentos aos técnicos e técnica da Faculdade de artes Visuais: Felipe Emim, que sempre me socorreu com problemas técnicos nos arquivos e computador; ao Jailton, que a todo momento estava disposto a escutar e ajudar; ao Pedro Vieira que por diversas vezes pode descontrair o dia com as conversas aleatórias que acontece na secretaria de artes visuais; a Maíra Airoza que me proporcionou suportes essenciais para desenvolvimento desta pesquisa; e ao querido Jorge Ohashi que sempre faz o possível e o impossível pra dar aquele jeito nas coisas, pelas saídas de comemoração de fim de semestre (ou qualquer outra coisa), pelas conversas e conselhos de um bom taurino, que realmente faz jus ao signo que tem!

Assim como os técnicos e a técnica da FAV, posso dizer que construí uma bela e grande família resumida em 14 pessoas no fim de nosso percurso no curso de museologia, sim a minha turma, a turma de 2015, as pessoas que todas as manhãs, de segunda à sexta, durante 4 anos e principalmente nos 2 últimos anos, puderam somar de forma peculiar para este momento e apesar de termos nossas panelinhas em sala, sabíamos fazer a coisa funcionar quando

estávamos juntos, principalmente quando envolvia comida - inclusive, saudades dos lanches de fim de semestre e de aniversário de algum professor ou professora e de alguém da turma -, um bom modo de exemplificar o nosso bom trabalho juntos, foi a nossa exposição curricular “Eu vou, mas eu volto: Catalendas e o Imaginário Amazônico na TV” que além da parceria e comprometimento, foi um trabalho cheio de afeto.

Dentre essa família, destaco aqui o Calixto, composto por Paloma Silva, Jaiane Lima, Vitor Nonato e por mim, meus eternos amigos, a quem sou grata pela amizade, companhia de trabalhos e farras, conselhos, as lesuras da Paloma que só ela tem, as pérolas que o Vitor solta, principalmente as do interior além de ter me proporcionado a bolsa que me auxilia nas despesas acadêmicas, e a Jaiane com seus dramas e determinação que me deixa muito orgulhosa de ver onde este ser está indo, sem contar as diferentes vivências que tive na casa dessas pessoas, seja em momentos de desespero eu pra descontração, lembrando que junto a elas vieram outras redes de amizades via namorados. As conversas e conselhos trocados com Wellington ou as comidas maravilhosas e as piadas do Carlos, agradeço muito a eles por esses momentos, sem falar nas vezes em que tive que dormir por Icoaraci ou no Jurunas devido a distância e horário de voltar pra casa que se torna perigoso.

Agradeço também a duas pessoas que me ajudaram muito com minha pesquisa sobre museus de esporte no país, o bacharel em museologia pela UFMG Giovani e a graduanda em museologia pela UFPE Fátima Marília que puderam me auxiliar em contatar os museus de temática esportiva que existem no país, e dessa maneira, gostaria de agradecer as/os representantes do Museu do Grêmio, Sport Club Corinthians Paulista, Sport Club do Recife, Fluminense Football Club, Museu do Futebol e Museu do Sport Club Internacional – Ruy Tedesco por se disponibilizarem a participar da minha pesquisa.

Deixo aqui meu agradecimento as pessoas que conheci na Escola de Teatro e Dança que sem saber, somaram para este trabalho, me fizeram animar o humor depois de cansaço dos desafios e dificuldades que essa pesquisa me proporcionou, dentre essas, à Inês Ribeiro que me concedeu confiança para construir e entender um pouco da sua vivência no atletismo e ao José Neto que escutava minhas lamentações das dificuldades em produzir e sempre que podia ajudava a me acalmar e pensar em soluções imediatas.

Assim como Inês, agradeço também a Sandra Malcher que me permitiu entrevistá-la e descobrir informações maravilhosas sobre a modalidade aqui no Pará e a resistência para a criação da FPAAt.

À minha orientadora, Luzia Gomes, pela paciência e imensa troca que pude obter (e que pretendo aprofundar mais) por meio da sua área de atuação com os estudos feministas que

foram muito importantes para essa reta final na graduação e me fez repensar algumas situações vividas e percebidas no cotidiano, de modo a treinar o olhar e o ouvir para fatos que muitas vezes passara despercebido por mim.

De todo modo, em 2015 eu ganhei de presente uma pessoa muito especial, uma pessoa que eu não tenho palavras para descrever quão boa profissional e amiga ela é, a qual, no momento em que eu mais precisei de apoio, foi quem estendeu a mão pra me ajudar a ter forças pra continuar nesse curso, a mesma pessoa que me deu a primeira oportunidade e me apresentou ao mundo das montagens de exposições, da documentação e fez eu degustar de comidas vegetarianas. À Marcela Cabral, os meus mais sinceros muito obrigada, por tudo!

Tive a sorte de conhecer ainda, uma mulher forte, batalhadora e que literalmente põe a cara no Sol e muito determinada no que faz, não tem tempo ruim pra ela, a pessoa que deu a oportunidade de escrever esse trabalho, que foi super solícita a me ajudar com informações sobre o esporte atletismo, além de ter me proporcionado uma experiência de trabalho fora da academia, meus eternos agradecimentos, a nossa primeira mulher paraense a competir em uma Olimpíada e dona de uma das Láureas acadêmicas, Suzete Montalvão!

Assim, como é importante ressaltar as principais pessoas que estiveram ao meu lado durante minha trajetória acadêmica, eu destaco aqui um amigo e companheiro, Alessandro Sousa, que me ocasionou momentos muito bons, que me fizeram fugir um pouco do cotidiano universitário e ao mesmo tempo que me cedia espaço para relaxar, me incentivava a estudar, e assim, junto com ele pode trazer a família toda que me acolheu com muito carinho.

Por fim, agradeço à Universidade Federal do Pará que durante os 4 anos e 6 meses em que estive vinculada me proporcionou apoio estudantil através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Produção Artística - PIBIPA em 2016, Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PIBEX em 2017 e com a bolsa cedida pela Pró Reitoria de Administração - PROAD entre 2018 e 2019, além dos auxílios saúde e os serviços de fiscais em concursos que me ajudaram a custear gastos com material, alimentação e transporte para a conclusão da graduação em Museologia.

“Um museu que não possui suas coleções devidamente documentadas não poderá cumprir suas funções de gerador, comunicador e dinamizador de conhecimento junto ao patrimônio e à sociedade, enfim não será útil a seu público”.

(NOVAES, 2000, p.44)

RESUMO

O presente trabalho visa investigar as relações entre museu-esporte-mulher através de uma perspectiva museológica, em que questiona-se a (in)visibilidade de atletas mulheres tanto no esporte quanto nos próprios museus, além de destacar que essa temática esportiva ainda não seja tratada nos museus da região metropolitana. Assim, traz-se à tona o histórico do Atletismo desde um levantamento mais amplo, a nível internacional, até chegar na contextualização da modalidade no Pará e principalmente na ex-atleta Suzete Montalvão e a construção do Museu Itinerante do Atletismo Paraense. Para tal tomou-se como foco principal evidenciar a importância da documentação museológica das medalhas para a sistematização, recuperação e salvaguarda de informações por meio de objetos, fazendo uso de uma coleção particular, a coleção de Medalhas do Acervo da ex-atleta paraense Suzete Montalvão de forma a perceber que esta pode contribuir para a reconstituição de histórias, de identidades e das memórias dos grupos que se identificam com a modalidade. Dessa forma, buscou-se refletir os conceitos relacionados a Museu e à Museologia no âmbito da tipologia do objeto de estudo e o ambiente em que ele está inserido. Para a realização desta utilizou-se uma metodologia exploratória com questionários, entrevistas, pesquisas bibliográficas e análise de objeto através da aplicação de instrumentos documentais elaborados para contribuir com este estudo. Sendo assim, com fins de relacionar o patrimônio material, sua preservação e a salvaguarda da memória esportiva do atletismo paraense, além de ponderar o espaço e as coleções existentes de mulheres atletas com finalidade de também enfatizar o estudo de gênero dentro de sala de aula para então instigar alunas e alunos a pensarem na presença/ausência de mulheres em determinados locais, este trabalho se propôs a analisar as relações do esporte com o museu e os espaços museológicos por meio da documentação museológica, a qual busca enfatizar a importância na aquisição de informação intrínseca e extrínseca que possam ajudar a compreender dados para uma pesquisa mais aprofundada sobre os elementos que compõe o objeto e seu ambiente, como a possibilidade de relacionar as temáticas políticas, econômicas, sociais e culturais.

Palavras-chave: Coleção Particular; Museu Itinerante; Mulheres Atletas; Documentação de Medalhas; Gênero e Museologia.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the relationship between museum-sport-woman through a museological perspective, which questions the (in) visibility of women athletes both in sport and in museums themselves, besides highlighting that this sport theme is not yet treated in the museums of the metropolitan region. Thus, it brings to light the history of Athletics from a broader survey, internationally, to the contextualization of the sport in Pará and especially the former athlete Suzete Montalvão and the construction of the *Museu Itinerante do Atletismo Paraense*. To this end, the main focus was to highlight the importance of the museological documentation of the medals for the systematization, retrieval and safeguarding of information through objects, making use of a private collection, the Collection of Medals of former Pará athlete Suzete Montalvão in order to realize that it can contribute to the reconstitution of stories, identities and memories of the groups that identify with the modality. Thus, we sought to reflect the concepts related to Museum and Museology within the scope of the study object typology and the environment in which it is inserted. For this, an exploratory methodology was used with questionnaires, interviews, bibliographical research and object analysis through the application of documentary instruments designed to contribute to this study. Thus, in order to relate the material heritage, its preservation and the safeguarding of the sporting memory of Pará athletics, besides considering the space and the existing collections of female athletes with the purpose of also emphasizing the gender study in the classroom and therefore, to encourage students to think about the presence / absence of women in certain places, this paper aimed to analyze the relationship between sport with the museum and the museum spaces through the museological documentation, which seeks to emphasize the importance of intrinsic and extrinsic information acquisition that can help to understand data for further research on the elements that make up the object and its environment, such as the possibility of relating political, economic, social and cultural themes.

Keywords: Private Collection; Itinerant Museum; Female Athletes; Medal Documentation; Genre and Museology.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Comentários de internautas na entrevista de Marta feita à Super Esportes.....	27
FIGURA 2: Thomas Miler ao evitar que Jock Semple empurrasse Kathrine para fora da corrida.....	36
FIGURA 3: Primeiro troféu conquistado pela atleta Suzete Montalvão.....	40
FIGURA 4: Alan Fonteles torna-se recordista mundial.....	41
FIGURA 5: Suzete Montalvão e seus alunos do Projeto Mangueirão de Atletismo.....	42
FIGURA 6: Inauguração do CIA como organizador de eventos.....	45
FIGURA 7: Ausência de Museus de temática esportiva na região Norte através da plataforma online Museus Br.....	50
FIGURA 8: Questionário elaborado pelo Google Forms, aplicado online para os responsáveis dos museus listados acima.....	52
FIGURA 9: Suzete Montalvão mediando a exposição do MIAPA na Escola E. E. F. M. Doutor Freitas.....	61
FIGURA 10: Exposição realizada no bairro do Jardim Sideral, mostra a maneira que eram dispostos os materiais.....	62
FIGURA 11: Exposição montada no MOCCA.....	63
FIGURA 12: Medalhas e certificado de Cavaleira.....	63
FIGURA 13: Camiseta e Short de corrida com faixa dorsal na numeração 50.....	67
FIGURA 14: Diploma de Participação.....	68
FIGURA 15: Troféu de Destaque Intertecmulher de Esporte e Lazer.....	68
FIGURA 16: Placa de Condecoração ao Profissional de Educação Física em 2015....	69
FIGURA 17: Medalha de participação nas Olimpíadas em Seoul 1988.....	69
FIGURA 18: Partes de uma Medalha.....	72
FIGURA 19: Odori - Mascote das Olimpíadas na Coreia do Sul.....	88
FIGURA 20: Medalhas organizadas de acordo com suas similaridades iconográficas, aqui, total de 15 unidades.....	102
FIGURA 21: Medalhas organizadas de acordo com suas similaridades iconográficas, aqui, total de 30 unidades.....	102

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Respostas dos 6 museus sobre as 3 primeiras questões.....	29
QUADRO 2: Respostas das questões 4 e 5 de forma sintetizada.....	30
QUADRO 3: Ciclo de principais atletas do cenário do atletismo no Pará.....	39
QUADRO 4: Quadro de eventos e seus respectivos níveis.....	46
QUADRO 5: Esquema contextual de Mansh.....	79
QUADRO 6: Sistema de Classificação elaborado em 2017 (antigo).....	86
QUADRO 7: Sistema de Classificação elaborado em 2018 (atualizado).....	87
QUADRO 8: Inventário Museológico da Coleção de Medalhas (antigo).....	90
QUADRO 9: Inventário Museológico da coleção de medalhas elaborado em 2018 (atualizado).....	95
QUADRO 10: Ficha Catalográfica: área de identificação do objeto.....	107

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Quantitativo de alunas e alunos em diversas categorias.....	24
TABELA 2: Quantitativo de Premiações referente as medalhas da coleção.....	73
TABELA 2: Quantitativo de Condecorações referente as coleções de medalhas.....	73

LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 1: Quantitativo de alunas/os ingressas/os no curso.....	24
GRAFICO 2: Quantitativo de alunas/os ativas/os e formandas/os no curso.....	24
GRAFICO 3: Gráfico do resultado sobre a pergunta de localização geográfica dos museus participantes.....	56
GRAFICO 4: Gráfico de resposta sobre a modalidade esportiva que o Museu detém.....	56
GRAFICO 5: Gráfico com o resultado sobre a tipologia de acervo esportivo que o Museu possui.....	57
GRAFICO 6: Gráfico da quantidade de objetos por coleção do acervo de Suzete Montalvão.....	84
GRAFICO 7: Gráfico da quantidade de medalhas de acordo com os formatos encontrados na coleção.....	104

LISTA DE SIGLAS

ABRAM – Agência Brasileira de Museus

AIA – Associação Ibero-Americana de Atletismo

CAIXA – Caixa Econômica Federal

CASSAZUM – Associação do Centro Social dos Suboficiais e Sargentos do Primeiro

Comando Aéreo

CBAT – Confederação Brasileira de Atletismo

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CBDU – Confederação Brasileira de Desportos Universitários

CIA – Centro Interescolar de Atletismo

CND – Conselho Nacional de Desportos

COB – Comitê Olímpico do Brasil

COI – Comitê Olímpico Internacional

CON – Comitê Olímpico Nacional

CONSUDATLE – Confederação Sul-Americana de Atletismo

CPD – Confederação Paraense de Desportos

DEFIDE – Departamento de Educação Física e Desportos

FADU – Federação Alagoana de Desportos Universitários

FAV – Faculdade de Artes Visuais

FBS – Federação Brasileira de Sports

FCA – Federação Catarinense de Atletismo

FEUP – Federação de Esportes Universitários do Pará

FPAAt – Federação Paraense de Atletismo

FPD – Federação Paraense de Desportos

IAAF – Federação Internacional de Atletismo Amador

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICA – Instituto de Ciências da Arte

LAPRET – Laboratório de Preparação Técnica

MEC – Ministério da Educação

MHN – Museu Histórico Nacional

MIAPA – Museu Itinerante do Atletismo Paraense

MINC – Ministério da Cultura

MINOM – Movimento da Nova Museologia

MOCCA – I Mostra de Cultura, Ciência e Arte da Faculdade de Artes Visuais
ODEPA – Organização Desportiva Pan-americana
SECDT Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo
SEDEL – Secretaria de Esporte e Lazer - MA
SEDUC – Secretaria de Educação
SEE – Secretaria de Estado de Educação
SEED – Secretaria de Educação Física e Desportos
SEEL – Secretaria de Esporte e Lazer
SEET – Secretaria de Estado de Esportes e Turismo
SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura
UFPA – Universidade Federal do Pará
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPITULO 1 – GÊNERO E MUSEOLOGIA	22
1.1. A AUSÊNCIA DE ESTUDO DE GÊNERO NO CURSO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.....	22
1.2. A INVISIBILIDADE DE ATLETAS MULHERES NO ESPORTE E NOS MUSEUS	26
CAPITULO 2 – ORIGEM DO ATLETISMO E A SUA DIFUSÃO PELO PAÍS E NO ESTADO DO PARÁ	32
2.1. BREVE HISTÓRICO DO ATLETISMO NO BRASIL.....	34
2.1.2. Principais atletas do Brasil e do Pará.....	35
2.1.3. Suzete Montalvão: Uma história de vida por meio das raíais.....	40
2.1.4. Principais organizações esportivas de atletismo.....	43
CAPITULO 3 – MUSEU E MUSEOLOGIA NO ACERVO ESPORTIVO	49
3.1. O MUSEU ITINERANTE DO ATLETISMO PARAENSE.....	59
3.1.1. O acervo esportivo do Museu Itinerante do Atletismo Paraense.....	62
3.1.2. Coleção de medalhas como objeto de estudo.....	69
3.2. DOCUMENTAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO.....	76
CAPITULO 4 – O PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DO ACERVO SUZETE MONTALVÃO À COLEÇÃO DE MEDALHAS	82
4.1. SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO.....	83
4.2. INVENTÁRIO MUSEOLÓGICO.....	87
4.3. FICHA CATALOGRÁFICA.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICES	120

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir da criação de um museu proposto na disciplina de “Laboratório de Prática Documental” em 2016, ministrada pela Professora Ms^a. Marcela Cabral, na qual a equipe¹ deveria realizar a prática documental de todo processo de criação e gestão no acervo do museu criado – incluindo a elaboração de Ata de criação do museu, Políticas de aquisição e descarte, Laudos técnicos de entrada e saída de acervos para exposição, Documentos de aquisição de acervo (troca, doação, empréstimo, compra), Termos de aceite e recusa, Inventário, Sistema de Classificação e Fichas Catalográficas.

A partir de então, foi configurado o Museu Itinerante do Atletismo Paraense (MIAPA)², o qual tem o objetivo de dialogar com a população, por meio de exposições itinerantes, sobre os benefícios que o esporte, e nesse caso, o atletismo pode trazer para o indivíduo na formação do seu caráter social, pois essa modalidade, além de estar entre as mais praticadas no mundo, tem a capacidade de alcançar pessoas das camadas sociais menos favorecidas economicamente – que inclui, aponta oportunidades e ressalta os potenciais para além das aptidões físicas, além de também possuir características críticas e de superação (Relato da atleta e treinadora Suzete Montalvão, 2016).

O MIAPA conta com os acervos dos atletas Abelardo dos Santos Neves, Agberto da Conceição Guimarães, Raimundo Nonato Squires, Ronaldo Estevam Lobato e das atletas Inês Antônia Ribeiro e Suzete Montalvão, tendo sido selecionado o acervo³ desta última atleta mencionada. Sendo assim, o seu acervo que possui 156 objetos divididos em 5 coleções (Coleção de Documentos, Coleção de Objetos Pessoais, Coleção de Medalhas, Coleção de Troféus e Coleção de Indumentárias), passou por uma nova seleção para ser realizado este trabalho de conclusão de curso. Selecionei então, a Coleção de Medalhas que contém 101 objetos por ser a coleção que possui um quantitativo de objetos maior em relação as outras, e além de ter uma maior variabilidade de representações e de momentos diferentes na história da atleta.

Deste modo, o projeto foi levado para além da disciplina, tendo ações de documentação, pesquisa e exposição realizados pela mesma equipe de criação do MIAPA. Atualmente, dou foco apenas em uma coleção dentro deste vasto acervo para dedicar atenção

¹ Suzete Montalvão, Gabriele Martins, Paloma Costa, João Vitor Polaro, Jaiane Lima, André Luiz Ferreira e Vitor Xavier.

² Haja vista que ele tenha surgido como proposta pelas fundadoras da Federação Paraense de Atletismo (FPAT), Suzete Montalvão e Sandra Malcher

³ No terceiro capítulo desta monografia, discutirei sobre as questões de acervo e de coleção.

ao processo de inventariação, buscando evidenciar o potencial museológico que este possui na elaboração de pesquisas voltadas para a área da Museologia.

O principal objetivo desta pesquisa é evidenciar a importância da documentação museológica das medalhas para a sistematização, recuperação e salvaguarda de informações por meio de objetos, principalmente em coleções particulares. Segundo Ferrez (1991) “todo objeto é detentor de informação, logo eles possuem um conjunto de sentidos que são fundamentais” para alguns públicos, tais como esportistas, estudantes, pesquisadoras/es, etc. Portanto, o processo de documentação museológica que vem sendo realizada na coleção de medalhas busca, através das práticas documentais, o detalhamento das informações intrínsecas⁴ para posteriormente dar continuidade a este trabalho em uma das suas variadas abordagens, seja por meio de entrevistas à atleta, como forma de obter informação extrínseca⁵, seja ao processo de análise de patologias no ferro, ou outros tipos de abordagens que esse primeiro trabalho possa oferecer na área museológica. Compreendendo que estes objetos apresentam uma potencialidade para representarem memórias e identidades dos grupos que possuem interesses em esportes, uma vez que, pensamos a documentação desta coleção da atleta paraense a partir da compreensão de que esta pode contribuir para a reconstituição de histórias, de identidades e das memórias desses grupos, principalmente dos paraenses que durante as décadas de 70, 80, 90 e 2000 vibraram durante o “boom!” das competições realizadas tanto na capital paraense quanto no próprio país.

Como objetivos específicos, buscou-se refletir sobre os conceitos relacionados à Museu e à Museologia, bem como apresentar de forma detalhada e crítica o processo de atualização no inventário das medalhas; do sistema de classificação do acervo; a elaboração de etiquetas que compreendesse tanto a organização interna quanto a utilização em exposição itinerante e, por fim, a revisão da ficha catalográfica elaborada inicialmente, pois foi necessário adequá-la ao material da coleção de medalhas, evitando que informações fossem ocultadas de modo que a organização e recuperação das informações obtidas se tornassem acessíveis e úteis para o público e para as/os pesquisadoras/es (NASCIMENTO, 1994) com fins de relacionar o patrimônio material, sua preservação e salvaguarda à memória esportiva do atletismo paraense, além de ponderar o espaço e as coleções existentes de mulheres atletas com finalidade de também enfatizar o estudo de gênero dentro de sala de aula para então instigar as alunas e alunos

⁴ Aquelas deduzidas do próprio objeto, através da análise das suas propriedades físicas.

⁵ Aquelas obtidas de outras fontes que não o objeto e que só muito recentemente vêm recebendo mais atenção por parte dos encarregados de administrar coleções museológicas.

a pensarem na presença/ausência de mulheres em determinados locais e como esse estudo poderá influenciar nas aplicações museológicas.

Como metodologia aplicada nesse trabalho, utilizou-se entrevistas com as ex-atletas Suzete Montalvão, Sandra Malcher e Inês Antônia Ribeiro para subsidiar um breve histórico de atletas na modalidade no estado do Pará. Segui então para a discussão sobre o estudo de gênero no curso de Museologia da UFPA, tendo como ferramenta a listagem de alunas ingressas e egressas do curso durante esses 10 anos de graduação na Instituição Federal de Ensino Superior Paraense. Devido à escassez de informações sobre museus e esporte, necessitei elaborar um questionário que pudesse sanar alguns questões básicas para a aquisição de informações desses museus com temáticas esportivas no Brasil, além de utilizar as plataformas on-line de pesquisas de museus, o Museus Br e o Registro de Museus Ibero-americanos. Por meio do estudo do objeto e pensando a documentação como subsidio de pesquisa, realizei alterações no material de documentação de forma que a sistematização seja entendível a/ao profissional, a pesquisadora e ao pesquisador que queira utilizar o resultado deste trabalho, assim de uma forma clara e didática expliquei os metadados inseridos para o preenchimento de informações. Por fim, destaquei uma medalha da coleção para exemplificar como a ficha catalográfica deve ser preenchida a modo, de percebermos a importância de outras fontes para adquirir informações extrínsecas que possam nos ajudar a compreender dados para uma pesquisa mais aprofundada sobre determinado elemento, bem como a possibilidade de relacionar com temáticas políticas, econômicas, sociais, culturais, etc.

A relevância da coleção estudada é ainda somada ao valor histórico – dado ao fato de essa modalidade ter tido grandes atletas mulheres no Pará –, com presença de elementos iconográficos e afetivos, considerando que as competições trazem para as pessoas que se identificam com o esporte, todo o sentimento que envolve uma torcida, a premiação pelo título, recordes alcançados, toda essa rememoração que pode ser trazida por meio da materialização na forma de medalha. Além do potencial histórico, destacamos a importância em analisar a relação do museu com o esporte nos espaços museológicos. Sendo assim, buscamos promover a difusão de pesquisas museológicas em acervos esportivos, cuja a lacuna nessa área é perceptível quando relacionamos aos museus históricos sendo que, o esporte e principalmente a modalidade Atletismo possui uma trajetória de destaque aparente na evolução humana.

O referencial teórico-metodológico aplicado neste trabalho terá como base as autoras Fernanda Camargo Moro (1986), Helena Dodd Ferrez (1987/1991), principalmente pelo uso do Thesaurus com colaboração de Maria Helena Bianchini (1987), Maria Inês Candido (2006), Suely Moraes Ceravolo (2000/2007) Maria de Fátima Tálamo (2000/2007), Heloisa

Barbuy (2008) e Renata Cardoso Padilha (2014), para a discussão relacionada a documentação museológica e na elaboração dos suportes da documentação para o objeto de estudo. Trarei também a discussão sobre museologia fazendo uso principalmente de autores como Primo (2006), Rubim (2008), Rangel (2010), Diana Farjalla Lima (2013), Dominique Poullot (2013), Marília Xavier Cury (2005), Cristina Bruno (2009), Pomian (1984), dentre outras/os, enfatizando a importância do uso de coleções esportivas no fazer museológico e também, a utilização de Marcia Tiburi (2018), Bell Hooks (2018), Chimamanda Ngozi Adiche (2015) e Mary MC Carrey Genger (1993) para a base de discussão de gênero neste trabalho.

No primeiro capítulo, serão discutidas as questões sobre o estudo de gênero durante a formação no curso de Museologia da Universidade Federal do Pará, de modo que, como essa possa interferir na ampliação crítica de nossa leitura cotidiana e acadêmica. Saindo das questões discutidas no âmbito acadêmico, passamos para a discussão de gênero no esporte e museus, e como essas atletas mulheres se tornam invisibilizadas por atletas homens dentro da sua área de atuação e dentro dos discursos trazido nos museus quando relacionado aos esportes.

O segundo capítulo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tratará sobre o histórico do atletismo nas instâncias internacionais, nacional e paraense. Dada a importância do atletismo em ser a modalidade mais antiga que a humanidade vem praticando, pois, o ser humano necessitava realizar os movimentos básicos (correr, saltar, arremessar e lançar) para manter a sua sobrevivência e por meio deste atentou-se à possibilidade de transformar esses movimentos em modalidades de lazer e competição (Inteligência Esportiva, s.a). Com o intuito de promover, também, a inserção da leitora e do leitor no cenário esportivo do atletismo para então poder se familiarizar com termos e principalmente as organizações e os eventos atléticos que a modalidade possui. Ainda neste capítulo, será apresentada uma pequena explicação sobre essas organizações e uma lista dos eventos, bem como o nome de grandes atletas que fizeram parte das conquistas brasileiras e principalmente paraense.

O terceiro capítulo discutirá sobre museus e Museologia, perpassando pelo processo de musealização com o uso da documentação museológica que dá suporte para que este processo seja efetuado, enfatizando a importância do uso de coleções esportivas e da atuação da/o profissional museóloga/o como principal responsável pelo tratamento adequado aos objetos, de maneira a não interferir e por meio da documentação poder revelar a sociedade a essência da musealia⁶. Neste também se discorrerá sobre a criação do Museu Itinerante do

⁶ Segundo Desvallées e Mairesse (2013), a Musealia ou Objeto de Museu refere-se aquele objeto ou coisa – qualquer tipo de realidade em geral – que, após ser retirado do seu estado natural por serem considerados

Atletismo Paraense – MIAPA – que é formado pelo acervo pessoal da atleta Suzete Montalvão Fraiha e de outros e outra atletas destaques desse circuito esportivo. Atualmente, o acervo conta com diversas tipologias materiais, os quais encontramos peças de metal, têxtil, acrílico, madeira, pelúcia, vidro e rocha. Desta maneira, será apresentado o objeto de estudo deste trabalho, a coleção de medalhas, tendo como justificativa que tal objeto é o símbolo mais importante nas premiações esportivas e aqui, é a coleção que possui a maior quantidade de elementos o que destaca a competência da atleta paraense. Assim, a pesquisa consiste em apresentar o desenvolvimento da documentação da coleção especificamente desta subcategoria do acervo esportivo de atletismo paraense, referente às décadas de 1970 ao ano 2000.

O quarto capítulo trará o processo metodológico realizado desde a organização do acervo como um todo, até a coleção de medalhas para assim detalhar a elaboração e a atualização do inventário museológico, sistema de classificação e ficha catalográfica de modo a apresentar os objetos que compõe esta coleção.

Finalizando, se discute a importância do fazer museológico, principalmente quando busca-se emergir memórias e histórias a serem compartilhadas e refletidas. Afim de evidenciar o estudo em coleções esportivas seja por meio da documentação, exposição, pesquisas para levantamento de discussões sobre esporte e patrimônio e/ou outros, assim poder incentivar e expandir os benefícios que o estudo deste tipo de coleção⁷ pode trazer ao museu e para a comunidade do esporte.

“portadores de testemunhos irrefutáveis sobre o desenvolvimento da natureza ou sociedade” (Schreiner, 1985), eles passarão por um processo de musealização, ganhando assim, uma nova função dentro do Museu.

⁷ Coleção de Medalhas esportiva referente as conquistas da atleta paraense de atletismo Suzete Montalvão.

CAPITULO 1 – GÊNERO E MUSEOLOGIA

O movimento feminista surge com o intuito de evitar que mulheres sofram com a opressão social de modo a levar a sociedade como um todo, a estruturas mais justas no seu âmbito político, econômico e social. Devido as alterações sociais que começam a se intensificar durante o período da Revolução Francesa, as mulheres começam a perceber sua submissão perante os homens e então, passam a questionar-se sobre essa situação (LENZI, s.a).

Durante o período das três ondas feministas, as demandas em relação ao direito da mulher em diversos espaços foram crescendo e o que antes só tínhamos como função cuidar de casa e família, hoje, depois de décadas de luta já conquistamos direitos em uma ampliação muito boa, nos dando uma certa liberdade. Porém, ainda não estamos livres do preconceito enraizado, onde mulheres não poderiam ter voz e hoje precisamos nos fazer presente diariamente nos lugares em que atuamos; dentro de nossa própria família; entre amigos; trabalho e nos espaços de convívio social, afim de dar força ao movimento e garantia de nossos direitos.

Desse modo, percebe-se na museologia uma ferramenta importante para se criar discussões e diálogos entre homens e mulheres, dentro e fora da academia, por meio do Museu, já que ele tem como função adquirir, conservar, estudar, expor e transmitir o patrimônio em sua forma material ou imaterial com finalidade ao estudo, educação e deleite (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). Assim, nós enquanto pesquisadoras devemos nos utilizar dessa ferramenta e expor nosso posicionamento que vem travando lutas em prol de um coletivo, de uma visibilização da mulher que pode e deve atuar nos diversos espaços, principalmente aqueles que foram destinados aos homens, mostrando que podemos ir muito mais além do que cuidar de casa e família.

1.1. A AUSÊNCIA DE ESTUDOS DE GÊNERO NO CURSO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

O Curso de Bacharelado em Museologia da UFPA que esse ano completa 10 anos de existência, surgiu em 2009, sendo até então a única graduação oferecida por uma Instituição de Ensino Superior na Região Norte. Ele atualmente possui 13 docentes, sendo 10 efetivas/os⁸ e 3

⁸ Carmen Lucia Silva, Flavia Palácios, Sue Anne Costa, Luzia Ferreira, Idanise Hamoy, Maria do Socorro Lima (afastada), Marcela Cabral (afastada para doutorado), Wanessa Lott, Luiz Tadeu da Costa e Diogo Melo (afastado para sanduiche).

substitutas/os⁹, dos quais 9 são mulheres, o que nos dá um quantitativo de professoras maior que de professores no Pará na área da museologia como foi percebido também por Valéria Silva (2018) “como na maioria dos cursos de Museologia no país, o curso na UFPA é composto majoritariamente por mulheres, tanto no corpo docente, quanto no corpo discente”.

Partindo dessa afirmação, buscou-se analisar os dados de ingresso (ver tabela 1) de alunas e alunos no período de 2009 a 2019, afim de perceber em números exatos a quantidade e procura pelo curso, de público de mulheres, o que totaliza em 70% (243 mulheres) comparado ao total de 347 ingressantes em 10 anos.

TABELA 1: Quantitativo de alunas e alunos em diversas categorias.

Turma	Alunas concluintes	Alunas desistentes	Alunas ativas	Alunos concluintes	Alunos desistentes	Alunos ativos	Total de alunas/os
2009	9	4	-	6	7	-	26
2010	12	9	-	5	5	-	31
2011	12	4	1	7	5	1	28
2012	17	10	-	2	3	-	32
2013	9	10	-	3	7	-	29
2014	10	9	-	4	3	-	31
2015	7***	6	9	3****	3	2	30
2016*	-	6	20	-	1	9	36
2017	-	4	20	-	1	8	33
2018**	-	4	24	-	2	3	33
2019	-	3	23	-	2	10	38

* 1 aluna trancou o curso.

** 1 aluno trancou o curso.

*** sendo 4 já formadas e 3 formando em julho de 2019.

**** sendo 2 já formados e 1 formando em julho de 2019.

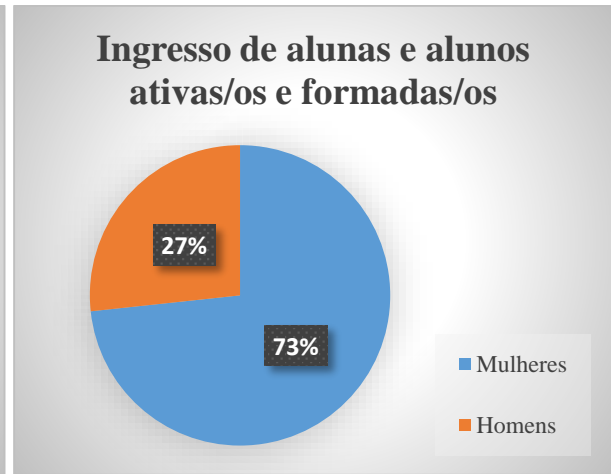
Para tal leva-se em consideração a contabilização incluindo alunas formadas, ativas, trancadas, canceladas e formandas, bem como os dados utilizados para totalizar os 30% (103 homens) ingressantes. Se desconsiderarmos alguns desses dados e calcular apenas pelo número de alunas/os ativas/os e formadas/os teremos ainda uma superioridade quantitativa de alunas mulheres, com o total de 173 alunas e ex alunas (73%) e 63 alunos e ex alunos (27%).

⁹ Cristiane Godinho, João Vitor Diniz e Emanuel Fernandes Jr.

GRÁFICO 1: Quantitativo de alunas/os ingressas/o no curso.



GRÁFICO 2: Quantidade de alunas/os ativas/os e formadas/os no curso.



Em março de 2015 iniciei minha formação acadêmica pelo curso de Bacharelado em Museologia pela UFPA e durante os 3 anos e meio era um tanto imperceptível discussões relacionadas a gênero dentro de sala de aula ou por algum evento promovido pelo curso. Apesar do corpo docente apresentar majoritariamente mulheres, em nossa turma essas discussões não eram abordadas, a não ser que alguém tivesse contato por grupos de pesquisa ou outros cursos com estudos relacionados a questões feministas, eu particularmente só comecei a ter contato durante meus últimos 6 meses de formação, devido minha pesquisa para este TCC, justamente o período em que a Prof^a Dr^a Luzia Gomes Ferreira¹⁰ volta a assumir seu cargo como docente efetiva do curso.

Entretanto, não posso negar que durante a formação tivemos discussões sobre grupos subalternizados, onde podemos incluir a discussão de gênero, porém o foco foi para aqueles grupos relacionados a questão racial e econômica, passando por questões relacionadas a mulher de maneira superficial nas disciplinas de Antropologia, onde quem comandava até mesmo o referencial teórico eram os homens.

Assim, esse retorno da docente traz consigo, discussões mais amplas e críticas sobre a história de luta política, invisibilidade e a inserção de mulheres nos espaços. De tal modo, que em março de 2019 tem seu Projeto de Extensão intitulado “Xirê da Leitura: Mulheres Negras Grafando Memórias em Letras de Poesia” aprovado, o qual tem como objetivo “Criar um espaço de memória com leituras e debates das obras de poetisas negras brasileiras e estrangeiras, compreendendo a literatura negra como um patrimônio do nosso tempo, assim como, um lugar de fala”, de modo a dar voz, visibilidade e escuta as mulheres negras, provocando um

¹⁰ A docente encontrava-se afastada para formação de Doutorado em Portugal.

“desequilíbrio do status tirando a Museologia da zona de conforto que tem adormecido até então” (FERREIRA, 2019).

Este é o único projeto dentro do curso que visa tratar essas questões feministas, além das próprias aulas ministradas pela professora Luzia Gomes Ferreira, na qual ela enfatiza a importância de refletirmos a nossa posição enquanto mulher na academia e em outros espaços como forma de decolonização.

De certo, percebendo a grande demanda de mulheres, e a ausência de discussões voltadas aos estudos feministas em determinado momento da graduação, o que chega a ser um pouco contraditório, já que o próprio corpo docente é composto em sua maioria por mulheres. E em detrimento das lutas políticas que as mulheres vem discutindo desde o fim do século XVIII e mais recentemente no século XX onde há uma ampliação das necessidades desse grupo, também se faz importante a quebra de prática de preceitos educacionais de uma metodologia tradicionalistas como trata GERGEN (1993) ao criticar que “ao mesmo tempo em que houve crescimento e desenvolvimento na teoria e no ensino, menos se alcançou na prática da pesquisa acadêmica dentro do ambiente universitário”(1993:110).

Vale ressaltar que essa ferramenta que a academia fornece se tornou primordial para a propagação do feminismo, tal como aponta Bell Hooks onde diz que “o movimento feminista se fortaleceu quando encontrou o caminho da academia. Em salas de aula por toda a nação, mentes jovens eram capazes de aprender sobre pensamento feminista, ler a teoria e usá-la em pesquisas acadêmicas” (2018:43), cedendo oportunidade nas diversas possibilidades de abordar as questões de gênero e difundi-las, sem esquecer, é claro, que se deve ir além da pesquisa.

Essas metodologias feministas que Mary M. Gergen critica poderiam ter, de certa maneira, dado uma abertura no modo de pensarmos o problema da linguagem como um fator que agrega o machismo, uma vez que a “norma culta padrão” opta pela utilização de artigos no masculino, generalizando homens e mulheres a uma forma de tratamento masculina em que mulheres devem se sentir incluídas e se o contrário acontece, possivelmente haveriam homens esbravejando, pois, aquele modo de tratamento ferira a sua “masculinidade” e consequentemente não sentiriam se incluídos quando tratados de a senhoras, queridas, moças, entre outras. Este motivo é o que me faz aqui escrever seguindo uma padronização que possa englobar mulheres e homens, utilizando artigos nos dois gêneros.

De fato, é imprescindível o estudo feminista no curso, pois, muitos chegam com posicionamentos agregados ao patriarcado e ao conservadorismo da criação passada de geração em geração, e assim, levando em consideração a Museologia como uma ciência que dialoga com o patrimônio, a memória, a história, a antropologia, a cultura, dentre outras, faz-se

importante essa “educação feminista para uma consciência crítica” como aborda Bell Hooks (2018) em que, as mudanças nas percepções socializadas por nossos pais sejam discutidas de maneira a desconstruir os pensamentos sexistas (2018:41). Visando uma ampliação de pensamento e reflexão que essa metodologia de estudo possibilita, de forma a promover a “recuperação da história das mulheres” (HOOKS, 2018:42) e principalmente quando feita por mulheres (HOOKS, 2018).

Visto que a educação feminista tenha sido falha durante minha formação acadêmica, as questões tratadas neste capítulo não se tornam tão aprofundadas, porém, propõe-se que este trabalho possa ser um ponto pé inicial para que as próximas produções da área museológica tragam abordagens mais críticas em relação ao sexismo que vivemos, de modo que o estudo vá além da sala de aula, que se desdobrem a extensões que buscam a visibilidade de trabalhos de mulheres.

1.2. A INVISIBILIDADE DE ATLETAS MULHERES NO ESPORTE E NOS MUSEUS

Ao tratar sobre atletas mulheres tanto no esporte quanto nos museus, percebemos o quanto que as informações ficam cada vez mais escassas. No esporte, elas sofrem constantes discriminações devido sua participação em um local tido como “espaço de homem”, porém, deve-se lembrar que essa é uma atribuição feita na infância, quando meninas são destinadas a brincar de casinha e os meninos a brincar de bola e se o inverso acontece ambos são tachados como “maria-macho” e “menininha”, durante esse processo de formação é que Hooks (2018) se atenta para a inserção de uma educação feminista de modo a evitar rótulos para atividades, evitando o sexismo.

No campo dos esportes, as mulheres ainda sofrem preconceito. No mês de junho de 2019, tivemos a oportunidade de poder assistir à Copa do Mundo Feminina, televisionada¹¹ pela primeira vez, e assim, poder acompanhar notícias sobre os jogos, a seleção e a luta dessas jogadoras que fizeram surgir reportagens sobre esse momento histórico na conquista de espaço das mulheres.

Com toda essa repercussão midiática que estamos presenciando, as críticas em relação ao futebol feminino também ficam evidentes quando pesquisamos essas reportagens e percebemos que homens ainda tratam as jogadoras brasileiras como inferiores aos jogadores brasileiros. Vale ressaltar que a artilheira da seleção, Marta, é 6 vezes ganhadora do prêmio que

¹¹ Em parte, pois, apenas os jogos da seleção brasileira estão disponíveis, diferente de quando há o televisoramento da seleção masculina em que conseguimos acompanhar todos os jogos dessa competição.

a considera a melhor do mundo, além de ser considerada também a melhor artilheira do mundo com seus 17 gols, ultrapassando o jogador alemão Klose com 16 gols em Mundiais, sem falar ainda que é a primeira atleta a marcar em cinco edições diferentes da Copa, já Neymar nunca ganhou a premiação de melhor do mundo e possui 56 gols, o que nos leva a pensar em outro ponto, a disparidade salarial de ambos (Revista Época Negócios, 2019). Neymar ganha 91, 5 milhões de dólares, enquanto Marta recebe 0,3% do salário do jogador, o equivalente a 340 mil dólares por temporada (Revista Época Negócios, 2019).

As críticas ainda são feitas relacionadas ao modo de jogar das mulheres, em contrapartida, as jogadoras entram em campo mostrando que futebol é lugar para mulher também, além de entrarem maquiadas¹² e com unhas feitas, como forma de reivindicar esse espaço e dar visão à luta das mulheres, como Marta fez ao usar chuteiras com o símbolo do “Go Equal”¹³.

FIGURA 1: Comentários sobre reportagem de Marta pós derrota na Copa do Mundo 2019



FONTE: Site Super Esportes – Esporte Internacional¹⁴

¹² Marta durante o jogo contra a Itália, entrou com um batom na cor Sangria da marca de cosméticos AVON, como estratégia de marketing de sua renovação de patrocínio com a empresa (Reportagem online da revista Veja, 2019).

¹³ Significado do símbolo de igualdade de gênero no futebol: “Bola igual. Campo igual. Regras iguais. Se a mulher joga futebol da mesma forma que o homem, por que ela não é reconhecida igualmente?” (Reportagem online do blog Torcedores, 2019)

¹⁴ Entrevista de Marta após eliminação do time na qual ela incentiva novas jogadoras com (https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-internacional/2019/06/23/noticia_futebol_internacional,898842/marta-faz-apelo-para-jogadoras-apos-queda-do-brasil-no-mundial.shtml)

Apesar de as mulheres terem conseguido ter essa visibilidade no futebol feminino, isso ainda não sana a imagem da mulher no esporte, haja vista que o futebol a nível nacional é a modalidade mais assistida, o que dá uma certa vantagem a seleção feminina em relação as outras modalidades, sobretudo, o atletismo.

Usei aqui informações sobre o futebol pois, com a Copa Feminina sendo televisionada e estando no “foco” das mídias, há mais informações recentes disponíveis sobre essa relação de mulheres e esporte, o que nos faz perceber ainda mais a invisibilidade de mulheres nessa área de atuação.

Em Belém, segundo o relato de Inês Ribeiro (2018), durante alguns treinos que fazia na avenida perimetral com rua da CEASA, por diversas vezes era chamadas de “macaca” por homens que passavam por ela e os mesmos ainda a atiravam legumes. Outro fator que podemos citar aqui, é a invisibilidade da ex-atleta Suzete quando comparada a notoriedade de Alan Fonteles, o paratleta que Suzete treinou desde os 8 anos até atingir seu auge. É muito mais fácil lembrar de atletas homens nas modalidades esportivas do que as mulheres, primeiro, por que o investimento para o esporte praticado por mulheres é inferior ao investido nos homens e por conseguinte, a mídia tende a priorizar o que a massa populacional consome, ou seja, se estamos vivendo em um país ou região onde homens são mais valorizados que as mulheres, com toda certeza que a atuação esportiva será dos homens.

Em vista dessa ausência de informação que encontrei, busquei então, analisar as questões de atletas mulheres no âmbito dos museus via questionário¹⁵ online aplicado a alguns museus de esportes do Brasil. Esse questionário foi dividido em 3 partes, porém, apenas a segunda parte nos interessa para a discussão deste sub-tópico. Assim, tratei de verificar nesses museus pesquisados as seguintes questões:

1. Existe acervo de atletas mulheres na exposição? (resposta objetiva entre SIM ou NÃO)
2. Qual o tipo de exposição que essas atletas estão? (resposta objetiva entre PERMANENTE, TEMPORÁRIA ou ITINERANTE)
3. Quais são essas atletas e qual a modalidade? (resposta subjetiva)
4. Você julga importante a existência de histórias de atletas mulheres no museu? Justifique sua resposta. (resposta subjetiva)
5. Caso haja acervo de atletas mulheres no Museu, como é a disposição desse material em exposição? (resposta subjetiva)

¹⁵ O mesmo questionário foi usado para dar suporte a outras aquisições de informação que serão tratadas no capítulo 3 deste trabalho.

De 16 museus que contatei, apenas 6 retornaram com o questionário preenchido, sendo eles: Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt (região sul), Sport Club Corinthians Paulista (região sudeste), Sport Club do Recife (região nordeste), Fluminense Football Club (região sudeste), Museu do Futebol de São Paulo (região sudeste) e Museu do Sport Club Internacional (região sul).

Com exceção do Museu do Grêmio, todos os outros 5 responderam que possuem acervo de atletas mulheres, porém, por serem museus de esporte direcionados ao futebol, todos eles dão atenção à jogadoras de futebol e apenas 2 dentre esses possuem atletas de outras modalidades como o Atletismo, Basquete, Vôlei e Saltos Ornamentais, que nesse caso são o Fluminense Football Club e o Sport Club do Recife, os quais podem ser verificados no quadro abaixo.

QUADRO 1: Respostas dos 6 museus sobre as 3 primeiras questões.

MUSEU	QUESTÃO 1	QUESTÃO 2	QUESTÃO 3
Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt	Não	-	-
Sport Club Corinthians Paulista	Sim	Permanente	Futebol
Sport Club do Recife	Sim	Permanente / Temporária	Futebol, Atletismo e Basquete
Fluminense Football Club	Sim	Permanente	Vôlei, Basquete, Atletismo, Saltos Ornamentais e etc
Museu do Futebol - São Paulo	Sim	Permanente	Futebol
Museu do Sport Club Internacional	Sim	Permanente	Futebol

Por outro lado, ao mesmo tempo em que dizem ter esses acervos, poucos dão ênfase as atletas de modo a explorar a história que as mulheres podem proporcionar com a sua trajetória e acervo, sem falar que essa inclusão pode acabar promovendo o museu e auxiliar na desconstrução de uma imagem na qual, o “esporte foi feito para homens”, excluindo as participação das mulheres.

Partindo desse pressuposto, ao analisar a questão 4 desse questionário, onde me direciono a indagar sobre a importância da existência dessas histórias de atletas mulheres nos museus, todos os 6 museus consultados julgaram ser importante retratar essa existência, cito aqui a resposta do Museu do Futebol onde acha crucial “dar visibilidade à história e memórias das "resistentes" desse período, e o legado que isso trouxe, é mais do que necessário se quisermos

tratar com seriedade a história do futebol (enquanto modalidade esportiva, para além da tipificação de gênero)”, ou seja, o Museu visa trabalhar a história do futebol e a partir daí inter-relacionar jogadoras e jogadores que fazem parte desse contexto indo além das questões de gênero, entretanto, é claro que também se faz necessário tencionar essas questões sexistas dentro do esporte de modo a utilizar o Museu como uma ferramenta dialógica, pois, precisamos expor as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, afim de chegar ao momento em que elas começam a ser visibilizadas, que suas lutas começam a ter mais força.

Dessa forma, trago aqui a resposta do Museu do Sport Club Internacional,

Acreditamos ser importante a presença da história das mulheres com o intuito de combater a invisibilização que ocorre com as mesmas dentro do esporte. Sabemos que o futebol jamais deixou de ser praticado pelas mulheres mesmo no período de proibição da prática (1941-1979), porém muitas destas trajetórias são difíceis de ser remontadas. No caso específico do Inter, tentamos trabalhar com o período em que houve/há futebol feminino organizado, salientando suas rupturas e continuidades, bem como a diferença existente entre as duas modalidades (masculino e feminino) e as consequências que isso traz para o futebol feminino nos dias atuais. (Museu do Sport Club Internacional, 2019)

onde eles, tratam a questão da mulher atleta no museu como importante para combater a invisibilidade, levando em consideração que a construção dessa trajetória seja complicada de ser contextualizada, a modo de criar um histórico mais detalhado pela falta de disponibilidade de informações sobre mulheres no âmbito do esporte, porém, é imprescindível tratar do futebol sem tratar das questões sociais, elencando tanto as mulheres quanto os homens, evidenciando as consequências causadas pela ascensão do futebol masculino em relação a atuação feminina da mesma modalidade.

Destaquei apenas essas duas respostas para tratar de museus que já tentam incluir a discussão de mulheres em relação ao esporte, pois, foram os que mais se aproximaram. Abaixo destaco as respostas de forma resumida, apontando os principais pontos citados nas respostas longas dadas a questão 4 e a questão 5.

QUADRO 2: Respostas das questões 4 e 5 de forma sintetizada.

MUSEU	QUESTÃO 4	QUESTÃO 5
Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt	Sim. O clube tem Futebol feminino, mas não tem acervo, apesar delas serem pioneiras no esporte do clube.	Não há.
Sport Club Corinthians Paulista	Sim. Considera a presença feminina forte na modalidade e aponta que ainda está ganhando destaque.	Pontual, no momento.
Sport Club do Recife	Sim. Importante para rememorar atletas e incentivar as novas atletas.	Há troféus, bola da final e fotografias dispostas juntamente com outras conquistas do clube.

Fluminense Football Club	Sim. Considera que as mulheres são protagonistas e devem estar presentes em exposição.	Fotografias de conquistas e das próprias jogadoras, medalhas e troféus em uma parede dedicada aos esportes olímpicos, conquistados por elas.
Museu do Futebol - São Paulo	Sim. Julga extremamente importante, haja vista que dar visibilidade a história e a memória delas e do legado que trouxeram para tratar com seriedade a história do esporte.	Há uma sala chamada “Anjos barrocos” onde as jogadoras Marta e Formiga estão juntamente com outros destaques d futebol. Há ainda uma exposição dedicada ao futebol feminino com fotografias e vídeos.
Museu do Sport Club Internacional	Sim. Considera importante, de modo, a ajudar no combate contra a invisibilidade das jogadoras, assim como evidenciar a diferença entre a pratica nos dois gêneros e a consequência disso.	São 3 totens sendo cada 1 contando a história esportiva de cada uma das 3 atletas (Bel, Duda e Tati) e principalmente da trajetória no clube.

Os demais museus percebem a importância desse outro olhar para a história do futebol, porém, os espaços destinados a elas é pequeno, tendo no máximo uma parede falando sobre, ou nem há espaço, reforçando mais ainda que os museus além de serem classistas, são sexistas e estão caminhando em passos lentos para que possa-se ter espaços iguais para homens e mulheres, tanto nos museus quanto nas raíais.

CAPITULO 2 – ORIGEM DO ATLETISMO E A SUA DIFUSÃO PELO PAÍS E NO ESTADO DO PARÁ

Atletismo é considerado a modalidade mais antiga que a humanidade vem praticando no mundo pois, o ser humano necessitava realizar os movimentos básicos tais como correr, saltar, arremessar e lançar para manter a sua sobrevivência e por meio deste atentou-se a possibilidade de transformar esses movimentos em modalidades de lazer e competição (Inteligência Esportiva, s.a). Segundo Mezzadri e Capraro (s.a) da Inteligência Esportiva, apesar de existirem relatos em que a modalidade surgiu há mais de quatro mil anos no Egito, há fatos que comprovam a ocorrência de competições de corridas de velocidades e saltos na Antiga Grécia, os quais se fizeram presentes nos primeiros Jogos Olímpicos da Antiguidade (776 a.C), porém não era intitulado atletismo. O esporte atletismo surgiu na contemporaneidade, no século XIX na Inglaterra com o primeiro campeonato britânico em 1866. Em 1868 a modalidade chega aos Estados Unidos e daí em diante começa a tomar proporções mundiais e conseqüentemente foram surgindo cada vez mais adeptos ao esporte. Mediante a essa proporção mundial, em 1896, nos primeiros Jogos Olímpicos da modernidade, sediados em Atenas, foi possível a introdução da modalidade, e pouco tempo depois, em 1912, criaram a instituição responsável pela normatização e regulamentação do Atletismo, a Federação Internacional de Atletismo Amador (IAAF), quando 17 países acharam necessário ter um órgão responsável pela a organização de campeonatos e hoje já conta com 212 países integrantes (Inteligência Esportiva, s.a).

Atualmente as disputas dividem-se entre provas de rua, pista e campo, além das combinadas, como o decatlo¹⁶, destinado a atletas do sexo masculino, onde ele realiza dez provas divididas em dois dias e o heptatlo¹⁷ destinado para atletas do sexo feminino¹⁸, (Inteligência Esportiva, s.a) também realizadas em dois dias, sendo quatro no primeiro dia e as outras três no segundo dia (ALVES, s.a).

- As modalidades que compõe as **provas de rua** são, a maratona – corrida de aproximadamente 42,195km – e a marcha atlética, tipo de marcha em que esteja sempre no limite do andar e o correr.

¹⁶ 100m rasos, salto em altura, arremesso de peso e 400m rasos no primeiro dia; e, no segundo dia, 110m com barreira, lançamento de disco, salto com vara, lançamento de dardo e 1500m rasos.

¹⁷ 80m com barreira, arremesso de peso, salto em altura, salto em distância e 200m rasos.

¹⁸ Há exames para certificar que a atleta é do sexo feminino ou do sexo masculino, evitando que ocorra competições mistas por fraudes.

- As **provas de pista** compreendem as rasas, sendo as de 100, 200 e 400 metros apreendidas como corrida de velocidade, as de 800 e 1.500 metros de corrida de meio-fundo e as de 3.000, 5.000 e 10.000 metros como velocidade prolongada, todas elas são realizadas individualmente, bem como as com obstáculos, 3.000m, com barreiras, 400m masculino e feminino, 100m feminino e 110m masculino, já os revezamentos 4x100 e 4x400 metros, são provas realizadas em grupo (O Liberal, 1997);

- As **modalidades de campos** são divididas entre as de arremesso e as de salto, como salto em altura – os atletas devem atingir a altura máxima entre os competidores ao se lançarem sobre uma vara –, salto triplo – os atletas iniciam a prova com uma corrida e sucessivamente 3 saltos, sendo o último indo para dentro de uma caixa de areia na tentativa de alcançar a maior distância –, salto em distância – modalidade em que o atleta necessita inicialmente, pegar impulso com a corrida e em apenas um salto, se lançar para dentro de uma caixa de areia buscando a distância maior entre os outros concorrentes –, salto com vara – utilização de uma vara para dar sustento na subida para o salto sobre a vara –, arremesso de peso – os atletas iniciam a prova de costas para o local do arremesso, dando um giro para pegar mais impulso e assim, lançar o peso –, lançamento de martelo – giro do martelo sob a cabeça para então lança-lo –, lançamento de dardo – inicia uma corrida com o dardo para posteriormente lança-lo –, lançamento de disco – com um giro rápido, o lançamento é feito em busca da maior distância em que o objeto consegue alcançar – (Inteligência Esportiva, s.a).

De acordo com Mezzadri e Capraro (s.a) apesar do atletismo ter sido a modalidade esportiva mais antiga, foi apenas em 1926, na 25ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional (COI), em Lisboa que a participação feminina foi aprovada, porém em poucas provas. As mulheres participaram pela primeira vez nos Jogos de Amsterdã (1928) em apenas de 5 modalidades, sendo elas corrida de 100m e 800m, revezamento 4x100m, lançamento de disco e salto em altura. Ainda não haviam padronizado o programa feminino no esporte, o qual foi questionado em 1934 durante a 33ª Sessão do COI e a participação de mulheres foi aceita através de uma votação acirrada de 11 votos a favor e 9 contras. Em 1981 entra para o programa feminino, a modalidade de Marcha Atlética, em 1998 são incluídos o salto com vara e lançamento de martelo e em 2005 a prova de 300m com obstáculos. No total o Atletismo possui 47 provas, sendo 24 provas masculinas e 23 femininas (Inteligência Esportiva, s.a).

2.1. BREVE HISTÓRICO DO ATLETISMO NO BRASIL E NO PARÁ

No Brasil, o esporte teve início nas últimas décadas do século XIX porém, foi apenas nas três primeiras décadas do século XX que o Atletismo foi consolidado, principalmente com a filiação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) a Associação Internacional da Federação de Atletismo (IAAF) em 1914 (CBAAt, s.a). Mais tarde, em 1924 o Brasil teve sua primeira equipe a participar de Jogos Olímpicos, porém, a equipe não conseguiu se classificar. No ano de 1929, ocorreu a participação da equipe de atletismo na seleção das estaduais e posteriormente as sul-americanas. Em 1931, o país ganhou suas primeiras medalhas internacionais nas modalidades de 400m com barreiras e arremesso de dardo no Campeonato Sul-Americano, ocorrido em Buenos Aires. Em 1937 obteve a titulação de campeão geral. No ano de 1952 em Helsinque, Adhemar Ferreira da Silva trouxe a medalha de ouro olímpica e novamente em 1956 na edição de Melbourne Adhemar subiu ao pódio, além de vencer nos anos de 1955 e 1959 nos Pan-Americanos (Inteligência Esportiva, s.a). Desde então, grandes nomes do atletismo brasileiro começaram a surgir.

As pesquisas com relação ao histórico do atletismo no estado são escassas, a ponto de as únicas fontes escritas serem as matérias de jornais da década de 60, o pouco que se sabe parte da criação da Federação Paraense de Atletismo (FPAAt) que cresceu nesta modalidade durante os anos 90, principalmente pela vasta lista de atletas mulheres que fizeram parte dessa trajetória inicial no Pará. A Federação foi fundada em 22 de fevereiro de 1997, por meio de uma nota oficial da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAT), pois a Federação Paraense de Desportos (FPD) se recusava a desatrelar o esporte de seu departamento (relato da ex atleta Sandra Malcher, 2018). A FPAAt teve sua fundação com as dirigentes e os dirigentes, Sandra Malcher como presidente, Ronaldo Brasil vice-presidente, Suzete Montalvão diretora-técnica e Abelardo Neves diretor financeiro (O Liberal, 1997).

A equipe pequena da Federação teve grandes desafios para manter a entidade pois, além da falta de compromisso por parte de pessoas que estavam à frente da modalidade, havia também a ausência de apoio para os atletas e as atletas que necessitam de bolsas para se manter correndo (relato da ex atleta Sandra Malcher, 2018) como também afirma a reportagem sobre a inauguração da pista de atletismo da Escola Superior de Educação Física, reformada de acordo com padrões olímpicos (O Liberal em 1997). Após a entidade estar regulamentada pela CBAT, no mesmo ano, no Campeonato Norte e Nordeste de Atletismo para Menores que ocorreu em Fortaleza, a FPAAt conseguiu levar atletas para participarem da competição, classificando-os e

classificando-as como entre as/os oito melhores, dentre esses, destacou-se a atleta Iranildes Assunção ao bater recorde nos 3.000m com tempo de 10'30'40 décimos (O Liberal 1997).

No Pará a modalidade mais praticada é a corrida de pista, apesar da corrida de rua ser a preferida das/os praticantes. Esta modalidade possui no Pará dois nomes destaques no masculino, Antônio Luciano Alves e Antônio Mauro Guedes, e um destaque feminino, Iranildes Assunção, que iniciou no esporte aos 12 anos e aos 15 já era integrante da seleção paraense de atletismo (O Liberal, 1997). Atualmente por falta de apoio financeiro para as/os atletas resultante da má gestão da FPA o atletismo perdeu força assim como os eventos no estado ficaram escassos.

2.1.2. Principais Atletas do Brasil e do Pará

Tivemos grandes destaques no atletismo a nível nacional, como os já conhecidos, João Carlos de Oliveira o “João do Pulo”, Adhemar Ferreira da Silva, além dos demais medalhistas brasileiros como o velocista Joaquim Cruz nos masculinos.

João Carlos de Oliveira - conhecido como João “do pulo”. O atleta foi três vezes campeão mundial e o seu recorde de 17,89m, conquistado no ano de 1975, manteve-se durante dez anos. João só não foi campeão olímpico em decorrência de fatalidades. Primeiro, quando disputava as Olimpíadas de 1976 em Montreal, machucou-se no dia da competição e não conseguiu repetir o sucesso de saltos anteriores, ficando com a medalha de bronze. Já nas Olimpíadas de 1980, em Moscou, o atleta brasileiro foi vítima de uma armação soviética para dar o título ao competidor Victor Saneiev João ficou novamente com o terceiro lugar no pódio. O atleta brasileiro que desejava continuar competindo e, conseqüentemente, tentar a tão desejada medalha olímpica em 1984, sofreu um grave acidente automobilístico no ano de 1981, e teve sua perna direita amputada, fato que o fez encerrar a carreira prematuramente e cair no alcoolismo.

Adhemar Ferreira da Silva – 1952 e 1956 – salto triplo – medalha de Ouro – olimpíada de Helsinque e olimpíada de Melbourne. Tinha sido campeão pan-americano um (1951) ano antes, em Buenos Aires e, em 1950, já havia estabelecido o recorde mundial com a marca de 16m. duas vezes campeão pan-americano (1955 e 1959). Ainda estabeleceu o recorde mundial mais quatro vezes, alcançando a melhor marca da carreira (16,56m) em 1955.

Joaquim Cruz também foi um dos atletas mais proeminentes do Atletismo brasileiro. Ele ganhou a medalha de ouro na disputa dos 800m rasos nas Olimpíadas de Los Angeles (1984) e a medalha de prata na mesma prova em Seul (1988). Era especialista também na prova de 1500m rasos, na qual foi bicampeão pan-americano (1987 e 1995). Não participou das Olimpíadas de Barcelona, em 1992, por conta de uma lesão e encerrou sua carreira após a edição de Atlanta (1996), onde não obteve sucesso. (Inteligência Esportiva, s. a)

Mesmo tendo citado os atletas homens, dar-se foco nesta pesquisa as atletas mulheres, tanto a título nacional quanto estadual. Uma referência importante da inserção da mulher no esporte atletismo é a história da esportista alemã **Kathrine Switzer**, a primeira mulher a cruzar

a linha de chegada oficialmente inscrita com um dorsal¹⁹, isso ocorreu em 19 de abril de 1967 na Maratona de Boston, nesta época mulheres eram impedidas de competir e então movida pelo sentimento da quebra de paradigmas, as quais mulheres seriam incapazes de conseguir correr 42.195 km e mesmo com a tentativa do monitor, no quarto quilometro, em impedi-la de continuar, empurrando-a para o passeio, seu namorado derrubou o monitor e ela pode finalizar a corrida (É Desporto, 2018).

Quarta-feira, 19 de abril de 1967. Há 741 atletas inscritos para participar na maratona de Boston e Kathrine Switzer, com o dorsal 261, é um deles. A estudante de jornalismo de 19 anos tinha feito uma viagem de quatro horas de carro na véspera, juntamente com o treinador, o namorado e um colega da equipa de cross-country da universidade de Syracuse, e estava preparada para correr os mais de 42 quilómetros da prova.

A ideia tinha ganhado corpo em dezembro do ano anterior durante uma enorme discussão com o treinador, Arnie Briggs. Kathrine queria correr a maratona de Boston e manifestou precisamente esse objetivo. Do outro lado, Arnie, um homem experiente e com várias maratonas nas pernas, disse que era impossível, que era um esforço demasiado grande para uma «mulher frágil».

Os dois travaram-se de razões durante vários minutos e chegaram a um acordo: se a jovem fosse capaz de correr a distância durante um treino, seria o próprio treinador a levá-la até Boston para a emblemática corrida. E foi isso que aconteceu, com um pequeno bónus. Kathrine sentiu que a distância foi tão simples de correr que sugeriu a Arnie que corresse mais dez quilómetros só para jogar pelo seguro e aumentar a confiança (site É Desporto, 2018).

FIGURA 2: Thomas Miler ao evitar que Jock Semple empurrasse Kathrine para fora da corrida.



FONTE: site É Desporto (2018)

¹⁹ Faixa numérica que os corredores carregam no dorso.

Desta maneira, começaram a surgir mulheres para adentrar nessa modalidade em suas várias tipologias de provas, destacamos algumas atletas brasileiras como: Aida Santos, Keila Costa, Orlane Santos, Maurren Maggi, entre muitas outras mulheres desse esporte.

Aida Santos: Foi a única mulher a representar o Brasil nas Olimpíadas de Tóquio em 1964. Nascida em 01 de março de 1937 e moradora do Morro do Arroz, em Niterói. Aida é mulher, negra e da periferia, que desde a infância fora educada pelos pais a fazer as tarefas domésticas para que depois fizesse algo de seu gosto, nesse caso o vôlei na época, e por meio desse esporte surgiu no atletismo por incentivo de uma amiga que lhe dava carona do Morro do Arroz, onde morava, até o clube Botafogo, onde treinavam. Seu pai era um homem muito rigoroso e não acreditava que o esporte “daria futuro”, preferindo que a esportista trabalhasse para ajudar em casa. Após entrar no atletismo pela prova de salto em altura ela conseguiu no seu primeiro salto em competição bater o recorde de 1,45m para 1,50m no Rio de Janeiro. Apesar das grandes dificuldades que enfrentou tanto em casa quanto pelo Brasil nas Olimpíadas em Tóquio, pois, Aida foi sem treinador, sem calçado adequado, sem material, sem vestimentas para competir e não obteve nenhum auxílio nem pra acomodação durante a estadia no país, a atleta conseguiu alcançar a marca para as finais que era 1,70m, alcançando a marca de 1,74m e a 4ª colocação na prova (Belline, 2016). Atualmente é professora de Educação Física e titular da cadeira de Educação Física da Universidade Federal de Fluminense desde 1975 (site ABRAM).

Keila Costa: Nasceu em 02 de março de 1983 em Recife Iniciou no esporte aos 10 anos de idade, no ano de 1993 por influência do seu professor de Educação Física, Roberto Ribeiro de Andrade e em 2002 ganhou medalha de bronze na prova de salto triplo no Mundial de juvenil de Kingston, Jamaica, sendo a primeira mulher a subir no pódio por um campeonato Mundial da IAAF. É recordista de salto triplo desde 2007 com a marca de 14,57m e no salto em distância com 6,88m e em 2010 se torna a primeira mulher brasileira a ganhar medalha tanto no Mundial Juvenil (2002) quanto no Mundial Adulto (2010). A atleta já participou de quatro olimpíadas e está almejando a quinta em 2022 (site CBAAt).

Orlane Santos: foi uma atleta manauara de heptatlo e que até o atual momento é dona do recorde em salto em altura, adulto com a marca de 1,92m conquistado em 1989 e das provas em nível infantil com 1,85m e juvenil com 1,88m. Hoje é arquiteta conceituada e tem um escritório em Santo André em São Paulo²⁰.

²⁰ Retirado de entrevista no “Estilo Angélica Nicoletti” de 04 de agosto de 2016.

Maurren Maggi: primeira mulher do esporte individual brasileiro a ser campeã olímpica ao conquistar a medalha de ouro no salto em distância em Pequim (2008) além de ser tricampeã pan-americana em eventos consecutivos (Winnipeg – 1999, Rio de Janeiro – 2007 e Guadalajara – 2011) e uma medalha de prata nos 100m com barreiras em 1999 também em Winnipeg (Inteligência Esportiva, s.a).

Iranilde Assunção: a atleta paraense nascida em Breu Branco, inicia no esporte desde os 12 anos e aos 15 anos ganha o Norte/Nordeste Juvenil, Norte/Nordeste de Menores além de ganhar notoriedade no Jogos da Juventude no Brasil e de chegar em primeiro lugar na corrida internacional São Silvestre na sua categoria (15 a 19 anos). A atleta também foi destaque aos 16 anos por ser a única paraense à integrar a delegação brasileira de atletismo (O Liberal, 1998). Ela conseguiu o 6º lugar no revezamento 4 x 400m e o 13º nos 1.500m (O Liberal, 1999).

Sandra Malcher: Faz parte da segunda geração do atletismo e era atleta do clube Paysandu e conquistou medalhas no Campeonato Estudantil Brasileiro de 1974 e 1975 nas provas de 400m, 800m e 1.500m. Em 1997 faz parte da equipe fundadora da Federação Paraense de Atletismo (FPAt) e ganha destaque na equipe de arbitragem do CIA (relato da ex atleta Sandra Malcher). Hoje em dia é 2ª tesoureira do Conselho Regional de Educação Física da 18ª Região (CREF-18-PA-AP).

Isolina Ribeiro: Faz parte da primeira geração do atletismo no Pará. Foi fundadora do Centro Interescolar de Atletismo (CIA) juntamente com o professor Alberto Duarte de Oliveira. Isolina é irmã mais velha de Inês Ribeiro e levou sua irmã ao atletismo, e no mesmo período descobre Suzete Montalvão na Escola Estadual Paulinho de Brito. Ela foi condecorada como a “Destaque Feminino de Técnica o Pará” quando treinadora da seleção brasileira de atletismo obtendo condecoração a nível nacional. Após ir para Alemanha com uma bolsa de estudos voltou para o Pará, porém não se sente à vontade ao falar do esporte e procura evitar o assunto (relato de ex-atleta Inês Ribeiro, 2018).

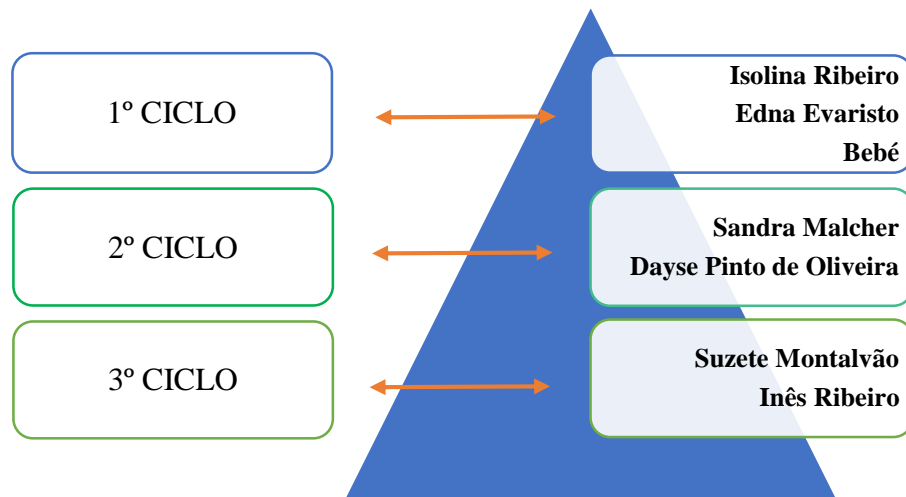
Inês Ribeiro: Atleta da terceira geração juntamente com Suzete Montalvão. Atleta de competições a nível nacional. Competiu na prova de revezamento 4 x 100m e ganhou medalha de bronze com a equipe formada por Nazaré Dias, Cleide e Ivete em Indianópolis pelo Brasil e no mesmo ano foi ao Pan-americano e o Mundial. Ganha o terceiro lugar no Ibero-Americano sediado no México. Iniciou na Federação Paraense de Atletismo (FPAt) e finalizou na Federação Catarinense de Atletismo (FCA). Em 1989 ganha medalha de honra ao Mérito pela CBAAt (relato de ex-atleta Inês Ribeiro, 2018). Atualmente é professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA).

Elizabeth Cruz: Atleta da Associação dos corredores de Rua de Icoaraci (asdecori) colocou o Pará no melhor ranking a nível nacional nas provas de 15 km e em 2000 foi campeã paraense de corrida de rua em campeonato estadual promovido pela FPAAt. Ganhou o Troféu Juracy Magalhães, Corrida da Unifor, 2ª Olimpíadas da Sefa, Corrida da Paz e mais quatro vitórias e um terceiro lugar em Fortaleza (CE) (O Liberal, 2000).

Suzete Montalvão: Única atleta feminina paraense a competir em Olimpíadas. Participou da Olimpíada de Seul, Coreia do Sul, em 1988 com a equipe de revezamento 4x400m no qual, ficam em quarto lugar na prova com o tempo de 3:36.81. Suzete encerra a sua carreira vinculada pela Federação de Atletismo de Manaus. Foi treinadora do atleta paralímpico Alan Fonteles e hoje é professora voluntária na descoberta de novos talentos junto ao projeto Atletismo no Mangueirão, além de dedicar-se a sua carreira acadêmica na área do patrimônio.

A partir de entrevistas realizadas com as ex-atletas, destaca-se o surgimento de atletas mulheres na modalidade atletismo em três ciclos. Esses ciclos representam o grupo de mulheres que estavam emergindo dentro do esporte em um determinado momento, que aos poucos iam conquistando espaço para que outras mulheres pudessem surgir e continuar o trabalho nessa tarefa de dar visibilidade e força, já que ser mulher atleta era motivo de chacota naquela época.

QUADRO 3: Ciclo de principais atletas do cenário do atletismo no Pará.



Outros grandes nomes do atletismo paraense foram a da arremessadora de disco “Bebê” - já falecida - e Edna Evaristo as quais fizeram parte do primeiro cenário esportivo do atletismo no Pará e da velocista Dayse Pinto de Oliveira que fez parte do segundo ciclo atlético no estado, porém, não há informações disponíveis a público sobre suas carreiras e vidas além de ser difícil o contato com as mesmas por motivos particulares.

2.1.3. Suzete Montalvão: Uma história de vida por meio das raias

Suzete Montalvão Fraiha nasceu em 17 de fevereiro de 1965 na cidade de Belém. Segundo relato da atleta (2018), aos nove anos de idade inicia a vida atlética, através de uma propaganda que chegou até a escola pública onde ela estudava, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paulinho de Brito. Vieram até a unidade de ensino, a treinadora Isolina Ribeiro e o atleta Alberto Oliveira que convidaram os alunos e alunas a conhecer e participar de um projeto de atletismo para escolas públicas que, incentivava as crianças a praticarem o esporte e assim, surgiram novos nomes nesta modalidade. A atleta então iniciou por meio desse projeto e após pouco tempo, no Centro Interescolar de Atletismo, ganhou seu primeiro troféu (Figura 03).

FIGURA 3: Primeiro troféu conquistado pela atleta Suzete Montalvão.



FONTE: Gabriele Martins (2017)

Com 13 anos se especializou na prova de 400m rasos e aos 15 vai morar nos Estados Unidos com seu técnico e outros atletas.

Nesse período eu fiquei aqui me desenvolvendo né, iniciando, ai com 13 anos eu já comecei a participar de competições nacionais, com 12, 13 anos, eu fui me destacando nas competições nacionais e o meu professor [...], meu treinador, ele foi estudar nos Estados Unidos com a esposa, foram fazer pós graduação e resolveram pedir uma bolsa para o MEC pra continuar o projeto levando duas atletas, aliás 3 atletas e dentre esses 3 eu fui uma das que ele contemplou pra participar, pela minha idade, por ser nova, eu ainda tinha muito ainda a caminhar, e ai ele me levou e eu fiquei com ele no projeto durante quase um ano (Relato de Suzete Montalvão, 2018)

Ao voltar para o Brasil, resolve estudar e dar uma pausa dos treinos por um ano. Em 1988, nas Olimpíadas de Seul, Coreia do Sul, participou da equipe de revezamento 4x400m e ficaram em quarto lugar na prova com o tempo de 3:36.81. No mesmo ano, Suzete foi campeã do 4x400m na Cidade do México e bateu o recorde brasileiro e sul-americano, além de estar entre os *Top 15* na história dos 400m no Brasil (Revista do Atletismo Brasileiro PODIUM, 2015). Após a olimpíada de Seul, encerrou a carreira de atleta e volta-se a dedicar a sua

profissão de Professora de Educação Física e em 2001 inicia um trabalho com atletas paraolímpicos (RUBIO, 2015) como relata a seguir:

Ah, eu tinha uma meta né, de chegar a uma olimpíada e coincidiu de eu chegar a olimpíada no período em que eu tava concluindo a minha graduação no curso de Educação Física e que logo em seguida, eu já estava com um vínculo empregatício dentro da minha profissão então isso, fez com que eu antecipasse essa minha fase de atleta e passar a fase de professora, mas também dentro da área do atletismo que era uma coisa que eu já gostava e que eu queria passar isso pras pessoas, ensinar as pessoas e dar continuidade no desenvolvimento do esporte (Relato de Suzete Montalvão, 2018)

Suzete ganha destaque novamente ao aparecer como treinadora, sendo a primeira treinadora do atleta paraolímpico Alan Fonteles, velocista paraense que conhece o esporte aos 8 anos de idade e iniciou sua vida como paratleta aos 12 obtendo muito incentivo da treinadora para continuar no esporte independente de sua condição física (Revista Época, 2017). Em 2012, torna-se campeão paralímpico e recordista mundial do 100m e 200m na categoria T43/44, ultrapassando o sul-africano Oscar Pistorius (Inteligência Esportiva, s.a.). O paratleta conquistou títulos e marcas que resultaram em, aos 24 anos de idade ser considerado um dos melhores velocistas paralímpicos (Revista Época, 2017).

FIGURA 4: Alan Fonteles torna-se recordista mundial.



FONTE: EMPICS Sport (2012)

Em 2009 a Federação Paraense de Atletismo (FPAt) homenageou e premiou Suzete por conta da sua dedicação em busca de novos talentos e promove o Festival “Suzete Montalvão” de Atletismo, destinado a atletas mirins (Portal ORM, 2009). Suzete atualmente é voluntária no Projeto Atletismo no Mangueirão que tem a missão de incentivar o esporte e encontrar novos talentos para o atletismo paraense. Em relato, a atleta fala que mesmo entrando em processo de aposentadoria ela se dispôs a ficar no projeto voluntariamente, pois, sua paixão pelo esporte continua e pretende que outras pessoas possam dar seguimento no esporte. Na turma do projeto há crianças e adolescentes que assim como Alan Fonteles, encontraram no

atletismo uma maneira de mudar a vida. Suzete conta sobre um de seus alunos, um garoto de 14 anos que desde os 8 anos entrou no projetos e vem querendo se desenvolver no esporte e que de certa forma, a vida dele mudou pois, ao perder uma das pernas o menino não queria fazer mais nada, não queria viver e foi então que o atletismo surgiu mostrando que há possibilidades de continuar a vida, mesmo amputado, e hoje ele é mais seguro e mais posicionado até politicamente (relato de Suzete Montalvão, 2018).

[...] o esporte, não só o atletismo mas o esporte de modo geral ele é seletivo ele acaba querendo selecionar o melhor, o mais potente, o mais forte, o que é mais veloz né, e muitas vezes você acha que aquele que não tem um membro, não tem uma perna, ou tem qualquer outra diferença no sentido físico, não seria capaz de executar e foi ao contrario né, pode-se fazer um trabalho e mostrar que também eles tem potencial e eles podem desenvolver esse potencial com as condições que eles possui e nisso deu resultado, deu certo, então hoje é uma prova de que o esporte ele tem que incluir e não separar (relato de Suzete Montalvão, 2018)

Dessa maneira, a atleta segue como professora voluntária na descoberta de novos talentos, acolhendo e dando motivação para que outras crianças assim como seu aluno possa perceber no esporte uma ferramenta de mudança de vida social, ultrapassando as dificuldades motoras e dando lugar aos potenciais esportivos que cada um possui. Além disso, Suzete concluiu sua graduação no curso de Bacharelado em Museologia pela Universidade Federal do Pará no ano de 2018 e em junho de 2019 segue sua carreira acadêmica na área do patrimônio pelo Programa de Pós Graduação em Patrimônio – PPGPATRI/UFPA.

FIGURA 5: Suzete Montalvão e seus alunos do Projeto Mangueirão de Atletismo.



FONTE: Uchôa Silva - Agência Belém (2016)

2.1.4. Principais organizações esportivas de atletismo e eventos

De modo geral, as organizações esportivas são responsáveis pelas organizações de eventos em seus diversos âmbitos, algumas com particularidades que incluem as regulamentações, normativas e até mesmo intervenções diretas a qualquer órgão esportivo de atletismo. Desta forma, cito aqui as principais organizações dos eventos e regulamentadoras dos mesmos a fim de deixar a leitora e o leitor cientes das Associações, Confederações, Federações e Comitês existentes na modalidade do Atletismo como forma de auxílio na leitura do inventário museológico elaborado nesta pesquisa, haja vista que as informações contidas nas medalhas certamente possuem o organizador do evento e a partir disso pode-se ter noção do nível de premiação ou condecoração de determinado feito.

- **Associação Internacional da Federação de Atletismo (IAAF)**

Em 1912, em Estocolmo foi fundada a Federação Internacional de Atletas Amadores (IAAF) sendo a entidade que rege o atletismo em âmbito internacional. Em 2001, depois de várias alterações políticas e socioeconômicas e buscando refletir o crescimento do esporte profissionalmente, passa a ser chamada de Associação Internacional da Federação de Atletismo (site IAAF).

- **Associação Ibero-Americana de Atletismo (AIA)**

Fundada em 1982, a associação conta com 30 federações membro, entre países europeus, latino americanos, africanos e aqueles de origem ibérica, espanhola ou portuguesa. As Federações são de: Andorra, Angola, Argentina, Aruba, Bolívia, Brasil, Cabo Verde, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, Equador, El Salvador, Guatemala, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Honduras, México, Moçambique, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Porto Rico, República Dominicana, São Tomé e Príncipe, Espanha, Uruguai e Venezuela. A AIA é responsável pela organização de normas e das competições Ibero-Americanas (MANSILLA, 2010).

- **Comitê Olímpico Internacional (COI)**

A fundação do Comitê Olímpico Internacional (COI) tem data no dia 23 de julho de 1894, sendo idealizada por Pierre de Coubertin com o objetivo de reproduzir de quatro em quatro anos os Jogos realizados na Grécia Antiga. Após um hiato de 1500 anos em inatividade, os Jogos olímpicos retornam, já na era moderna, na tentativa de dialogar com outros países evidenciando a importância do Comitê. Hoje em dia, o COI é o responsável pela legislação e administração dos Jogos Olímpicos e tudo que é produzido por ele, além de controlar o

Movimento Olímpico através das Federações Internacionais e os Comitês Olímpicos Nacionais (site COI, s.a.).

- **Comitê Olímpico Nacional (CON)**

Antes chamado de **Comitê Olímpico do Brasil (COB)** tem sua fundação em 1914 e foi um dos primeiros Comitês Nacionais a ser criado. A sua responsabilidade é centralizar e coordenar os esportes em âmbito nacional e representar o Brasil no cenário esportivo Internacional assim como os outros Comitês dos diversos países (site COB).

- **Confederação Sul-Americana de Atletismo (CONSUDATLE)**

Fundado em 1918, tem a função de organizar o atletismo na América do Sul (site CONSUDATLE).

- **Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt)**

Foi fundado em 1977, porém só começou a atuar em 1979. Esta Confederação é responsável pela regulamentação do esporte no país (site CBAt).

- **Confederação Brasileira de Desportos (CBD)**

Antes chamada de **Federação Brasileira de Sports (FBS)**, foi fundada em 1914 e em 1916 troca o seu nome, porém, em 1979 é extinta, dando lugar as Confederações brasileiras para cada modalidade. Ela tinha a responsabilidade de administrar todas as modalidades esportivas brasileiras (site acervo da bola, 2015).

- **Confederação Brasileira de Desportos Universitários (CBDU)**

Fundada em 1939, a entidade é responsável pela administração do desporto universitário brasileiro (site CBDU).

- **Conselho Nacional de Desportos (CND)**

Com criação em 1957 com finalidade de mediar e regularizar a prática esportiva, podendo intervir diretamente em uma associação esportiva, confederação ou federação já que possui competências normativas, legislativa, executiva e judicante (MOREIRA, 2016).

- **Federação Paraense de Atletismo (FPAt)**

A Federação tem criação em 19 de fevereiro de 1997 com 5 clubes (Imperial, São Domingos, Sport Belém, Adesef, Alegria) vinculados e 6 atletas fundadores. Após um grande conflito para ser desvinculado da Confederação Paraense de Desportos (CPD), a FPAt conseguiu dar visibilidade ao Atletismo no Estado. Hoje a Federação está sob a presidência de Jacó Lameira do Carmo e possui 17 clubes vinculados, entre eles encontramos a Assembleia Paraense e o Grêmio Literário Português. No total, segundo o site da CBAt, estão cadastrados apenas 24 atletas paraenses (relato da ex atleta Sandra Malcher, 2018). Cada estado possui uma

Federação para representar o seu estado a nível nacional e organizar os clubes para as promoções de atletas.

- **Federação de Esportes Universitários do Pará (FEUP):** criada em 1941 tem a missão de representar a Federação em nível nacional e organizar torneios universitários (site CBDU).

- **Troféu Comitê Olímpico do Brasil**

Foi criado em 1971 como forma de estimular a prática de esportes em todas as regiões e descobrir novos talentos (site COB).

- **Organização Desportiva Pan-americana (ODEPA)**

Fundada em 1948 a ODEPA é responsável pela organização dos Jogos Pan-Americanos podendo reunir os Comitês Olímpicos Nacionais dos países do continente americano (site COB).

- **Centro Interescolar de Atletismo (CIA):** Fundado por Isolina Ribeiro e Alberto de Oliveira, tinha a missão de descobrir novos talentos a partir de seleção, a qual selecionava 3 atletas para treinar pelo CIA.

FIGURA 6: Inauguração do CIA como organizador de eventos.



FONTE: Acervo Particular de Inês Ribeiro (s.a.d.).

As organizações poderiam também se organizar conjuntamente com as Secretarias nos estados do Brasil, o Ministério de Esporte e Cultura, a exemplo temos a Secretaria de Estado de Esportes e Turismo (SEET) de São Paulo que organizou o Campeonato Sul-americano de Atletismo Adulto XXXIV Masculino / XXIV Feminino em 1987 em que Suzete conseguiu o primeiro e segundo lugar em duas modalidades.

Os eventos ou competições esportivas são aquelas que tem como finalidade selecionar um ou mais ganhadores dependendo da regra estabelecida pelos organizadores, para ganhar algo como troféus, medalhas ou algum outro meio que reconheça a vitória. Segundo Souza (s.a) as competições já existem desde os primórdios e o ser humano sempre disputou entre si para obter o lugar de destaque, sendo esta disputa pacífica ou não. As competições esportivas podem estimular a/o praticante a ser disciplinado/o, trabalhar em equipe e até mesmo promover a superação de si já que as/os atletas são submetidas/os a uma rotina que requer uma mudança tanto na alimentação quanto no seu horário, desse modo ocorre a estimulação no preparo com intuito de tornar-se cada vez mais forte, mais dedicado, abrindo mão de atividades ou práticas que possam prejudicar o seu desenvolvimento no caminho do crescimento, sem é claro, ter que passar por cima de ninguém, compreendendo que o outro também é importante e fez de tudo para chegar até o resultado final (MARQUES, 2014).

Lista-se aqui os principais eventos esportivos de Atletismo, nos níveis Locais²¹, Estaduais²², Regionais²³, Nacionais²⁴, Internacionais²⁵ e Mundiais²⁶. Estes eventos são organizados pelas Confederações e Federações dependendo do seu nível.

No Pará, os principais organizadores dos torneios eram a Federação Paraense de Desportos (FPD) e posteriormente passou para a responsabilidade da Federação Paraense de Atletismo (FPAt), o Centro Interescolar de Atletismo (CIA), Secretaria de Esporte e Lazer (SEEL) e o Governo do Estado do Pará em parceria com a Caixa Econômica Federal (CAIXA).

QUADRO 4: Quadro de eventos e seus respectivos níveis.

Evento	Nível
Campeonato Brasileiro de Atletismo	Nacional
Campeonato Ibero-Americano de Atletismo	Internacional
Campeonato Intercolegial Juvenil de Atletismo	Nacional
Campeonato Sul-Americano de Atletismo	Internacional
Cassazum	Estadual
Copa Brasil de Atletismo	Nacional
Copa Norte e Nordeste	Regional
Corrida de Belém	Local

²¹ São competições realizadas nas cidades vizinhas dentro da região metropolitana, como as competições de rua e nas escolas, a exemplo temos a Corrida do Círio e os Jogos Modernistas de Belém, este último ocorre entre atletas do Colégio Moderno;

²² São aquelas realizadas no Estado e dependendo do resultado o atleta pode subir de nível e ir a uma regional;

²³ São as competições sediadas com intuito de título pré nacional, a constar o Norte-Nordeste, onde são selecionados os melhores atletas para as competições nacionais;

²⁴ São competições realizadas em algum estado dentro do país, toma-se como exemplo o Grande Prêmio Brasil;

²⁵ São competições realizadas entre países, como o Ibero-Americano ou Sul-Americano;

²⁶ São eventos que ocorrem com os variados continentes, como as Olimpíadas;

Corrida do Círio	Local
Grande Prêmio Brasil de Atletismo	Nacional
Grande Prêmio Internacional de Atletismo	Mundial
Jogos Amadoristas de Belém	Local
Jogos Escolares Brasileiros	Nacional
Jogos Modernistas	Local
Jogos Olímpicos de Atletismo	Mundial
Jogos Pan-Americanos de Atletismo	Continente Americano
Operação Juventude	Estadual
Torneio Aberto	Estadual
Torneio Clovis Malcher	Estadual
Torneio Sul-Americano de Atletismo	Mundial
Troféu Brasil de Atletismo	Nacional
Troféu Centro Oeste de Atletismo	Regional
Troféu Norte-Nordeste de Atletismo	Regional
Troféu União de Atletismo	Nacional
Memorial Im Bronislavwd Malinowskiego	Mundial

Considerando o histórico do Atletismo desde o internacional até o local, iniciaremos a discussão entre museus e esporte, compreendendo que a prática de pesquisas nessa temática esportiva não tem uma abordagem muito ampla quando relacionado à Museus. Por essa modalidade ter sido, historicamente e biologicamente, primordiais para a sobrevivência humana, considero esta uma relevante pesquisa para salientar a competência de mulheres no desporto, pois, esse cenário esportivo na capital paraense tem seu início por meio de esforços de atletas mulheres que foram retiradas do destaque pelas mídias dando lugar aos atletas homens, o que é percebido em jornais ou na preferência em televisionar eventos praticados por homens.

O destaque no histórico do atletismo na capital é dado pela ex-atleta Isolina Ribeiro que fora responsável por trazer à tona e capacitar a ex-atleta Suzete Montalvão, mostrando que não são apenas homens que tem habilidades no esporte, como é claramente justificado pelo número de conquistas, projetos, recordes, condecorações e os níveis de competições que Montalvão alcançou durante sua carreira tanto no esporte quanto na educação.

Em vista de evidenciar esse tipo de investigação no campo museológico, primeiramente, em níveis locais, trago aqui a experiência de um estudo realizado na Coleção de Medalhas existente no Acervo Esportivo da ex-atleta paraense Suzete Montalvão com o

intuito de incitar a criação histórica dessa modalidade na cidade de Belém por meio das informações adquiridas pela cultura material esportiva de Suzete.

3. MUSEU E MUSEOLOGIA NO ACERVO ESPORTIVO

A ex-atleta Suzete Montalvão ao perceber em sua coleção a importância de transmitir o papel do atletismo para os grupos interessados em esporte no Pará, de modo que os valores simbólicos atribuídos as medalhas possam revelar memórias ligadas até mesmo com a história do Brasil, propõe a modalidade de Museu Itinerante e conseqüentemente os objetos que constituem esse, passem pelo processo de musealização, dando o pontapé inicial através da documentação museológica que é feita como forma de registro desse período de 70 a 2000, e das memórias que eles carregam, transitando pela pesquisa e pela exposição, que são processos de musealização com finalidade a preservação (LOUREIRO, 2016). Preservação essa que está atrelada a noção de patrimônio (RÚSSIO, 1984 apud LOUREIRO, 2016).

Assim, a partir dos processos realizados pela museologia para fins de preservação, toma-se a coleção de medalhas como o patrimônio que visa representar o legado de uma atleta e incitar outras/os a exporem seus acervos de âmbito esportivo, de modo que o diálogo entre museu e esporte seja mais presente na região. Dessa maneira, a presença do Museu, conceituado pelo Estatuto de Museus, segundo a Lei nº 11.904/2009 como

[...] instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Em uma região tende a ser mais explorada como subsidio a educação, haja vista que ele tem o “poder” de trazer de modo objetivo e didático fatos que provoquem uma reflexão crítica acerca de determinado assunto e nesse caso, podemos explorar tanto as questões ligadas as mulheres no esporte quanto a presença de estudos e exposições museológicas que tratem de uma temática esportiva do esporte paraense indo além do famoso futebol de campo.

Por conseguinte, levando em consideração o conceito de Museu acima citado, o MIAPA pode não estar oficialmente registrado como um Museu, porém, ele cumpre com as obrigações atribuídas a essa instituição. Sendo assim, pensando na temática que esse Museu aborda, busca-se refletir a relação entre Museu e Esporte a partir da (in)existência de exposições esportivas em Belém. Fui até alguns Museus²⁷ do Centro Histórico e a algumas Galerias²⁸ da cidade para analisar a existência dessa temática expositiva, a qual em primeiro contato todos

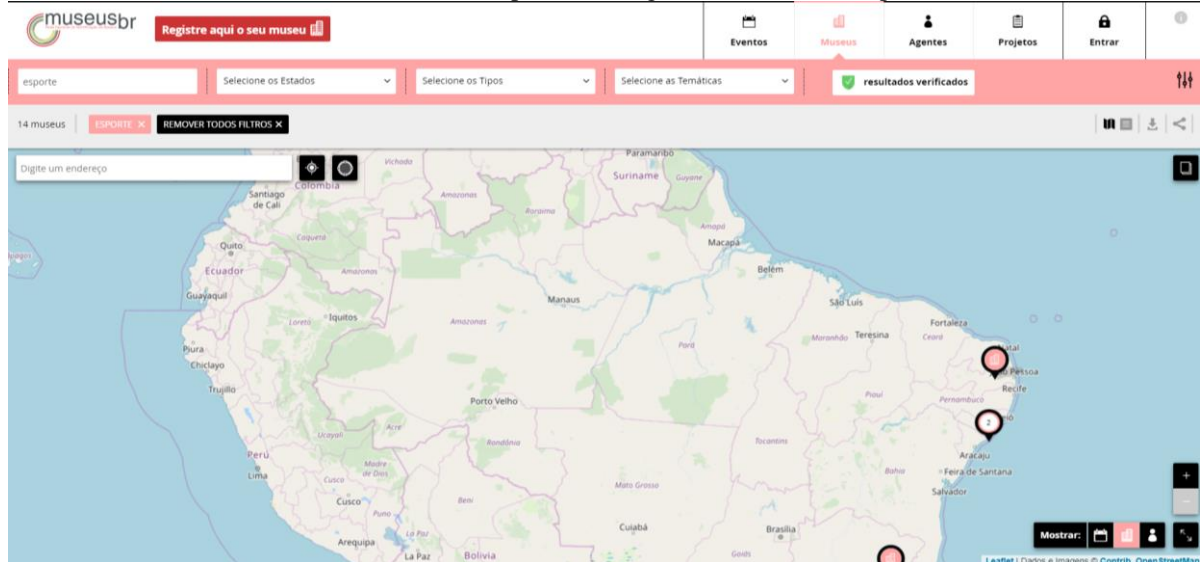
²⁷ Museu de Arte do Pará; Museu de Arte Sacra; Museu Histórico do Estado do Pará; Instituto Histórico e Geográfico do Pará; Museu Casa das Onze Janelas; Museu do Encontro; Museu de Arte Brasil e Estados Unidos (CCBEU); Museu da Universidade Federal do Pará; Museu Forte do Presépio.

²⁸ Galeria Theodoro Braga; Galeria Benedito Nunes.

afirmaram a inexistência desse tipo de exposição, mas pediram pra aguardar um retorno mais concreto que não recebi.

Em pesquisa via plataformas online de busca de museus – Museus Br e o Registro de Museus Ibero-Americanos – fora identificado o registro de 20 museus no país, sendo que na região Norte não há a existência de nenhum Museu Esportivo, apenas as notícias do processo de construção, que é o caso do Museu Azulino (Clube do Remo) e do Museu do Futebol (Clube do Paysandu) ambos em Belém, e ainda, o Museu do Esporte Olímpico que será em Manaus. Ao examinar a lista de instituições museais percebe-se a maior incidência desses na região Sudeste com treze listados; seguido da região Nordeste com quatro e por último da região Sul com três.

FIGURA 7: Ausência de Museus de temática esportiva na região Norte através da plataforma online Museus Br.



FONTE: Plataforma Museus BR - IBRAM

Pela escassez de estudos sobre a relação museu-esporte decidi tentar por meio de questionários online, a aquisição de informações a respeito dos museus de esporte no país. Durante a pesquisa, descobri em uma conversa informal sobre minha temática, a existência de um grupo com uma iniciativa nacional de estudos em acervos esportivos²⁹, apesar desse grupo ter sua preferência em trabalhar a memória do futebol, os museus em que as/os integrantes desse grupo fazem parte possuem coleções referentes a outras modalidades. Enviei os questionários a dezesseis representantes, porém, obtive resposta de apenas seis, o que pode me auxiliar em algumas questões já que a ausência de referencial para esse tipo de pesquisa é enorme.

²⁹ O Grupo “A Memória do Futebol” surge por uma demanda dos clubes de futebol Flamengo e Atlético Mineiro com o intuito de preservar a memória do futebol, fazer convênios, estudo das instituições, criar eventos e fazendo discussões sobre Museologia, História, entre outras. Essas pessoas não são todas museólogas/os, há também coordenadoras/res, diretoras/res, criadoras/res do projeto ou do setor de cultura do clube.

Dividi esse questionário em três partes, na primeira eu me refiro a modalidade que o museu trabalha, tipo de acervo e como é disposto esse material; na segunda³⁰, é relacionado a existência de acervos de atletas mulheres, a modalidade, disposição desse acervo e qual o posicionamento do questionado sobre a inserção de acervos de atletas mulheres nos museus; na terceira me atento para o quantitativo de visitação que esses museus recebem tanto mensal quanto anual.

Abaixo veremos o questionário elaborado e enviado, o qual apenas as/os representantes do Museu do Grêmio, Sport Club Corinthians Paulista, Sport Club do Recife, Fluminense Football Club, Museu do Futebol e Museu do Sport Club Internacional – Ruy Tedesco responderam.

³⁰ Tratado no capítulo 1 deste trabalho de conclusão de curso.

FIGURA 8: Questionário elaborado pelo Google Forms, aplicado online para os responsáveis dos museus listados acima.

Questionário sobre a existência de acervos de atletas mulheres em Museus de Esporte

*Obrigatório

1. Endereço de e-mail *

2. INSTITUIÇÃO *

3. E-mail ou site da instituição

4. Região geográfica *

Marcar apenas uma oval.

- Norte
- Nordeste
- Sul
- Sudeste
- Centro-Oeste

5. Nome do Responsável pelo preenchimento *

6. Profissão/ocupação? *

7. E-mail do responsável pelo preenchimento *

8. Qual a modalidade esportiva que o Museu trata? *

Marque todas que se aplicam.

- Atletismo
- Futebol
- Voleibol
- Tênis
- Remo
- Handebol
- Nado
- Outro: _____

9. Caso outros, quais?

10. O acervo é composto por quais objetos? **Marque todas que se aplicam.* Medalhas Troféus Vestimentas Documentos Fotografias Objetos Pessoais Outro: _____**11. Caso outros, quais?**

12. Como é distribuído o acervo na exposição? *

13. Quais os atletas trabalhados na exposição? *

14. Qual o tipo de exposição? **Marcar apenas uma oval.* Permanente Temporária Itinerante

15. Existe acervo de atletas mulheres na exposição? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

16. Qual o tipo de exposição em que essas atletas estão? *

Marcar apenas uma oval.

- Permanente
 Temporária
 Itinerante

17. Quais são essas atletas e qual a modalidade? *

18. Você julga importante a existência de histórias de atletas mulheres nos museus? Justifique sua resposta? *

19. Caso haja acervo de atletas mulheres no Museu, como é a disposição desse material em exposição?

20. Já houve algum estudo de público no Museu? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

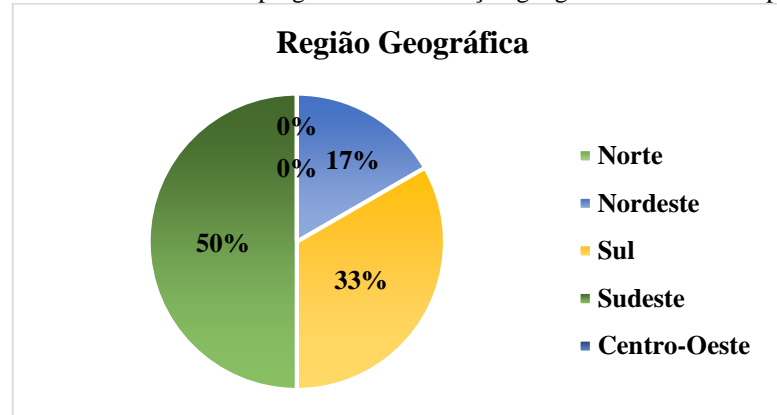
21. Qual o quantitativo de visitantes mensais?

22. Qual o quantitativo de visitantes anuais?

Para este tópico resolvi utilizar apenas três questões para não delongar a discussão sobre os museus, apenas para ter alguns parâmetro em relação ao MIAPA.

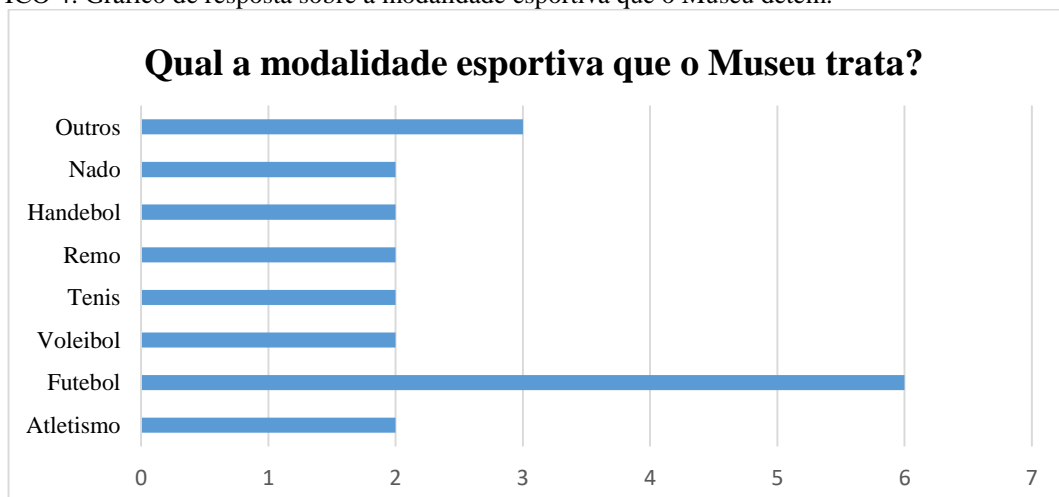
Assim como na pesquisa nas plataformas online, tive aqui a maior ocorrência de museus da região Sudeste, totalizando três e um da Nordeste e dois na região Sul

GRAFICO 3: Gráfico do resultado sobre a pergunta de localização geográfica dos museus participantes.



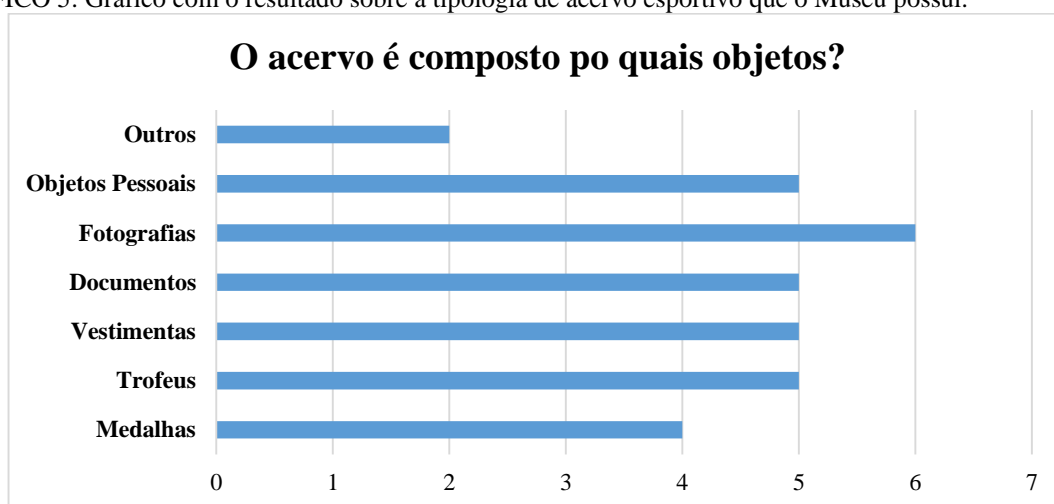
Como dito anteriormente, essa iniciativa tem como foco o futebol, além de ser perceptível que dentre os diversos esportes praticados no Brasil ele continua a ser o preferido, é o esporte que sempre tem suas competições televisionadas em diversos níveis de evento, seja ele um simples amistoso ou concorrendo a uma vaga em finais. No gráfico também percebemos que o futebol é a modalidade mais abordada em museus com temáticas esportivas, lembrando que nesta questão a/o representante poderia assinalar mais de uma modalidade, sendo aquelas correspondentes ao museu em que trabalha. Dos seis museus aqui tratados apenas dois trabalham com atletismo, o Museu Sport Club do Recife e o Museu Sport Club Corinthians Paulista, da mesma forma que ambos são os que possuem outras modalidades além do futebol, como: Boxe, MMA, Basquete, Futebol Americano, Xadrez Peteca, Tamboréu, Ginástica, Hóquei, Caça Submarina e Ciclismo.

GRAFICO 4: Gráfico de resposta sobre a modalidade esportiva que o Museu detém.



Em relação aos objetos, todos os seis confirmaram a presença de fotografias, seguido de apenas cinco possuírem troféus, objetos pessoais, vestimentas e documentos e apenas quatro terem medalhas em seu acervo. Os museus Museu Fluminense Football Club, Museu Sport Club do Recife, Museu Sport Club Corinthians e Museu do Sport Club Internacional são os que detém medalhas.

GRAFICO 5: Gráfico com o resultado sobre a tipologia de acervo esportivo que o Museu possui.



Tomando essas análises como medida para a coleção de medalhas do acervo de Suzete, a diferença é que tratamos aqui de uma coleção particular, de apenas uma atleta e esses museus dispõem de acervos de várias/os atletas, porém, é perceptível pelo número de visitantes mensais e anuais que esses espaços não ficam apenas guardando objetos e sim que há um público que visita esses espaços e não deixa o esporte apenas na prática.

O Museu do Futebol em São Paulo, entre os cinco, é o que tem um número de visitação maior por mês – 28.000 visitas – e conseqüentemente por ano – 277.000. Ele possui além de suas exposições permanentes, oito exposições virtuais, sendo uma delas sobre mulheres no futebol feminino, na qual visibilizam desde as primeiras mulheres da seleção brasileira até chegar em Marta e Formiga, enfatizando as resistências e lutas enfrentadas pelas jogadoras para a regulamentação da modalidade para as mulheres, além de relatar sobre as premiações que Marta e Formiga conquistaram. Em relação aos jogadores masculinos que ainda nem chegaram perto de conquistarem por exemplo, o título de melhor jogador do mundo por cinco anos consecutivos, que é o caso de Marta.

Assim como no Futebol existem grandes jogadoras, no Atletismo, principalmente em Belém, temos grandes velocistas, treinadoras e arbitras, como já vimos no capítulo anterior. Esse processo de “transferir” o esporte das raias para o museu auxilia na preservação que o museu pode oferecer à cultura material e à própria história e memória que o objeto carrega. O

museu pode ser um espaço de mediação entre a sociedade e o esporte, de maneira que, através dele, as pessoas possam ter contato com a modalidade e toda a composição historiográfica, memorial e material que Suzete traz a partir de sua vivência no atletismo.

Vale ressaltar que Montalvão ganhou destaques tanto em premiações quanto de condecorações que podemos perceber através de suas medalhas e outras informações devido as pesquisas realizadas, pois, sua garra vai além das raias e da sala de aula, ela consegue atrair pessoas de baixa condição econômica e inspirá-las ao melhor que possam conseguir por meio do atletismo.

O “transferir” ou processo de musealização surge como uma “vontade” de permanência por parte de certos colecionadores privados e tendo como finalidade a transmissão de bens atrelados a esses indivíduos notáveis a uma dada coletividade que deveria ser levada a imaginar-se como Nação” (BRULON, 2015). Assim, a musealização torna-se algo indispensável para a preservação da memória da atleta, de modo que as medalhas esportivas sejam essa lembrança para a atleta e um atrativo para o visitante. Ao expor sua trajetória atlética, que ela possa incitar crianças, jovens, adultos e idosos a praticarem esportes e quem sabe, seguir carreira.

Segundo Desvallées e Mairesse (2013) “[...] musealização é a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em *musealium* ou *musealia*, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal”, essa conceituação nasce por meio de Zbynek Stránsky em 1970 sob um processo de atribuir musealidade as coisas (LOUREIRO, 2016). Logo, ao operar essa mudança no estatuto do objeto em que ele passa a ser um documento de evidencia material ou imaterial da construção da vida humana, levando à produção de uma realidade.

É por esta razão que a musealização, como processo científico, compreende necessariamente o conjunto das atividades do museu: um trabalho de preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), de pesquisa (e, portanto, de catalogação) e de comunicação (por meio da exposição, das publicações, etc.) (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013)

Desta maneira a Museologia ao estudar tanto os bens móveis quanto imóveis necessita dentre outras, das políticas culturais para obter subsidio na realização de suas atividades como modo de formalização do seu fazer museológico.

A partir da criação e institucionalização dos museus no Brasil, principalmente após 1922 com a criação do Museu Histórico Nacional (MHN) que teve papel fundamental na fundação da Museologia em solo brasileiro (RANGEL, 2010), além deles exercerem a função de “centros de pesquisa, preservação, comunicação, formação e capacitação profissional” (RANGEL, 2010:120) antes mesmo das universidades e institutos públicos.

Partindo da função dos museus citadas por Rangel, Primo (2006) traz a importância do Museu como ferramenta cultural a serviço da sociedade, a qual, é responsável pela “preservação, a comunicação e divulgação dos valores culturais [...], além da valorização, a divulgação e a proteção do patrimônio local” (RANGEL, 2006: 91) sem esquecer que a sociedade deve passar por uma apropriação e pertença coletiva, pois, eles são os grandes portadores desse patrimônio. A Museologia trabalha em conjunto com a preocupação das transformações sociais ocorridas da globalização, ou seja, ela está sempre em movimento. A relação dessas políticas para esse campo museológico possibilita a fruição de conhecimentos, saberes, identidades para a sociedade, apesar do cenário brasileiro atual estar sofrendo um desprezo por parte do governo na área da cultura (também) ainda há resistência desse campo em prol da demanda da sociedade.

Finalizando, percebe-se a importância dessa ciência que é a Museologia quando deparado ao vasto campo que ela pode atuar principalmente por que ela

[...] permite a ligação do social com o patrimonial. [...] é a possibilidade de recorte da realidade que une desenvolvimento social, dinâmica cultural, políticas públicas, práxis cotidiana, desenvolvimento humano, processo educacional com patrimônio cultural, conhecimento e preservação (CURY, 2005: 70).

Todas as políticas elaboradas para a proteção do patrimônio seriam importantes para promover o Museu Itinerante do Atletismo Paraense, já que esse busca trabalhar com a preservação da memória de um grupo de esportistas paraenses de modo a perpetuar a importância do esporte, haja vista que também põe em voga a questão da competência feminina como principal fator do cenário atlético no Pará.

Destacam-se também, desafios que a Museologia vem enfrentando, principalmente com o atual cenário político brasileiro onde está ocorrendo retrocessos de políticas já estabelecidas em outra gestão e que acaba por desmanchar diversos Ministérios, dentre eles encontra-se o Ministério da Cultura (MINC) e o Ministério do Esporte, os quais tiveram anos de luta para conseguir se desvincular e hoje não se sabe mais como ocorrerá a gestão dessas “pastas”.

Esse retrocesso causado pela fusão dos Ministérios formando o Ministério da Cidadania prejudica no papel que o MINC é responsável, pois, a política nacional de cultura e a proteção do patrimônio histórico e cultural não é prioridade do atual governo brasileiro. Assim, as políticas públicas que buscam a valorização e manutenção dos museus não estão sendo levadas em consideração de modo a inibir o exercício pleno dos direitos culturais e ao acesso a fontes de cultura nacional.

3.1. O MUSEU ITINERANTE DO ATLETISMO PARAENSE

Percebendo o movimento de empréstimos de acervos entre museus que já ocorria no século XIX, o qual acabou sendo comum no século XX em vários museus do mundo, para fins de divulgação e estudos em regiões mais distantes, em 1953 a UNESCO publica o “*Manual of Travelling Exhibitions*” como forma de determinar meios de segurança adequados para os empréstimos (SOARES 2016). Todavia, haviam além dos empréstimos, as Feiras Mundiais que tinham a função de mostrar as produções de determinada parcela da sociedade, mas ainda assim, essa forma não cumpria o papel de divulgação para a maioria da população, o alcance era mínimo, foi então que em 1946 surge a primeira proposta de um museu itinerante, o “*museumobile*” o qual em 1949 foi efetivado com exposições de História Natural:

O diretor do Museu à época, Dr. Thorne Deuel, apresentou a proposta de um caminhão ou ônibus que pudesse atravessar todo o estado de Illinois, atendendo as comunidades e escolas rurais com exposição de História Natural. A ideia era atender cerca de duas ou três escolas por dia. Após quatro meses de funcionamento contabilizou-se um crescimento na visitação do Museu atribuído em função do “*Museumobile*”, (THOMPSON, 1988, p. 95). O projeto funcionou até 1971e, em 22 anos de atuação, atendeu em média 90 a 100 mil visitantes por ano (THOMPSON, 1988, p. 99) (SOARES, 2016: 134).

Dessa maneira, se discute o conceito de Museu Itinerante, através da sua função, haja vista que o conceito de museu, envolve “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento [...]” e juntamente com a noção de exposição itinerante que segundo Maria Ignez Franco (2018) “podem ser versões resumidas de exposições maiores, para circulação junto a populações que não têm acesso ao museu ou para abordagem de temas de amplo interesse para públicos diversificados”. Pode-se então, refletir esses conceitos com propósito de fundi-los para essa dar uma conceituação ao Museu Itinerante. Sendo assim, entende-se o Museu Itinerante como um museu sem sede e sem fins lucrativos, que aborda diversificadas temáticas de interesse aos variados públicos, possuindo itinerância à serviço da sociedade e seu desenvolvimento, principalmente aquelas populações que não tem acesso ao museu ou possuem dificuldades financeiras e/ou de deslocamento.

FIGURA 9: Suzete Montalvão mediando a exposição do MIAPA na Escola E. E. F. M. Doutor Freitas.



FONTE: Saíd Fraiha (2015)

O Museu Itinerante do Atletismo Paraense – MIAPA – é formado pelo acervo pessoal da atleta Suzete Montalvão Fraiha e de outra e outros atletas destaques desse circuito do atletismo paraense. Atualmente, o acervo conta com 156 objetos inventariados nas suas diversas tipologias materiais, os quais encontramos peças de metal, têxtil, acrílico, entre outros. Em virtude de um projeto de documentação e conservação preventiva iniciado em 2016 com este acervo, por meio de uma disciplina da grade curricular do curso de Museologia, para este trabalho, foi realizado um recorte no trabalho de documentação das medalhas, pois, são as principais referências das premiações atribuídas aos feitos da atleta Suzete. Sendo assim, a organização das informações que o acervo possui é primordial para manter viva a memória esportiva desses fatos históricos para a população paraense.

O Museu surge como proposta da Federação Paraense de Atletismo (FPAt) pois, as fundadoras Suzete Montalvão e Sandra Malcher enxergam na proposta a mesma oportunidade que Suzete teve aos 9 anos. Sendo assim, Suzete começa a mapear os atletas e os seus bairros de origens para então dar início a jornada de exposições itinerantes do Museu. Montalvão coleta informações sobre os 6 atletas além de ir em busca de objetos que remetam a carreira de cada um deles. Após a coleta, ela segue padronizando o Museu entre objetos e texto em banner com um histórico de vida esportiva desses atletas.

FIGURA 10: Exposição realizada no bairro do Jardim Sideral, mostra a maneira que eram dispostos os materiais.



FONTE: Suzete Montalvão (2015)

Até o ano de 2015 o Museu Itinerante seguiu realizando exposições em diversas escolas públicas e bairros de Belém como o Guamá, Terra Firme, Umarizal, Jardim Sideral, Batista Campos, além algumas cidades no interior, incluindo ilhas e chegando até ribeirinhos.

Em 2016 o museu passa a receber tratamento museológico através da disciplina “Laboratório de Prática Documental” ministrada pela Professora Ms^a. Marcela Cabral pelo curso de Museologia na Faculdade de Artes Visuais (FAV/ICA/UFPA) e começa a ter várias mudanças como a realização de documentação museológica, planos de atividades, planos de diagnóstico de conservação, logo atualizada e exposição elaborada de acordo com os principais parâmetros de montagem de exposição museológica, como a apresentada na I Mostra de Cultura, Ciência e Arte da Faculdade de Artes Visuais (MOCCA) que ocorreu entre os dias 6 e 7 de dezembro de 2017, onde a exposição apresentava uma curadoria mais seletiva e organizando um circuito para mediação, suportes com base de polietileno para evitar ranhuras causadas pelo contato do módulo com o objeto, bem como o uso de etiquetas padronizadas para fins expositivos.

FIGURA 11: Exposição montada no MOCCA.



FIGURA 12: Medalhas e certificado de Cavaleira.



Suportes expositivos com base em polietileno e objetos com identificação de etiquetas individuais e expositivas.

FONTE: Tânia Vale, 2017.

3.1.1. O Acervo esportivo do Museu Itinerante do Atletismo Paraense

Neste tópico se discutirá a relação e diferenciação entre acervo e coleção, além de apresentar o Acervo Suzete Montalvão, afim de mostrar as divisões e os componentes de cada coleção para depois aprofundar no recorte pela coleção de medalhas.

Sendo assim, desde o período da Antiguidade já havia o costume de colecionar, outrora fora encontrado coleções de obras de arte e materiais raros e preciosos, já na Idade Média as coleções eram vistas como forma de prestígio social para os senhores feudais, como sintetiza Pomian (1987) “As coleções, que, para os membros do meio intelectual e artístico, são instrumentos de trabalho e símbolos de pertença social, são, para os detentores do poder, insígnias da sua superioridade e também instrumentos que lhes permitem exercer uma dominação neste meio”.

Essa reflexão de Pomian traz à tona pensar o outro lado dessa formação de coleções, pois, já que o ato de colecionar era tido como um status social, o museu conseqüentemente acaba por se tornar um fator de segregação da sociedade, nos provocando a refletir atualmente, sobre o modo de como eles reforçam um discurso classista, sexista e racista, já que “[...] surgem como fenômenos modernos que contribuem com a perpetuação de um sistema de dominação

fincado na supremacia de uma ciência ocidental como paradigma único de conhecimento eurocentrado” (GONDIN, 2017:334). O que excluí das instituições a memória da população negra, LGBTQI++, indígena, quilombola, mulheres, pobres, que não se sentem representados nesses espaços e por isso evitam adentrar esses locais que causam, de certa forma, uma revolta.

[...] durante muito tempo, pelo menos desde a primeira metade do século XIX até a primeira metade do século XX, predominou no mundo ocidental uma prática de memória, patrimônio e museu inteiramente comprometida com a defesa dos valores das aristocracias, das oligarquias, das classes e religiões dominantes e dominadoras. A museologia social, na perspectiva aqui apresentada, está comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais, incluindo aí, o movimento LGBT, o MST e outros. (SANTOS, 2014:17)

De fato, é possível perceber em exposições permanentes dos museus de Belém, o destaque à memória do colonizador, de uma elite dominante branca ao invés de mostrar a memória de uma população que desde sempre foi invisibilizada nos museus belenenses e que após muitos movimentos dessas populações em prol da presença de representatividade é que o negro, a mulher, o pobre, entre outras/os começam a se esgueirar por um minúsculo espaço nesses locais, isso, quando conseguem. E como forma de deixar essa relação do museu-sociedade um pouco mais estreita para essas grupos, além das trocas que podem ser proporcionadas na experiência expositiva de medalhas esportivas dessa coleção particular de Suzete, o MIAPA surgiu com o objetivo de chegar até a essas pessoas afim de compartilhar a memória de alguém que como eles, nasceu em periferia e lutou desde a infância conquistando seus objetivos por meio do esporte.

Sobre as coleções particulares, de acordo com Lima e Carvalho (2005) autobiografar-se por meio de coleção é um ato recorrente e que possibilita a “compreensão do papel da cultura material como mediadora de trocas simbólicas protagonizadas pelo museu” que podem propiciar uma forma de prestígio e distinção individual de determinado assunto ou pessoa, servindo como laço de afetividade de um grupo de pessoas que puderam compartilhar o mesmo momento, porém em diferentes posições.

Isso acontece com a conquista das medalhas, uma vez que, a atleta ao finalizar a corrida consegue ganhar a medalha e é envolvida por emoções e a sensação de dever cumprido – ela ao passar pelos treinos entre outras cobranças e pressões, neste momento se despede de toda tensão e vibra junto com a torcida – ao mesmo momento outras pessoas estão torcendo das arquibancadas dos estádios, bares ou de casa e que de maneiras diferentes lembram dessa mesma conquista, o que pode tornar uma narrativa rica devido essa rede de compartilhamento que se cruzam a partir de um objeto. Dessa maneira, ainda segundo Lima e Carvalho (2005), a

coleção de medalhas como uma coleção privada consegue construir e nutrir identidades individuais e nacionais.

Os museus surgem a partir da necessidade da mulher e do homem em colecionar objetos, de forma que esses quando retirados do seu contexto natural por possuírem significados/testemunhos, passam a representar o “invisível”, já que, de acordo com Rangel (2011) toda coleção é a representação de uma determinada parcela da realidade onde são realçados os modos como diversos fatos e experiências são selecionados e recebem um valor duradouro em um novo arranjo, bem como estabelece características de divisão política, econômica e social (CARLAN, 2008). Desse modo, a coleção de medalhas ganha uma nova função dentro do MIAPA que segundo Baudrillard (1993):

A posse jamais é a de um utensílio, pois este me devolve ao mundo, é sempre de um objeto *abstraido* de sua função e relacionado ao indivíduo. Neste nível todos os objetos possuídos participam da mesma abstração e remetem uns aos outros na medida em que somente remetem ao indivíduo. Constituem-se pois em sistemas graças ao qual o indivíduo tenta reconstituir um mundo, uma totalidade privada.

A Coleção de Medalhas portanto, a partir do momento que sai do armário onde era guardado e passa a integrar o acervo do Museu Itinerante do Atletismo Paraense, ela vem com uma carga simbólica atribuída devido as redes de afetividades que, por meio da exposição pode provocar o desencadeamento de memórias a serem compartilhadas, desta maneira Pomian (1987) define coleção como

[...] todo conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporariamente ou definitivamente fora do circuito de atividades econômicas, submetido a uma proteção especial em um lugar fechado, mantido com este propósito, e exposto ao olhar público, pode fazer parte de uma coleção.

Segundo o Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa, também conhecido como Caldas Aulete, o seu verbete acervo é conceituado por “1.conjunto, reunião, grande quantidade (de algo) [...] 3. Conjunto de bens, de propriedade pública ou particular, que compõem patrimônio” (GEIGER, 2011:), já o verbete coleção, é descrito como “2. Um desses conjuntos, organizado, reunido pelo valor artístico, cultural, histórico etc. de seus componentes, ou por sua raridade, singularidade etc., ou pelo interesse do colecionador (coleção de selos, coleção de quadros). [...] 4. Sendo uma compilação, ajuntamento seletivo de coisas segundo algum critério: coleção de sonetos” (GEIGER, 2011:).

No Dicionário de biblioteconomia e arquivologia, o verbete acervo é definido “(arq) conjunto de documentos de armazenados e conservados em um arquivo [...] a. geral (bib) a parte maior do acervo em contraste com as coleções especiais (p.ex.: obras raras, referencia)” e o de coleção é descrito como uma reunião “p.ex., obras de determinados autores, assuntos e editores. Geralmente, a série, ou coleção, apresenta um título em comum, que aparece no alto da página de rosto, na falsa pagina de rosto, ou em página adicional, chamada página de série”

(CUNHA, 2008:91), claro que este segundo dicionário relaciona-se a material bibliográfico e arquivos em suas definições, por esse motivo e pela ausência de dicionários voltados para termos museológicos, uma vez que o mais próximo que temos na museologia é o trabalho intitulado *Conceitos-Chaves de Museologia* (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013), nesse o verbete acervo é inexistente, existindo apenas o verbete “arquitetura” em seu conjunto de pesquisa iniciado com a letra “a”, porém temos o verbete “coleção” nesse material, logo após o único verbete de “a”, encontra-se o verbete coleção, que é definida como:

[...] um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada. [...] é necessário que esses agrupamentos de objetos formem um conjunto (relativamente) coerente e significativo. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013:32)

Sendo assim, prefere-se entender acervo e coleção a partir das similaridades obtidas através dos verbetes dos dicionários e definições de Pomian (1987) e Desvallées e Mairesse (2013) indo de acordo com os objetos de temática esportiva tratadas neste trabalho de conclusão. Compreendemos então, que o acervo é o conjunto mais amplo e que pode ser composto por várias coleções e devido essa ser mais específica em relação aos objetos que a compõe, entendemos a coleção como o conjunto de objetos que formam um agrupamento com um determinado motivo, no caso do MIAPA estabelecemos esse motivo como a tipologia, subclasse que compõe os objetos e os seus termos, de acordo com o *Thesaurus* (FERREZ, 1987).

Por conseguinte, entende-se como acervo os conjuntos de coleções que cada atleta possui sendo eles divididos em coleções dependendo de sua tipologia. O Museu Itinerante do Atletismo Paraense conta com o acervo de seis grandes nomes do atletismo no Pará, sendo as atletas Suzete Montalvão e Inês Antônia Ribeiro e os atletas Abelardo dos Santos Neves, Agberto da Conceição Guimarães, Raimundo Nonato Squires e Ronaldo Estevam Lobato.

Nesse estudo de caso trabalho com a Coleção de Medalhas do Acervo da ex-atleta Suzete Montalvão. A seleção realizada pelo acervo de Suzete se fez devido a quantidade de objetos comparado aos acervos dos demais atletas que compõe o MIAPA. Dentro do acervo da atleta, se encontram cinco coleções – Coleção de Troféus, Coleção de Documentos, Coleção de Objetos Pessoais, Coleção de Placas Comemorativas e Coleção de Medalhas e dentre elas realizamos uma nova seleção para este estudo, optando pela Coleção de Medalhas, pois, compreende-se que, considerando os outros objetos terem valor de premiação ou de participação a medalha é um dos símbolos mais significativos do esporte e no acervo ela é o objeto que apresenta uma maior quantidade, totalizando 101 exemplares.

Abaixo destacarei as divisões das coleções formadas de acordo com o sistema de classificação elaborado para o acervo de Suzete, com base no modelo de esquema classificatório de acervos museológicos estruturado por Cândido (2006). Vale ressaltar que a apresentação destas coleções aqui é efetuada apenas como forma de esclarecimento sobre as outras tipologias de objeto. De tal maneira, as classes e subclasses foram atribuídas conforme apresentado no Thesaurus (FERREZ; CANDIDO, 1987) de maneira a sistematizar e organizar os objetos do acervo da seguinte forma:

Objeto (FIGURA 13) pertencente a **Coleção de Objetos Pessoais**, cuja coleção apresenta as indumentárias utilizadas nos eventos, sapatilhas de corrida, faixa dorsal numérica e a pelúcia da Olimpíada de 1988, o Odori com sua embalagem. Estes objetos compreendem as classes Objetos Pessoais, Lazer e Desporto e Embalagem. No total esta coleção possui 21 objetos.

FIGURA 13: Camiseta e Short de corrida com faixa dorsal na numeração 50.



FONTE: Gabriele Martins (2017)

Nesta Coleção há três classes e quatro subclasses:

- Peça de Indumentária,
- Acessório de Indumentária,
- Lazer e Desporto
- Embalagem

Objeto (Figura 14) pertencente a **Coleção de Documentos**, cuja coleção apresenta diplomas recebidos por participação em evento ou de premiação, cartão de identificação, fotografia, telegramas, envelopes e atestado médico. A classe correspondente a esses objetos é a de Comunicação. No total esta coleção possui 24 objetos.

FIGURA 14: Diploma de Participação.



Nesta Coleção todos os objetos são da mesma classe, em que há duas subclasses:

- Equipamento de Comunicação Escrita,
- Documento.

FONTE: Gabriele Martins (2017)

Objeto (Figura 15) pertencente a **Coleção de Troféus**, cuja coleção apresenta apenas troféus, independente de sua tipologia material pois, nessa encontramos objetos em metal, madeira, cristal, rocha e plástico seja eles por motivo de premiação ou condecoração. A classe correspondente a esses objetos é a de Objetos Cerimoniais. No total esta coleção possui 5 objetos.

FIGURA 15: Troféu de Destaque Intertecmulher de Esporte e Lazer.



Nesta Coleção todos os objetos são da mesma classe, em que também há uma única subclasse:

- Objeto Comemorativo

FONTE: Gabriele Martins (2017)

Objeto (Figura 16) pertencente a **Coleção de Placas Comemorativas**, cuja coleção apresenta apenas placas de condecoração, todos com a mesma tipologia material, o metal. A

classe correspondente a esses objetos é a de Objetos Cerimoniais. No total esta coleção possui 4 objetos.

FIGURA 16: Placa de Condecoração ao Profissional de Educação Física em 2015.



Nesta Coleção todos os objetos são da mesma classe, em que também há uma única subclasse:

- Objeto Comemorativo

FONTE: Gabriele Martins (2018)

Objeto (Figura 17) pertencente a **Coleção de Medalhas**, cuja coleção apresenta apenas medalhas, sejam elas de premiação ou condecoração. A maioria é de mesma tipologia material, o metal, porém há algumas exceções em que o objeto é misto (metal e madeira ou metal e camurça) ou de plástico. A classe correspondente a esses objetos é a de Objetos Cerimoniais. No total esta coleção possui 101 objetos.

FIGURA 17: Medalha de participação nas Olimpíadas em Seoul 1988.



Nesta Coleção todos os objetos são da mesma classe, em que também há uma única subclasse:

- Objeto Comemorativo

FONTE: Gabriele Martins (2017)

Este vasto acervo foi adquirido por meio de conquistas em competições esportivas ou condecorações feitas por Confederações ou pelo próprio Governo do Estado do Pará, tanto na sua carreira como atleta quanto na de treinadora e professora de educação física. Partimos agora para a análise proporcionada a partir da coleção selecionada como objeto de estudo.

3.1.2. Coleção de medalhas como objeto de estudo

Segundo o site MMA acrílicos (2015) nos eventos desportivos da antiguidade, as premiações eram feitas à um único vencedor com a entrega de uma coroa de folhas de oliva retirada próximo do templo de Zeus. As medalhas têm origem na Idade Média e eram chamadas de metallon, no grego. Inicialmente usada como forma de homenagear pessoas – gravavam os retratos dos indivíduos que as encomendavam. Posteriormente passou a ser usada como objeto de condecorações militares. Mais tarde, nos jogos olímpicos de 1896, as medalhas feitas de prata começaram a ser entregues aos campeões e as de bronze aos demais participantes. Somente a partir dos jogos de 1904 que os vencedores recebem as medalhas de ouro, prata e bronze como reconhecimento pelo seu feito, sendo tais medalhas representações das três primeiras fases do homem³¹ da mitologia grega³².

A palavra medalha surge da língua italiana *medaglia*, ela tem como função evidenciar testemunhos da história de uma nação onde por meio das artes, ciência, música, etc, a numismática fixa através de seu cunho a cultura de um povo (CASA DA MOEDA, 1989). O Objeto medalha aparece durante o Renascimento como a “[...] arte dos escultores e gravadores de relevo” (CASA DA MOEDA, 1989) e ainda segundo a Casa da Moeda (1989), tem como principal artista o italiano Pisanello com seu trabalho realizado em 1438, a efígie de João Paulo III Paleólogo, o imperador do oriente, essa prática se expande pela Europa no século XVI, tendo ênfase nas cidades de Augusta e Nuremberg. Nos dois séculos seguintes a arte de medalhas começa a trabalhar com traços curvilíneos de desenhos típicos do estilo barroco e do rococó. No Brasil, no período neoclássico as medalhas começam a aparecer por meio da obra de Zeferino Ferrez e no século XIX destacaram-se outros nomes da arte medalhística além de a Casa da Moeda evoluir na cunhagem de medalhas:

O grande artista, precursor dessa arte no Brasil, teve como destaque desses trabalhos pioneiros a medalha referente à Aclamação de D. João VI e a alusiva à Coroação de D. Pedro I. Em meados do século XIX destacaram-se Carlos Custódio de Azevedo, abridor de cunhos na Casa da Moeda; Quintino José de Faria e Christian Luster, este autor de medalhões retratando a Família Imperial. [...] Um dos mais destacados artistas na arte medalhística no Brasil foi Augusto Giorgio Girardet, contratado em Roma para professor de Gravura de Medalhas e Pedras Preciosas, na Escola Nacional de Belas-Artes. [...] Em 1842 a Casa da Moeda evoluiu tecnicamente na cunhagem de medalhas, adotando o processo de transporte de cunhos; em 1850 passou a empregar o pantógrafo de medalhas e, no ano seguinte, a trabalhar com a prensa Thonnelier. (CASA DA MOEDA, 1989)

³¹ Lembrando que apenas homens poderiam participar das competições durante esse período.

³² <http://blog.mmaacrilicos.com.br/?p=258> 2

Até então, as medalhas eram feitas apenas para homenagear uma classe de pessoas – oligárquicas/os, aristocratas e religiosos – como é percebido na citação acima, e, após a introdução delas em competições, começam a se popularizar entre outros grupos, de modo que, eles passam a ter acesso a esse tipo de objeto, compreendendo que dentre os esportistas há uma variabilidade de atletas em condições socioeconômicas distintas, principalmente no início de suas carreiras.

É importante pensar que assim como os lugares podem representar segregações, os objetos também podem ser veículos dessa, ainda mais quando analisamos os grupos que antes do final do século XIX detinham medalhas, percebendo que hoje o cenário é completamente diferente. Assim como as medalhas, outros objetos hoje podem ter esse potencial divisor de classes, como é o caso de aparelhos celulares ou marcas de telefonia, equipamentos domésticos, indumentárias, cosméticos, etc. esses são alguns dos exemplos de objetos que também provocam esse tipo de divisão entre as pessoas, o que difere das medalhas é que hoje ela já ganha uma inserção maior entre os indivíduos, seja uma medalha de níveis esportivos profissional ou amador.

Partindo então, para a análise do objeto de estudo pelo viés da documentação, começamos com a ciência responsável por esse estudo, a numismática. Ela é conhecida por ser a ciência das moedas podendo incluir o estudo dos objetos monetiformes, ou seja, de objetos similares a uma moeda, portanto se inserem as medalhas. (COSTIHES, 1985). A escolha da medalha para esta pesquisa dá-se em função de ser a coleção com mais objetos, os quais possuem inscrições conservadas, o que promove uma aquisição de informações mais completa, além de alguns desses dados fazerem ligação direta e histórica com as competições esportivas de modo internacional e principalmente regional e enfatizarem a competência da atleta ao alcançar o nível mais alto dentro do esporte, a chegada em uma Olimpíada.

Com o passar dos anos as medalhas foram sendo aprimoradas e chegam a obter mais informações que podem nos responder questões históricas, sociais e culturais devido a seus cunhos. Ao documentar as medalhas de modo a realizar uma pesquisa inicialmente histórica, conseguiremos um suporte para que possa ser realizada a entrevista em um outro momento, afim de conseguir informações extrínsecas satisfatório se todos os campos da ficha forem preenchidos.

Consegue-se recuperar datas referentes aos eventos os quais elas teriam representado o ganho, bem como o local que está sendo organizado, podendo também ser detectado através das cores das fitas e/ou idioma das inscrições; os responsáveis pela organização e os níveis das competições, pelos brasões que outrora aparecem cunhados em uma das faces (chamada venera,

com o anverso e o reverso) da medalha; colocação que pode ser percebida pelas inscrições e coloração da medalha, a depender do nível da competição, pois, nem sempre a coloração identifica a colocação. No mais, se pode investigar diversos fatos a partir das informações que as medalhas podem obter de modo intrínseco e ter uma base para a aquisição do extrínseco (FERREZ, 1991).

Para poder explicitar melhor a visualização de onde estão alocadas as informações nas medalhas, trago aqui um pequeno exemplo da divisão nominal das partes da medalha:

FIGURA 18: Partes de uma Medalha



FONTE: Medalhística Militar Paulista³³ (2016)

Por meio do Inventário Museológico organizado para esta coleção, foi possível identificar dados que poderão servir como suporte para posteriores pesquisas mais aprofundadas sobre a atleta, como a investigação a partir dos locais em que ela competiu, podemos elaborar pesquisas sobre as experiências com os costumes e culturas de determinado local. Esse primeiro momento de aquisição de informação é essencial para pesquisas futuras, assim como esta que busca por meio da documentação museológica a recuperação de informações referentes as competições em que Suzete Montalvão conseguiu participar de modo a dialogar com a história de vida da atleta.

Sendo assim, listo aqui a quantidade de premiações e os níveis das competições que ela obteve durante sua carreira no atletismo, assim como um quadro de suas medalhas por condecorações³⁴:

³³ <https://medalhisticamilitarpaulista.blogspot.com/2016/04/o-uso-de-ordens-honorificas-com.html>

³⁴ As condecorações feitas à Suzete foram por meio de medalhas, troféus, placas comemorativas ou certificações, essa divisão justifica a quantidade apresentada no quadro de medalhas.

TABELA 2: Quantitativo de Premiações referente as medalhas da coleção.

EVENTO	NÍVEL	Quantidade de Medalhas
Campeonato Brasileiro de Atletismo	Nacional	5
Campeonato Escolar de Atletismo	Regional	1
Campeonato Ibero-Americano de Atletismo	Internacional	2
Campeonato Intercolegial Juvenil de Atletismo	Nacional	4
Campeonato Sul-Americano de Atletismo	Internacional	2
Cassazum	Estadual	2
Comando Militar do Norte – 8ª Região Militar	Estadual	1
Copa Norte-Nordeste de Atletismo	Regional	5
Corrida da Independência	Local	1
Corrida de Belém	Local	2
Corrida do Círio	Local	2
DEFIDE	Estadual	3
Grande Prêmio Brasil de Atletismo	Nacional	5
Jogos Amadoristas de Belém	Local	2
Jogos Escolares Brasileiros	Nacional	5
Jogos Modernistas	Local	7
Jogos Olímpicos de Atletismo	Mundial	1
Jogos Universitários Brasileiros	Nacional	2
Jogos Universitários Paraenses	Estadual	2
7º Memorial Im Bronislavwd Malinowskiego	Mundial	1
I Norte e Nordeste de Atletismo	Regional	2
StateTrack Meet	Internacional	1
Tosame	Internacional	2
Torneio Aberto	Estadual	1
Torneio Clovis Malcher	Estadual	2
Torneio Norte-Nordeste de Atletismo	Regional	5
Troféu Norte-Nordeste de Atletismo	Regional	8
Troféu União de Atletismo	Nacional	1
WSC INV	Internacional	2
UOFU RUN	Internacional	2
Sem informação do título do evento ³⁵	-	14
TOTAL		95

TABELA 3: Quantitativo de Condecorações referente as medalhas da coleção.

EVENTO	NÍVEL	Quantidade de Medalhas
Destaque de Atletismo Suzete Montalvão – Clube de Recreação	Estadual	1
Mérito Guilherme Paraense	Estadual	1
Sub Lege Progrediamur – Mérito Grão-Pará	Estadual	2
Checoslováquia	Internacional	1
Campeonato Colegial de Atletismo - Operação Juventude	Estadual	1
TOTAL		6

³⁵ Pode apresentar o nome da organização ou não, o que nos possibilita a interpretar o nível da competição.

Tais eventos podem auxiliar na cronologia³⁶ de competições, assim como perceber a maestria da atleta por meio dos níveis de competição, chegando a ir em 23 nacionais, 11 internacionais e 2 mundiais, com exceção daquelas sem informações de títulos. Além das condecorações recebidas tanto pelo trabalho como atleta quanto pelo de treinadora e professora.

Essas informações só foram possíveis devido a condição de conservação dessas medalhas, tendo em vista que a mais antiga, de acordo com as datações encontradas, é de 1976, ou seja, uma medalha com 43 anos de existência, que devido seu acondicionamento como coleção particular dentro de um acervo esportivo misto em tipologias materiais, as práticas de conservação preventiva são inexistentes. Desta forma, a coleção de medalhas foi por muito tempo acondicionada em suportes de madeira que possuía uma base de folha de isopor com revestimento de camurça, na qual as medalhas eram fixadas nessa base por meio de alfinetes que passava pela contra-argola ou pelas fitas e esse suporte era envolvido por sacolas plásticas.

Na coleção fora identificado apenas 12 exemplares que possuem a FITA, dessas 12 nenhuma possui o PASSADOR e 7 possuem ARGOLA. A partir dessas pequenas informações percebi que a ausência de algumas partes da medalha causam danos ao material, pois, sem o passador elas foram presas por alfinetes que acabaram provocando despejo de produto de corrosão no tecido, além dos furos realizados pela aplicação, o que prejudica a trama da fita.

A coleção é formada por 99% de medalhas com componentes metálicos e esse modo de armazenamento provocou danos ao material como manchas, descamação, descoloração, Pitting, ranhuras, fissuras e corrosão.

Mediante as condições climáticas amazônicas em que, a temperatura é 30°C e a umidade fica cerca de 70% (COSTA; PALÁCIOS; CASTRO, 2015), acervos metálicos requerem um cuidado especial, pois suas condições de climatização devem ser ideais para este tipo de material, ou seja, a umidade deve ser baixa e a temperatura relativa a esta coleção, [...] (MARTINS, COSTA, 2017: 861).

Em detrimento das condições de aclimação especiais que esse tipo de coleção deve ter e do próprio clima amazônico, realiza-se alterações básicas em seu acondicionamento a curto prazo, pois, devido as medidas necessárias a longo prazo demanda um recurso financeiro mais alto. Assim, foram trocadas as bases de isopor por polietileno e retirada a fixação das medalhas por meio de alfinetes e envolvendo o suporte com um saco confeccionado de Tecido Não Tecido (TNT) branco.

Essas ações foram aplicadas de modo a tentar precaver a degradação dos objetos e conseqüentemente as informações que possuem, mesmo que seja a curto prazo, já que essa coleção voltará para a guarda da atleta.

³⁶ Que pode ser realizada com a consulta e pesquisa no inventário ou até mesmo na medalha.

Assim como as medalhas puderam proporcionar análises básicas para a sua conservação preventiva que por hora só foi possível através da documentação museológica, podemos também perceber as mudanças histórias, econômicas, políticas e culturais de um país ou região, pois, já que em seus cunhos elas trazem uma série de informações intrínsecas que nos dão suporte para as extrínsecas. Sendo mais pontual, cito aqui a situação esportiva de atletismo no Pará, uma vez que os eventos desse setor tiveram um declínio aparente após a troca de gestor da Fundação Paraense de Atletismo e desta maneira, as medalhas esportivas a níveis estadual não tiveram tanta “circulação” na modalidade em nível maior, conseqüentemente as atletas e os atletas muita das vezes se desvinculam da FPAAt pra tentar carreira em outras federações (relato da ex-atleta Sandra Malcher, 2018).

Como percebeu-se, assim como pode ocorrer a não “circulação” de medalhas por falta de eventos, também pode ocorrer de o material de confecção das medalhas ser mais barato, não sendo o ouro, prata e o bronze, podendo ser confeccionado até de latão. Isso pode sim ser um fato reflexivo do nível do evento quanto de uma situação econômica e política em que o esporte e mais precisamente, a modalidade pode se encontrar.

Isso acaba por ser um reflexo das instituições políticas e econômicas do Estado, onde não há investimentos plausíveis para a área da educação, cultura, saúde e esporte, justamente pelo Estado ter um modelo de instituição política e econômica extrativista³⁷ (ACEMOGLU; ROBINSON, 2012). Tendo em vista que as instituições políticas são primordiais para o desenvolvimento econômico de um país ou região (ACEMOGLU; ROBINSON, 2012).

Atualmente o antigo Ministério do Esporte foi transformado em uma Secretaria atrelada ao novo Ministério, o Ministério da Cidadania, resultado da fusão entre os Ministério da Cultura, Ministério do Esporte e Ministério do Desenvolvimento Social, realizada pelo atual governo brasileiro. Com essa nova gestão governamental o esporte acaba ficando a mercê das políticas públicas que cessarão os investimentos tanto das empresas estatais quanto do próprio apoio federal, de forma que o mesmo já iniciou cortando o Bolsa Atleta para a metade dos auxílios antes ofertados, deixando de fora as atletas e os atletas das categorias de Base e Estudantil, fazendo permanecer os principais nomes da elite esportiva (Redação Maquina do Esporte, 2019). Com efeito, a Caixa Econômica Federal que é a principal estatal patrocinadora de esportes, principalmente de futebol e corrida de rua, já alertou a sua saída nos investimentos o que deixa o setor esportivo em expectativas desesperadoras.

³⁷ Instituições políticas extrativistas são aquelas que visam proteger os interesses de uma elite privilegiada, restringindo o poder de participação política a um grupo seletivo; Instituições econômicas extrativistas são aquelas que buscam a concentração da renda em uma elite privilegiada (ACEMOGLU; ROBINSON, 2012).

A promessa do atual governo é não reduzir a verba destinada ao Ministério do Esporte, mesmo na condição de secretaria do agora Ministério da Cidadania. Mas a própria manutenção já significaria uma queda acentuada. Em 2015, último ano cheio do Governo Dilma, a pasta mantinha um orçamento de quase R\$ 4 bilhões. Em 2018, pós-Jogos Olímpicos e já com Michel Temer, o valor caiu para menos da metade: foram R\$ 1,5 bilhão destinados ao braço esportivo do governo (Redação Máquina do Esporte, 2019).

Esses dados são deveras importantes para o setor, pois o esporte de modo geral é mantido pelo Estado, porém, são os patrocínios de estatais são quem auxiliam em momentos que o investimento do Governo falha e sem eles é complicado manter esse setor, o que acaba por findar em cortes e encerramento de equipes. A exemplo, além da CAIXA, temos a maior campeã do Troféu Brasil, a BM&F, a atual B3, um dos maiores clubes do país, após 16 anos de experiência e 30 anos de apoio encerra suas atividades em janeiro de 2019 na modalidade, assim como o Cruzeiro que depois de 34 anos de história, também encerrou a equipe de atletismo do clube, ambas por cortes de investimentos e falta de patrocínio (Redação Máquina do Esporte, 2019).

Além dessa questão política, tem-se também uma questão sociocultural. Quando se fala nas questões históricas do Atletismo na capital do Pará, onde, somente a partir desta pesquisa foi possível levantar dados via entrevistas e análise de reportagens em jornais e revistas, para então formar um breve histórico desta modalidade em Belém e conseqüentemente no Pará, acaba-se tocando em pontos referentes ao momento em que as atletas viveram, como se sentiam durante treinos, competições, pós-competições e o pós-carreira, bem como, informações fora das pistas, o que o esporte proporcionou de mudanças em seus hábitos e perspectiva de mundo. Informações geradas a partir da pesquisa em medalhas, onde a medalha foi um veículo condutor de rememoração de memórias positivas e negativas de momentos dessas atletas, de modo individual e também podendo formar uma memória coletiva (HALBWACHS, 2004).

Pode-se evidenciar, fazer emergir, essas histórias em prol de uma valorização da produção cultural de Belém, em suas diversas vertentes, seja ela pela música, arte, esporte, arquitetura, dança, teatro, formas de expressões, relações sociais, etc. A população belenense muita das vezes desconhece ou não tem acesso a essas produções, podendo ser devido à questões financeiras para se locomover até o local onde está acontecendo tal produção, apesar de existir dias e programação em que são disponibilizadas as gratuidades³⁸.

³⁸ No caso dos museus da região metropolitana, todas as terças-feiras; os recitais e espetáculos no Teatro da Paz que eventualmente também tem sessões gratuitas, assim como no Teatro Margarida Schivasappa e o Cine Libero Luxardo que também ocasionalmente promove sessões sem taxas de entrada e o Serviço Social do Comércio – SESC, que conta com uma diversidade de programação com isenções de bilhetes de entrada.

Esses são alguns pontos que tem-se a probabilidade de estudo a partir da pesquisa em medalhas e de certo modo, em acervos esportivos nas suas variadas tipologias, como os documentos, fotografias, indumentárias, troféus, entre outros. A análise nos faz refletir sobre questões históricas que o esporte vem passando e qual o desenvolvimento (positivo ou negativo) que ele possui nos dias atuais.

3.2. DOCUMENTAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO

Como uma das funções basilares do museu, a realização da documentação museológica possibilita ações voltadas a preservação, investigação e a comunicação dos bens culturais (CANDIDO, 2006), esta se faz necessária pois, é parte fundamental do processo que este trabalho pesquisa, ao identificar, catalogar e sistematizar esse conjunto de informações contidas nos bens materiais, fazendo com que o bem cultural possa ser salvaguardado e valorizado. Mario Chagas (1996) apud Maria Inez Cândido (2006) direciona seu pensamento através da relação homem - bem cultural - espaço, articulando-os com os conceitos de patrimônio, memória, preservação, comunicação e investigação na articulação de uma documentação mais elaborada para dar subsídio ao processo de musealização. Porém, não se deve tratar a documentação como um fim e sim como um elo no processo de um conjunto de ações direcionadas para a preservação, educação, comunicação e pesquisa.

[...] a documentação museológica vai fundamentar o fazer museológico das outras ações no interior da instituição museu, não deve ser entendida como a principal, ou a mais importante, mais deve ser concebida como um processo educativo e comunicativo que estará engajado à uma concepção de Educação e de Museu, não sendo assim, continuará como um banco de dados de itens que nada comunicam, a não ser o que menos se necessita para a compreensão do objeto museal (NASCIMENTO, 1994:37).

Quando penso em documentação de acervos, os primeiros questionamentos que me surgem são: Para quem estou documentando? e Para quê estou documentando?

É sempre bom pensar nessas questões, pois, a prática da documentação museológica tem como uma de suas finalidades a administração interna dos acervos, o que facilita as finalidades do processo, a comunicação, seja ela por via de pesquisas ou exposições. No caso do MIAPA esse processo ocorreu de modo inverso. Antes de dar entrada para estudo e organização, o acervo já passava pelo processo de exposição, que fora produzido pela atleta Suzete Montalvão e que após entrar no curso de Museologia na UFPA, resolveu trazer todo o material para iniciarmos o processo desde os seus primeiros passos. Após, a confecção de documentos necessários para a criação e gestão de acervo, passamos para a parte de organização e sistematização.

De modo a discutir os questionamentos realizados por mim, em prol da documentação, iniciamos essa discussão com o “Para quem estou documentando?”. Assim, pensa-se em quem irá receber esse material e qual serventia ele terá, de forma a levar em consideração que a documentação museológica para organizar e sistematizar o acervo deve propor uma linguagem compreensível (CAMARGO-MORO, 1986) aos responsáveis do acervo – que deveriam ser principalmente museólogas e museólogos, porém, na prática não é bem assim que acontece. Pensando nessa linguagem procuramos abordar um sistema de classificação para promover a distinção de objetos do acervo e identificar quais as particularidades de classes, subclasses e termos.

[...] é preciso estabelecer um sistema de documentação apropriado para o acervo do museu alvo ou conjunto de museus, baseando-se em estruturas técnicas gerais e especializadas, bem como estabelecendo uma série de convenções. Estas convenções são essenciais em todo o desempenho do trabalho, pois permitem uma padronização básica essencial (CAMARGO-MORO, 1986).

A partir da organização, confeccionamos um inventário do acervo e selecionamos apenas a coleção de medalhas para dar seguimento a pesquisa devido as questões já tratadas no tópico anterior, o que nos leva a atualização deste suporte documental. O inventário nos proporciona a identificação do objeto através de suas informações básicas - como o título, ano de procedência, número de inventário e material -, além de nos evidenciar o quantitativo de objetos existentes no acervo ou coleção, por meio desse registro de informações (PADILHA, 2014). Atualizamos também, a ficha catalográfica, de maneira a adequá-la para o tipo de objeto que seria catalogado.

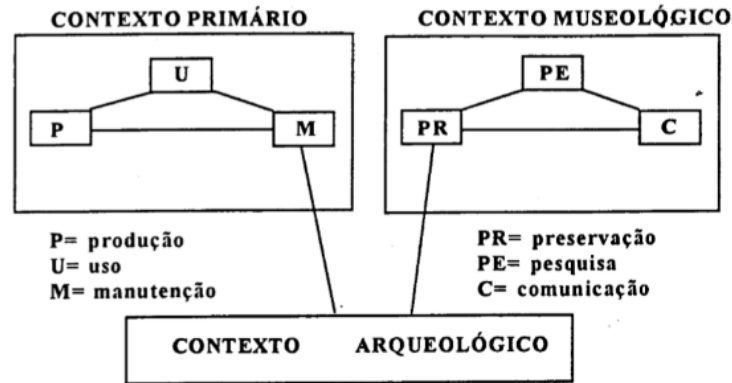
Por conseguinte, a utilização da documentação para este trabalho, tem como intuito a preservação da história e memória da atleta paraense, já que essa prática de registro tem como principal objetivo a organização e recuperação de informações sobre o acervo. As medalhas como objeto de estudo, ao serem incorporadas nesse processo de registro também passam a receber um valor documental, saindo de um contexto primário e incorporando em um contexto museológico, onde ganha novas ressignificações de suas funções e sentidos a ser comunicado, preservado e pesquisado, surgindo então, uma *musealia*³⁹.

No esquema abaixo, Mensch (1990) visualiza o objeto nos seu contexto primário e no seu contexto museológico, de modo que “cada objeto pode ser descrito e analisado essa matriz tridimensional, sistemática que nos leva a redimensionar o papel da documentação nos museus, como suporte da pesquisa científica e da comunicação. Não basta descrever fisicamente os

³⁹ Musealia ou Objeto de museu é aquele objeto ou coisa que a partir de sua musealização ele sai de sua zona primária de utilidade e passa a ganhar novo sentido e significado em um espaço museal (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

objetos. É preciso reconstituir a sua história” (FERREZ, 1991:2). Assim, apesar dos três contextos diagramados por Mensch terem diferentes maneiras de perceber o objeto, todos tem a preocupação de obter dados por meio do objeto, seja de maneira superficial ou mais profundada, que é o caso do museológico.

QUADRO 5: Esquema contextual de Mensch.



Fonte: Mensch (1990) apud Ferrez (1991).

No contexto primário, temos o objeto com suas funções e sentidos atribuídas a partir de sua produção e função utilitária passíveis de transformações dependendo da relação do homem com o bem cultural, já no contexto museológico esse objeto ou coisa ganha um novo sentido, voltado a ser o representante de algo, ganhando o sentido de documento, como conceitua Padilha (2014:13):

É qualquer objeto produzido pela ação humana ou pela natureza, independentemente do formato ou suporte, que possui registro de informação. O documento pode representar uma pessoa, um fato, uma cultura, um contexto, entre outros. Ele se caracteriza como algo que prova, legitima, testemunha e que constitui de elementos de informação.

Levando em consideração as questões históricas desse esporte no estado do Pará e a negligencia documental de não existir material escrito, organizado, que possam preservar a memória esportiva histórica do atletismo e de atletas paraenses, a documentação museológica surge como uma ferramenta de pesquisa que visa por meio do objeto, a tentativa de absorção de informação que podem ser adquiridas através da leitura que as iconografias e datas que as medalhas trazem em seu corpo, além da utilização da memória viva, as atletas e os atletas que são os detentores da história acometida por trás das conquistas de cada medalha, troféu, certificado ou placas de condecoração.

Passamos para o segundo questionamento, “Para quê estou documentando?”. À vista disso, pensamos a documentação como subsidio para a preservação, entendendo que a preservação “engloba todas as operações envolvidas quando um objeto entra no museu, isto é, todas as operações de aquisição, entrada em inventário, catalogação, acondicionamento, conservação e, se necessário, restauração” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013:68), nos

possibilita a pesquisa mais aprofundada que possa ser gerada após toda essa organização, afim de que, por meio da comunicação, consigamos difundir o conhecimento obtido mediante o estudo de medalhas, seja no viés da cultura, arte, política, economia, etc.

Se a documentação nos viabiliza o estudo para a preservação, este trabalho volta-se na preservação da história e memória desse esporte no Pará, através do estudo em medalhas por entender que os objetos possuem sim uma “alma” como traz Flávio Leonel (2005) de modo que, este objeto ou coisa sempre traz consigo as experiências de um sujeito atrelada ao local em que fora envolvido, onde lhe é atribuído valores e simbolismos compartilhados em que ele sempre remeterá a algum lugar, alguma pessoa ou um grupo de pessoas.

É nesse sentido que é possível falar numa memória que impregna e restitui “a alma nas coisas”, referida a uma paisagem (inter)subjetiva onde o objeto (re)situa o sujeito no mundo vivido mediante o trabalho da memória, ou ainda, é da força e dinâmica da memória coletiva que o objeto, enquanto expressão da materialidade da cultura de um grupo social, remete à elasticidade da memória como forma de fortalecer os vínculos com o lugar, considerando as tensões próprias do esquecimento. (SILVEIRA.2005:39)

Assim, o uso do objeto como forma de materialização da memória entra em voga quando, durante a elaboração dos suporte de documentação, foi possível perceber que em contato com o objeto, a atleta Suzete entra em um momento de rememoração do evento onde ganhou tal medalha e a importância desse objeto para a sua história, bem como a rememoração de momentos a partir de correspondências recebidas de familiares quando estava competindo fora do Brasil.

[...] é esse fluxo de sentidos e imagens que o objeto dispersa no mundo que é capaz de veicular aspectos singulares das reminiscências do sujeito devaneante, pelas ações de rememorar vivências passadas e experimentar a tensão entre esquecimentos e lembranças, a partir do contato com a materialidade da coisa e os sentidos possíveis que ela encerra consigo. (SILVEIRA, 2005:38)

Ao falar em memória coletiva deve-se lembrar que Halbwachs (2004) ao discutir essa questão, trata da memória individual como parte resultante da memória coletiva, onde as lembranças e referências são instituídas por um grupo específico, bem como as vivências desse grupo interferem nas lembranças, de modo que essas podem não ser totalmente verdadeiras, sendo então uma reconstrução ou similaridades de um fato ocorrido que pode ser ajustado de acordo com a percepção de outros indivíduos desse mesmo grupo, podendo ter interferências de uma memória histórica. A memória coletiva está em constante mudança e por isso deve ser tratada no plural como “memórias coletivas”. Ainda afirma que as bases da formação de identidade são pautadas nas memórias de um indivíduo ou um país.

Nora (1993) traz também a memória como algo em constante evolução, e diferente de Halbwachs, para Pierre, ela não se prende ao passado, pois, é um fenômeno atual, vivido em

um eterno presente, que “se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções”. Explicita que não há memória espontânea e nem verdadeira, que é preciso “criar arquivos” relacionados a necessidade do indivíduo em formar a sua identidade. Aponta três aspectos para que algo seja um “lugar de memória”, são o material, simbólico e funcional, sendo que esses coexistem sempre, “o material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número de uma maioria que deles não participou” (NORA, 1993:22) ou seja, a memória se pendura nos lugares.

Trazendo essa percepção para as medalhas, a memória é o principal veículo de informação que teremos para o desdobramento deste trabalho, haja vista que, ainda temos a memória viva de atletas atuantes tanto na área do esporte quanto em áreas similares. Com o preenchimento das fichas, conseguimos abstrair do objeto as informações básicas do evento, porém serão as memórias da atleta que nos possibilitarão um esclarecimento do todo, do simbolismo e valores atribuídos pelo local, pela atleta e por todas as sensações vividas durante a competição, ou seja, a medalha acaba por ser tornar um local de memória, cheio de significações, envolto pela memória coletiva de um grupo específico, que neste caso pode ser a equipe com um determinado assunto sobre aquele ganho, a família com uma visão diferente da memória coletiva daquele grupo de equipe ou até mesmo se conversarmos com os torcedores que estavam presentes naquele momento. Enfim, podemos ter diferentes visões, diferentes formadores de uma memória coletiva a partir do ponto de partida, do grupo selecionado e assim poder confrontar essas seleções de memória ocasionando em memórias com o mesmo tema e três (3) diferentes pontos de vistas, sendo neste caso, o familiar, o técnico⁴⁰ e o amador⁴¹.

O trabalho no preenchimento das fichas trata da recuperação de informação, assim como o inventário trata da organização. Sendo as fichas o suporte para a recuperação de informação, elas serão os primeiros registros documentais que teremos da história do atletismo no Pará, apesar de ser apenas de uma atleta, porém, ela faz parte da teia de formação desse cenário e é uma das figuras mais importantes desse setor a nível estadual. Podemos então, auxiliar na preservação dessa memória esportiva por meio das fichas e apesar da coleção não ter um local de armazenamento, adequamos os suportes em que são expostas as medalhas, revestindo-os com polietileno e envolvendo os suportes em sacolas de tecido não tecido (TNT)

⁴⁰ Relacionado ao ponto de vista dos atletas presentes na competição;

⁴¹ Relacionado ao ponto de vista da torcida;

branco, além de, também, armazenar as medalhas com suporte/base em uma vasilha transparente de polipropileno, assim conseguimos salvaguardar tanto o documento quanto a sua documentação.

Esse registro traz por meio da medalhas a história de Suzete, que poderá ser compartilhada através da comunicação, seja em pesquisas ou exposições, o que pode ser um mecanismo de incentivo à outras/os atletas a fazerem parte dessa rede de compartilhamento da memória, construindo uma história sobre esse esporte por meio desses agentes portadores de informação. Também pode ser o ponta pé inicial para futuros projetos que possam unir a Museologia e o esporte no âmbito municipal e estadual.

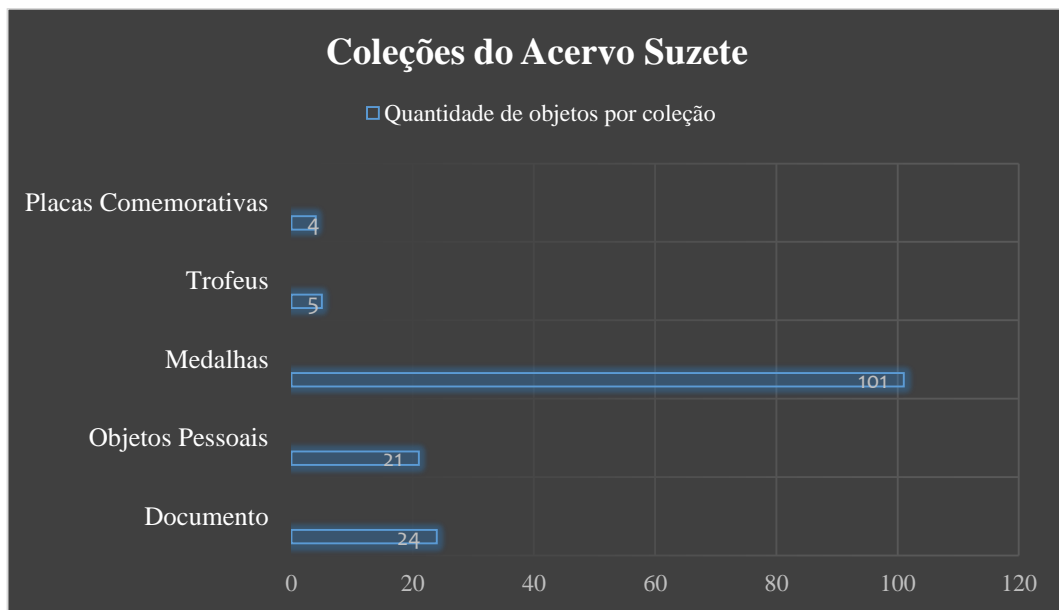
CAPITULO 4 – O PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DO ACERVO SUZETE MONTALVÃO À COLEÇÃO DE MEDALHAS

O acervo de Suzete Montalvão foi trabalhado durante toda a disciplina e ao termino resolve-se dar continuidade ao trabalho pois, acredita-se na potencialidade museológica que a cultura material desse acervo possui. Por ser um Museu de natureza itinerante ele não dispõe de sede, e assim com auxílio da coordenação do curso de Museologia a equipe inicial conseguiu guardar o acervo no Laboratório de Documentação da Faculdade de Artes Visuais da UFPA, para que todas as terças no período da tarde pudessemos dar seguimento ao processo de higienização e documentação do acervo e assim foi feito até dezembro de 2017. Durante o trabalho encontramos muita dificuldade para preencher a parte histórica pois, não há muita informação sobre a modalidade esportiva - nesse caso o atletismo - tanto nos noticiários via internet quanto em materiais impressos das décadas de 70 a 2000.

Essa dificuldade continuou durante meu trabalho de atualização, o que me fez sinalizar a importância de entrevistas para posteriores trabalho no preenchimento das fichas elaboradas e atualizadas neste processo. Pelo retorno de aulas da disciplina Laboratório de Prática Documental para a turma de ingresso em 2016 o acervo passa a ser guardado em outra sala cedida pela coordenação, a Sala de Preparação de Reserva Técnica onde pude trabalhar para este trabalho de conclusão. Trabalhei na análise do material já elaborado a partir de setembro de 2018. Dentre toda essa produção, destaco para este trabalho a elaboração do sistema de classificação, do inventário museológico e das fichas catalográficas que foram pensadas de acordo com a necessidade do acervo.

Contabilizou-se então 156 objetos distribuídos em suas determinadas coleções no acervo Suzete Montalvão e em 2019 retorno com o preenchimento de fichas catalográficas das 101 medalhas. Nos dias 21 e 23 de maio, juntamente com João Vitor Correa Diniz – mestrando e professor substituto do curso de Museologia -, organizamos e realizamos uma oficina de “Documentação Museológica em Acervo de Medalhística”, utilizando as medalhas do MIAPA com uma explanação sobre conceitos básicos da documentação, breve histórico do acervo, a coleção de medalhas, além de explicar o processo de elaboração dos suportes de documentação e como deveria proceder no preenchimento, principalmente na análise minuciosa de retirada de informações desses objetos. Com a chegada da montagem de exposição da turma de 2016 a coleção ganha um novo lugar de abrigo, saindo da Sala de Preparação de Reserva Técnica e chegando até o Laboratório de Preparação Técnica – LAPRET.

GRÁFICO 6: Gráfico da quantidade de objetos por coleção do acervo de Suzete Montalvão.



Apesar de não ser um dos objetivos aqui, e em detrimento da organização que estava sendo realizada na coleção de medalhas, trago uma proposta de etiquetas que pudesse servir tanto para as práticas administrativas internas do museu quanto para as exposições, levando em consideração o caráter itinerante do Museu. Nela utilizamos, o reverso e o anverso para adicionar as informações, de um lado opta-se por inserir o número de inventário do objeto e no outro, o termo, técnica, título, ano e atleta que pertence o objeto. Como vemos abaixo:

ANVERSO

REVERSO

MEDALHA	MIAPA.I.1.1.046
FUNDIÇÃO	
XXIV TH Olympiad Seoul	
1988	
SUZETE MONTALVÃO	

4.1. SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO

O sistema de classificação foi estabelecido por uma questão inicial de organização de acervo. Antes de realizar os processos de elaboração de inventário, etiqueta de identificação e ficha catalográfica, foi preciso saber quais os tipos de objetos que continha no acervo e assim estabelecemos esse sistema de acordo com estudos de Maria Inez Cândido (2006).

Toma-se como base a estratégia que Cândido (2006) utiliza para poder organizar os objetos dentro de suas coleções, o sistema de classificação deste trabalho fora composto pela

divisão de Classe, Subclasse e Termo, retirados de acordo com a classificação estabelecida no Thesaurus para Acervos Museológicos (1987). Segundo Ferrez e Bianchini (1987) as Classes são tidas como o universo em que os objetos estão inseridos e em sua Subclasse são as divisões das classes gerais, divididos por sua funcionalidade mais específica, por fim, os termos, os quais são os nomes que identificamos os objetos. Essa classificação é feita de acordo com a função do objeto, seja ela uma função primária, aquela de caráter imutável e que encontramos em todos os objetos, ou a uma função secundária “que se revela pela leitura de seu sentido documental e que vem associada à sua função utilitária primária” (CANDIDO, 2006: 39). Conforme o tipo de função que o objeto possui, a classificação foi atribuída optando por apenas uma dessas, utilizamos assim, a função primária da medalha, evitando que os objetos de mesma função possuam termos diferentes.

Desta maneira, optando pela função primária dos objetos, dividi-se as classes em cinco, as subclasses em sete - antes seis - e os termos que compõe essas subclassificações como pode-se perceber abaixo. Em atualização fora inserida mais uma subclasse, EQUIPAMENTOS DE ESCRITA, à classe COMUNICAÇÃO, pois, em análise percebemos que dentro dessa poderíamos dividir em duas subclasses devido os desmembramentos encontrados de objetos localizados na subclasse DOCUMENTO.

As classes e as subclasses encontradas no acervo foram: objetos cerimoniais com a subclasse objeto comemorativo; objetos pessoais com a subclasse acessório de indumentária e peça de indumentária; comunicação com as subclasses documento e equipamento de comunicação escrita; lazer/desporto com a subclasse lazer/desporto e embalagens/recipientes com a subclasse embalagens/recipientes. Nessas últimas duas classes não há divisões de subcategorias, portanto repetimos a classe na subclasse.

Assim, abaixo é possível perceber a mudança ocorrida após a atualização do sistema de classificação. O primeiro sistema aqui apresentado trata-se do elaborado durante as aulas de Laboratório de Documentação e o segundo, durante a pesquisa deste trabalho:

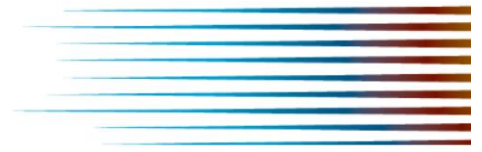
QUADRO 6: Sistema de Classificação elaborado em 2017 (antigo).



Museu Itinerante do Atletismo Paraense

CLASSE	SUBCLASSE	TERMOS (OBJETOS)
<p>1 OBJETOS CERIMONIAS Objetos usados em cerimônias e/ou rituais civis, religiosos ou militares; (Exclui instrumentos musicais, mobiliário e indumentária)</p>	<p>Objeto Comemorativo – Objetos usados para homenagear pessoas e lugares ou comemorar eventos; objetos que geralmente não cumprem função utilitária.</p>	<p>Bloco comemorativo, coroa de louros, chave simbólica, fita inaugural, marco, medalha comemorativa, medalha premial, moeda de coleção, pedra fundamental, placa comemorativa, tocha simbólica, troféu, taça de prêmio, etc.</p>
<p>2 OBJETOS PESSOAIS Objetos criados para servir às necessidades pessoais dos indivíduos, tais como proteção e higiene do corpo, adorno, crença, etc.</p>	<p>Acessório de Indumentária – Objetos usados para sustentar e/ou fixar peças de vestuário ou penteados, mesmo quando fragmentos e adereços que complementem trajes.</p> <p>Peça de Indumentária – Objetos usados como vestimentas ou calçados pelo indivíduo. Incluem também as coberturas de cabeças e mascaras que complementem trajes.</p>	<p>Abotoadura, adereço de mão, alfinete, barbicacho, botão, cabeleira, cinto, faixa, talim, fíbula, fivela de calçado, prendedor de cabelo, grampo de cabelo, suspensório, etc</p> <p>Avental, beca, blusa, corpete, calça, calçado, bota, botina, sandália, sapatilha, camisa, capa, manto, casaco, bolero, jaqueta, boné, boina, capacete, capuz, chapéu, touca, luva, meia, saia, etc.</p>
<p>3 COMUNICAÇÃO Objetos usados para transmitir informações às pessoas</p>	<p>Documento – Classe criada sobretudo para os museus; Refere-se a documentos textuais e cartográficos, bem como os iconográficos excluídos da classe de ARTES VISUAIS – CINEMATOGRÁFICA.</p>	<p>Adesivo, agenda, álbum, atlas, caderno, carta, carteira de identidade, carteira de trabalho, certidão, convite, diploma, documento fotográfico, jornal, livro, ofício, passaporte, telegrama, título de eleitor, etc.</p>
<p>4 LAZER / DESPORTO</p>	<p>Lazer/Desporto – Objetos criados para servir de brinquedo ou utilizados em jogos, sorteios, atividades esportivas, etc. (Exclui Indumentária e Mobiliário).</p>	<p>Acessório de jogo: baralho, bola, carta de baralho, caixa de jogo, etc; Brinquedo: bilboquê, boneco, cata-vento, etc. Jogos: damas, dominó, etc.</p>
<p>5 EMBALAGENS / RECIPIENTES</p>	<p>Embalagens / Recipientes – Objetos usados para embalar produtos e mercadorias, e recipientes com função não determinada.</p>	<p>Barrica, barril, caixa, caixote, estojo, cesta, balaio, jacá, paneiro, garrafão, frasco, garrafa, botija, lata, pipa, pote, saco, surrão, tacho, tina, tonel, etc.</p>

QUADRO 7: Sistema de Classificação elaborado em 2018 (atualizado)



CLASSE	SUBCLASSE	TERMOS (OBJETOS)
<p>1</p> <p>OBJETOS CERIMONIAS Objetos usados em cerimônias e/ou rituais civis, religiosos ou militares; (Exclui instrumentos musicais, mobiliário e indumentária)</p>	<p>Objeto Comemorativo – Objetos usados para homenagear pessoas e lugares ou comemorar eventos; objetos que geralmente não cumprem função utilitária.</p>	<p>Bloco comemorativo, coroa de louros, chave simbólica, fita inaugural, marco, medalha comemorativa, medalha premial, moeda de coleção, pedra fundamental, placa comemorativa, tocha simbólica, troféu, taça de prêmio, etc.</p>
<p>2</p> <p>OBJETOS PESSOAIS Objetos criados para servir às necessidades pessoais dos indivíduos, tais como proteção e higiene do corpo, adorno, crença, etc.</p>	<p>Acessório de Indumentária – Objetos usados para sustentar e/ou fixar peças de vestuário ou penteados, mesmo quando fragmentos e adereços que complementem trajes.</p> <p>Peça de Indumentária – Objetos usados como vestimentas ou calçados pelo indivíduo. Incluem também as coberturas de cabeças e mascaras que complementem trajes.</p>	<p>Abotoadura, adereço de mão, alfinete, barbicacho, botão, cabeleira, cinto, faixa, talim, fíbula, fivela de calçado, prendedor de cabelo, grampo de cabelo, suspensório, etc</p> <p>Avental, beca, blusa, corpete, calça, calçado, bota, botina, sandália, sapatilha, camisa, capa, manto, casaco, bolero, jaqueta, boné, boina, capacete, capuz, chapéu, touca, luva, meia, saia, etc.</p>
<p>3</p> <p>COMUNICAÇÃO Objetos usados para transmitir informações às pessoas</p>	<p>Documento – Classe criada sobretudo para os museus; Refere-se a documentos textuais e cartográficos, bem como os iconográficos excluídos da classe de ARTES VISUAIS – CINEMATOGRAFICA.</p> <p>Equipamento de Comunicação Escrita – Objetos usados na escrita, autenticação, guarda e transporte de documentos textuais, e respectivos acessórios, inclusive os de leitura. Exclui mobiliário.</p>	<p>Adesivo, agenda, álbum, atlas, caderno, carta, carteira de identidade, carteira de trabalho, certidão, convite, diploma, documento fotográfico, jornal, livro, ofício, passaporte, telegrama, título de eleitor, etc.</p> <p>Almofada (carimbo), apontador de lápis, bloco de papel, caixa de correio, canudo, copiador, envelope, estojo de lápis, furador de papel, máquina de escrever, mata borrão, matriz sigilografica, papel de carta, etc.</p>
<p>4</p> <p>LAZER / DESPORTO</p>	<p>Lazer/Desporto – Objetos criados para servir de brinquedo ou utilizados em jogos, sorteios, atividades esportivas, etc. (Exclui Indumentária e Mobiliário).</p>	<p>Acessório de jogo: baralho, bola, carta de baralho, caixa de jogo, etc; Brinquedo: bilboquê, boneco, cata-vento, etc. Jogos: damas, dominó, etc.</p>
<p>5</p> <p>EMBALAGENS / RECIPIENTES</p>	<p>Embalagens / Recipientes – Objetos usados para embalar produtos e mercadorias, e recipientes com função não determinada.</p>	<p>Barrica, barril, caixa, caixote, estojo, cesta, balaio, jacá, paneiro, garrafão, frasco, garrafa, botija, lata, pipa, pote, saco, surrão, tacho, tina, tonel, etc.</p>

4.2. INVENTARIO MUSEOLÓGICO

Nesse tópico, trago a atualização do inventário elaborado em 2016, em que fora produzido no formato de planilha, por meio da seleção do acervo entre as suas classes de acordo com o Thesaurus (1987), como forma de obter uma maximização aquisitiva de informações dos objetos das coleções. Buscamos utilizar metadados que nos informe as principais características de cada objeto formando uma padronização básica essencial (CAMARGO 1986 apud NASCIMENTO 1994) que fornece ao pesquisador e a pesquisadora a facilidade de distinção entre os materiais, juntamente com a metodologia que Cândido (2006) propõe e que usufruí com algumas adaptações para o acervo de Suzete Montalvão e principalmente em sua coleção de medalhas.

No inventário elaborado pela equipe⁴² composta em 2016, opta-se em organizar esse suporte contendo os seguintes campos: Nº de Ordem; Nº de Inventário; Termo/Objeto; Título; Ano de Aquisição; Classe; Subclasse; Autor/Fabricante; Material; Técnica; e Observações, lembrando que foram pensados estes campos de informação de acordo com a diversidade encontrada no acervo, o qual contém as classes de objetos pessoais com as peças de indumentárias contendo shorts, camisetas, sapatilhas e faixas; objetos cerimoniais com medalhas, troféus e placas comemorativas; comunicação com documentos e equipamentos de comunicação escrita como cartas, documentação de gênero, crachás, fotografias; embalagens e recipientes como sacolas e caixas; e lazer e esporte contendo o boneco Odori, mascote das Olimpíadas de Seul em 1988.

FIGURA 19: Odori - Mascote das Olimpíadas na Coreia do Sul.



Fonte: Gabriele Martins (2017)

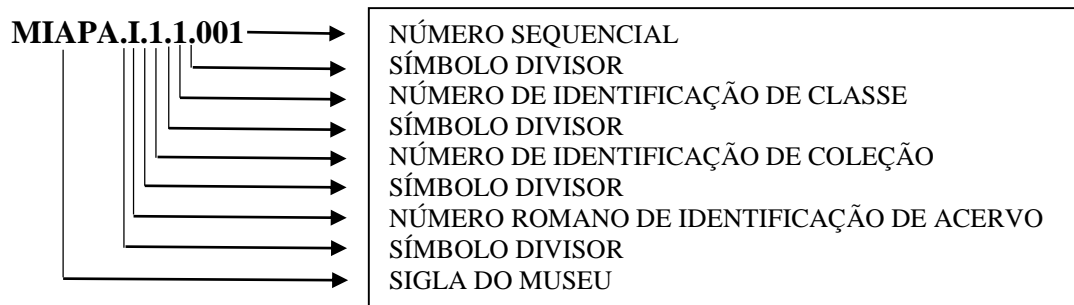
⁴² Suzete Montalvão, Gabriele Martins, Paloma Costa, João Vitor Polaro, Jaiane Lima, André Luiz Ferreira e Vitor Xavier.

Detalhando os metadados do inventario, temos:

1 - Nº de Ordem, que nos possibilita a contagem quantitativa da coleção e do acervo como um todo;

2 - Antigo nº de Inventário, torna-se pertinente a introdução desse campo, pois, ele informa que outrora esta coleção de medalhas passou pelo processo de documentação;

3 - Nº de Inventário, o qual foi pensando a codificação alfanumérica divididas em cinco partes, sendo polipartido, onde traríamos as iniciais do museu (MIAPA), numeração romana para identificação de acervo, número indicando a coleção de acordo com o sistema de classificação realizado, número indicando a classe também de acordo com o sistema e o número sequencial. Em alguns casos, objetos com subdivisão/desdobramento seguem a indicação por meio de letras minúsculas (a,b,c).



4 - Termo, nome atribuído ao objeto;

5 - Título, corresponde a inscrição principal do objeto;

6 - Ano de Aquisição, é referente ao ano de entrada da coleção enquanto parte do acervo do MIAPA;

7 - Classe, define em qual grupo maior encontramos o objeto;

8 - Subclasse, define em qual grupo menor, dentro da classe, o objeto se encontra;

9 - Autor/Fabricante, campo alterado, pois, restringe-se à categorias do acervo: documentos, fotografias e certificados. Deu lugar ao campo Período, já que inclui todo o acervo;

10 - Material, relacionado ao tipo de material em que o objeto fora confeccionado;

11 - Técnica, trata de como o objeto foi moldado para ter a forma final. Este metadado tem uma importante função para esta coleção, pois, permite por meio dessa identificação os fatores de degradação que os objetos podem estar suscetíveis;

12 – Observações, que fora destinada para informações relevantes na identificação do objeto, como a coloração da medalha e evento organizador.

Abaixo segue o inventário antigo, criado em 2016, seguido de sua atualização completa, produto desta pesquisa.

QUADRO 8: Inventário Museológico da Coleção de Medalhas elaborado em 2017 (antigo).

Inventário da coleção do Museu Itinerante do Atletismo Paraense (MIAPA)

Classe: Objetos Cerimoniais

Nº de ordem	Nº de Inventário	Termo/objeto	Título	Ano de aquisição	Classe	Subclasse	Autor/fabricante	Material	Técnica	Observação
001	MIAPA.1.001	Medalha	Federação de Esportes Universitários do Pará	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	-
002	MIAPA.1.002	Medalha	XXIV TH Olympiad Seoul 1988	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Medalha de Participação
003	MIAPA.1.003a	Medalha	Mérito Grão-Pará – 1972 – (maior)	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	SUB LÈGE PROGREDIAMUR - Condecoração
004	MIAPA.1.003b	Medalha	Mérito Grão-Pará – 1972 – (menor)	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	SUB LÈGE PROGREDIAMUR - Condecoração
005	MIAPA.1.004	Medalha	Grande Prêmio Brasil	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Laminação	Premiação em 3º lugar de Suzete Fraiha Montalvão
006	MIAPA.1.005	Medalha	X Jogos Escolares Brasileiros em Brasília	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição / Laminação	Medalha colocada em Base
007	MIAPA.1.006	Medalha	XI Jogos Escolares Brasileiros	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal / Camurça	Fundição	12 a 25 de julho em Brasília DF
008	MIAPA.1.007	Medalha	Corrida do Círio – 85 1º Lugar Geral Feminino	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Madeira e Metal	Fundição /	-
009	MIAPA.1.008	Medalha	Operação Juventude (Colgate Palmolive)	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	“Honra ao Mérito” por sua brilhante participação no IV Campeonato Colegial de Atletismo
010	MIAPA.1.009	Medalha	Campeonato Sul-americano de Atletismo Adulto XXXIV Masculino / XXIV Feminino	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Secretaria de Estado de Esportes e Turismo São Paulo 08 a 11 Out. 1987 / São Paulo / Brasil
011	MIAPA.1.010	Medalha	Federação Paraense de Desportos / Campeão	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	-
012	MIAPA.1.011	Medalha	Copa Norte Nordeste de Atletismo	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	-
013	MIAPA.1.012	Medalha	Copa Norte Nordeste de Atletismo	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	-

014	MIAPA.1.013	Medalha	Troféu Norte-Nordeste de Atletismo / Belém – PA / 1979	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	-
015	MIAPA.1.014	Medalha	III Campeonato Ibero-americano de Atletismo	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	Escrita em metal: 22 – 23 – 24 – VII / CD. De México 1988
016	MIAPA.1.015	Medalha	Comando Militar do Norte – 8ª Região Militar	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	1º lugar Feminino 21-08-94 Suzete
017	MIAPA.1.016	Medalha	Confederação Brasileira de Desportos Universitários / CBDU	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	-
018	MIAPA.1.017	Medalha	Cassazum 94 / Anos 30 / 19 Anos em diante Feminina	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	-
019	MIAPA.1.018	Medalha	I Norte Nordeste de Atletismo Natal 1977	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	-
020	MIAPA.1.019	Medalha	Campeonato Brasileiro de Atletismo / Menores	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	-
021	MIAPA.1.020	Medalha	Centro Interescolar de Atletismo	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	-
022	MIAPA.1.021	Medalha	V Tosame Posta 4x400	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	Medalha com fita de cor azul
023	MIAPA.1.022	Medalha	Grande Prêmio Brasil	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Laminação	3º Lugar
024	MIAPA.1.023	Medalha	V Tosame Posta 4x100	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	Uruguay 1978 (medalha com fita de cor azul)
025	MIAPA.1.024	Medalha	Campeonato Brasileiro de Atletismo	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
026	MIAPA.1.025	Medalha	Troféu Norte e Nordeste de Atletismo	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
027	MIAPA.1.026	Medalha	II Torneio Norte e Nordeste	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
028	MIAPA.1.027	Medalha	Campeonato Sul-Americano de atletismo Adulto – XXXIV Masculino / XXIV Feminino	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	Secretaria de Estado de Esportes e Turismo São Paulo 08 a 11 Out. 1987 / São Paulo / Brasil
029	MIAPA.1.028	Medalha	III Campeonato Iberoamericano de Atletismo	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	22.23.24.VII.CD.DE. Mexico 1988
030	MIAPA.1.029	Medalha	Copa Norte e Nordeste – 1985 - CBAT	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
031	MIAPA.1.030	Medalha	Campeonato Intercolegial Juvenil de Atletismo 82	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	Centro Interescolar de Atletismo Pará - CIA

032	MIAPA.1.031	Medalha	Copa Norte e Nordeste – 1985 - CBAT	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	
033	MIAPA.1.032	Medalha	Grande Prêmio Brasil – Curitiba - 1988	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Laminação	Segunda Etapa – 2º Lugar
034	MIAPA.1.033	Medalha	DEFIDE	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Governo do Estado do Pará
035	MIAPA.1.034	Medalha	Grande Prêmio Brasil - 1988	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Laminação	Quinta Etapa – 3º Lugar
036	MIAPA.1.035	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Estados Unidos
037	MIAPA.1.036	Medalha	Torneio Clovis Malcher	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Universidade Federal do Pará
038	MIAPA.1.037	Medalha	V Troféu Norte- Nordeste 1981 – São Luis-MA	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	04 a 07 de setembro de 1981 CBAT FAMA SEDEL
039	MIAPA.1.038	Medalha	II Torneio Norte Nordeste	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	
040	MIAPA.1.039	Medalha	II Torneio Norte Nordeste	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	
041	MIAPA.1.040	Medalha	VII Troféu Norte Nordeste de Atletismo –1983 – Natal-RN	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	15 e 16 outubro de 1983 CBAT FNA
042	MIAPA.1.041	Medalha	Troféu Norte Nordeste de Atletismo - 1979	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Belém-PA CBAT
043	MIAPA.1.042	Medalha	UOFU 220	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	2nd
044	MIAPA.1.043	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Sociedade Civil Colégio Moderno - Belém-PA
045	MIAPA.1.044	Medalha	Honra ao Mérito – Clube de Recreação	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Destaque Atletismo Suzete Montalvão - 1982
046	MIAPA.1.045	Medalha	CASSAZUM – 1994 – Torneio da Amizade	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	“Anos 30” – FC Campeão 23.10.94
047	MIAPA.1.046	Medalha	WSC INV - 200	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	3rn
048	MIAPA.1.047	Medalha	XI Jogos Escolares Brasileiros - SEED	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	12 a 25 de julho – 1981 – Brasília Distrito Federal
049	MIAPA.1.048	Medalha	Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	SECDT
050	MIAPA.1.049	Medalha	WSC INV Mile Relay IST	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	
051	MIAPA.1.050	Medalha	State Track Meet – High School Utahe Activities	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	ASSN

052	MIAPA.1.051	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Sociedade Civil Colégio Moderno - Belém- PA
053	MIAPA.1.052	Medalha	Grande Prêmio Brasil – Curitiba	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Laminação	Primeira Etapa – 2º Lugar
054	MIAPA.1.053	Medalha	UOFU 440 RUN	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	1st
055	MIAPA.1.054	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Centro Interescolar de Atletismo Pará - CIA
056	MIAPA.1.055	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Sociedade Civil Colégio Moderno – Belém-PA
057	MIAPA.1.056	Medalha	V Troféu Norte Nordeste – 1981 – São Luís-MA	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	04 a 07 de setembro de 1981
058	MIAPA.1.057	Medalha	XI Torneio Norte e Nordeste de Atletismo – 1987 – Belém-PA	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	ENDECO
059	MIAPA.1.058	Medalha	V Troféu Norte Nordeste – São Luís-MA	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	04 a 07 de setembro de 1981
060	MIAPA.1.059	Medalha	XI Torneio Norte e Nordeste de Atletismo – 1987 – Belém-PA	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	
061	MIAPA.1.060	Medalha	X Jogos Escolares Brasileiros – 1981	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	12 a 25 de julho de 1981 – Distrito Federal – BSB
062	MIAPA.1.061	Medalha	Troféu Norte Nordeste de Atletismo - 1979	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Belém-PA
063	MIAPA.1.062	Medalha	VII Campeonato Brasileiro de Atletismo Menores	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Ano II da CBAT
064	MIAPA.1.063	Medalha	DEFIDE	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Governo do Estado do Pará
065	MIAPA.1.064	Medalha	Troféu União de Atletismo – 1988	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	5ª disputa – 8º troféu – Brasil – 2º lugar
066	MIAPA.1.065	Medalha	Campeonato Brasileiro de Atletismo Menores VI Masculino e Feminino	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	13 a 15 de outubro de 1978 – São Paulo
067	MIAPA.1.066	Medalha	VI Copa Norte Nordeste de Atletismo - 1982	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	9 e 10 de outubro de 1982 – Recife-PE
068	MIAPA.1.067	Medalha	7º Memorial Im Bronislawwd Malinowskiego - 21.11.1986	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Grudziadzki klub sportowy olimpia 19 a 23 de novembro de 1986
069	MIAPA.1.068	Medalha	Torneio Clóvis Malcher	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Universidade Federal do Pará
070	MIAPA.1.069	Medalha	XXXVII Jogos Universitários Brasileiros	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	CBDU – Maceio-AL – Julho de 1986

071	MIAPA.1.070	Medalha	I Norte e Nordeste de Atletismo - 1977	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	Natal - 1977
072	MIAPA.1.071	Medalha	Campeonato Escolar Brasileiro - 1982	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	BSB – Julho de 1982 – Distrito Federal
073	MIAPA.1.072	Medalha	Campeonato Intercolegial Juvenil de Atletismo - 1982	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	Centro Interescolar de Atletismo do Pará - CIA
074	MIAPA.1.073	Medalha	Mérito Grão Pará – 1972 – (menor)	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	SUB LÉGE PROGREDIAMUR - Condecoração
075	MIAPA.1.074	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	-Sem informação textual-
076	MIAPA.1.075	Medalha	X Jogos Escolares Brasileiros - 1979	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal / Camurça	Função / Laminação	Brasília – 1979 - SEED
077	MIAPA.1.076	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	Checoslováquia
078	MIAPA.1.077	Medalha	I Corrida da Independência – 1985 – SEDUC	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	DEFIDE
079	MIAPA.1.078	Medalha	Jogos Modernistas	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
080	MIAPA.1.079	Medalha	DEFIDE	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
081	MIAPA.1.080	Medalha	FEUP – Federação de Esportes Universitários do Pará	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
082	MIAPA.1.081	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
083	MIAPA.1.082	Medalha	JABE	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	Jogos Amadoristas de Belém – Governo do Estado do Pará
084	MIAPA.1.083	Medalha	Honra ao Mérito	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
085	MIAPA.1.084	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
086	MIAPA.1.085	Medalha	Campeonato Intercolegial Juvenil de Atletismo - 1982	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
087	MIAPA.1.086	Medalha	XII Jogos Modernistas	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	
088	MIAPA.1.087	Medalha	Torneio Aberto - 1981	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	Federação Paraense de Desporto – 1º Lugar
089	MIAPA.1.088	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Função	

090	MIAPA.1.089	Medalha	Jogos Modernistas	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	
091	MIAPA.1.090	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	
092	MIAPA.1.091	Medalha	XII Jogos Modernistas	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	
093	MIAPA.1.092	Medalha	??	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Federação Paraense de Desporto - Campeão
094	MIAPA.1.093	Medalha	Jogos Amadoristas de Belém	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Governo do Estado do Pará
095	MIAPA.1.094	Medalha	SEEL - revezamento	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	5 x 1200
096	MIAPA.1.095	Medalha	Corrida do Círio 1985 – Belém-Pa (11.10.1985)	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	Bradesco Seguros – Categoria “H”
097	MIAPA.1.096	Medalha	Campeonato Intercolegial Juvenil de Atletismo - 1982	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	
098	MIAPA.1.097	Medalha	Honra ao Mérito	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	
099	MIAPA.1.098	Medalha	Honra ao Mérito	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	
100	MIAPA.1.099	Medalha	Corrida Belém	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	1º Lugar – Categoria “D”
101	MIAPA.1.100	Medalha	Corrida de Belém - 1999	2017	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	-	Metal	Fundição	

QUADRO 9: Inventário Museológico da coleção de medalhas elaborado em 2018 (atualizado).

INVENTÁRIO MUSEOLÓGICO



Nº de ordem	Antigo Nº de Inventário	Novo Nº de Inventário	Termo/objeto	Título	Ano	Classe	Subclasse	Material	Técnica	Observação
001	MIAPA.1.1.011	MIAPA.I.1.1.001	Medalha	VI Copa Norte Nordeste de Atletismo	1982	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Recife-Pe – 9/10 – out - Cor dourada; sem fita
002	MIAPA.1.1.066	MIAPA.I.1.1.002	Medalha	VI Copa Norte Nordeste de Atletismo - 1982	1982	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Recife-PE – 9/10 – out - Cor dourada; sem fita
003	MIAPA.1.1.082	MIAPA.I.1.1.003	Medalha	Jogos Amadoristas de Belém	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Governo do Estado do Pará SEMEC Cor prateada; sem fita
004	MIAPA.1.1.012	MIAPA.I.1.1.004	Medalha	VI Copa Norte Nordeste de Atletismo	1982	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Recife-Pe – 9/10 – out - Cor prateada; sem fita
005	MIAPA.1.1.037	MIAPA.I.1.1.005	Medalha	V Troféu Norte-Nordeste	1981	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	São Luís-MA - 04 a 07 – set CBAT FAMA SEDEL Cor prateada, sem fita
006	MIAPA.1.1.056	MIAPA.I.1.1.006	Medalha	V Troféu Norte Nordeste	1981	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	São Luís-MA - 04 a 07 – set CBAT FAMA SEDEL Cor prateada; sem fita
007	MIAPA.1.1.058	MIAPA.I.1.1.007	Medalha	V Troféu Norte Nordeste – São Luís-MA	1981	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	São Luís-MA - 04 a 07 – set CBAT FAMA SEDEL Cor bronzead; sem fita
008	MIAPA.1.1.069	MIAPA.I.1.1.008	Medalha	XXXVII Jogos Universitários Brasileiros	1986	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Maceio-AL – Julho CBDU Cor prateada; sem fita
009	MIAPA.1.1.016	MIAPA.I.1.1.009	Medalha	XXXVII Jogos Universitários Brasileiros	1986	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Maceio-AL – Julho CBDU FADU Cor prateada; sem fita
010	MIAPA.1.1.004	MIAPA.I.1.1.010	Medalha	Grande Prêmio Brasil Quarta Etapa – 3º Lugar	1988	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Laminação	- CBAT Cor prateada; sem fita
011	MIAPA.1.1.052	MIAPA.I.1.1.011	Medalha	Grande Prêmio Brasil Primeira Etapa – 2º Lugar	1988	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Laminação	Curitiba CBAT Cor prateada; sem fita
012	MIAPA.1.1.064	MIAPA.I.1.1.012	Medalha	Troféu União de Atletismo 5ª disputa – 2º Lugar 8º troféu – Brasil	1988	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- CBAT Cor prateada; sem fita

013	MIAPA.1.1.032	MIAPA.I.1.1.013	Medalha	Grande Prêmio Brasil Segunda Etapa – 2º Lugar	1988	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Laminação	Curitiba CBAT Cor prateada; sem fita
014	MIAPA.1.1.022	MIAPA.I.1.1.014	Medalha	Grande Prêmio Brasil Terceira Etapa – 3º lugar	1988	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Laminação	- CBAT Cor prateada; sem fita
015	MIAPA.1.1.034	MIAPA.I.1.1.015	Medalha	Grande Prêmio Brasil Quinta Etapa – 3º Lugar	1988	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Laminação	- CBAT Cor prateada; sem fita
016	MIAPA.1.1.038	MIAPA.I.1.1.016	Medalha	II Torneio Norte Nordeste	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- -sem informação escrita- Cor dourada; sem fita
017	MIAPA.1.1.029	MIAPA.I.1.1.017	Medalha	Copa Norte e Nordeste	1985	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- CBAT Cor dourada; sem fita
018	MIAPA.1.1.094	MIAPA.I.1.1.018	Medalha	SEEL – revezamento 5 x 1200	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- FPAT Cor dourada; sem fita
019	MIAPA.1.1.031	MIAPA.I.1.1.019	Medalha	Copa Norte e Nordeste	1985	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- CBAT Cor bronzeada; sem fita
020	MIAPA.1.1.044	MIAPA.I.1.1.020	Medalha	Destaque de Atletismo Suzete Montalvão – Clube de Recreação Honra ao Mérito	1982	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - Cor dourada; sem fita
021	MIAPA.1.1.008	MIAPA.I.1.1.021	Medalha	VI Campeonato Colegial de Atletismo - Operação Juventude Honra ao Mérito	1976	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- CONDECOR Cor dourada; sem fita
022	MIAPA.1.1.061	MIAPA.I.1.1.022	Medalha	Troféu Norte Nordeste de Atletismo	1979	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- Belém-PA - Cor dourada; sem fita
023	MIAPA.1.1.092	MIAPA.I.1.1.023	Medalha	- Sem Título - Campeão	1981	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Pará FPD Cor dourada; sem fita
024	MIAPA.1.1.013	MIAPA.I.1.1.024	Medalha	Troféu Norte-Nordeste de Atletismo	1979	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Belém-PA CBAT Cor prateada; sem fita
025	MIAPA.1.1.015	MIAPA.I.1.1.025	Medalha	Comando Militar do Norte – 8ª Região Militar 1º lugar Feminino	1994	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Belém-PA - 21-08-94 CMN Cor dourada; sem fita
026	MIAPA.1.1.001	MIAPA.I.1.1.026	Medalha	Federação de Esportes Universitários do Pará	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Pará FEUP Cor dourada; sem fita
027	MIAPA.1.1.059	MIAPA.I.1.1.027	Medalha	XI Torneio Norte e Nordeste de Atletismo	1987	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Belém-PA ENDECO Cor dourada; sem fita
028	MIAPA.1.1.080	MIAPA.I.1.1.028	Medalha	Federação de Esportes Universitários do Pará	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Pará FEUP Cor bronzeada; sem fita
029	MIAPA.1.1.057	MIAPA.I.1.1.029	Medalha	XI Torneio Norte e Nordeste de Atletismo	1987	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Belém-PA ENDECO Cor prateada; sem fita

030	MIAPA.1.1.017	MIAPA.I.1.1.030	Medalha	Cassazum 94 / Anos 30 / 19 Anos em diante - Feminina	1994	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- CASSAZUM Cor dourada; sem fita
031	MIAPA.1.1.010	MIAPA.I.1.1.031	Medalha	Federação Paraense de Desportos Campeão	1982	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- FPD SECDT Governo do Pará Cor dourada; sem fita
032	MIAPA.1.1.045	MIAPA.I.1.1.032	Medalha	CASSAZUM – Torneio da Amizade “Anos 30” FC Campeão	1994	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	23.10.94 - Cor dourada; sem fita
033	MIAPA.1.1.048	MIAPA.I.1.1.033	Medalha	Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo Jader Barbalho	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- SECDT Governo do Pará Cor dourada; sem fita
034	MIAPA.1.1.070	MIAPA.I.1.1.034	Medalha	I Norte e Nordeste de Atletismo	1977	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Natal - Cor prateada; sem fita
035	MIAPA.1.1.018	MIAPA.I.1.1.035	Medalha	I Norte Nordeste de Atletismo	1977	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Natal-RN - Cor prateada; sem fita
036	MIAPA.1.1.089	MIAPA.I.1.1.036	Medalha	Jogos Modernistas	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- OF. Coca Cola Cor dourada; sem fita
037	MIAPA.1.1.078	MIAPA.I.1.1.037	Medalha	Jogos Modernistas	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- OF. Coca Cola Cor dourada; sem fita
038	MIAPA.1.1.050	MIAPA.I.1.1.038	Medalha	State Track Meet – High School Utahe Activities 1 st	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- ASSN Cor dourada;
039	MIAPA.1.1.077	MIAPA.I.1.1.039	Medalha	I Corrida da Independência	1985	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- DEFIDE SEDUC Cor prateada; sem fita
040	MIAPA.1.1.090	MIAPA.I.1.1.040	Medalha	- Sem Título -	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - sem informação escrita – Cor prateada; sem fita
041	MIAPA.1.1.088	MIAPA.I.1.1.041	Medalha	- Sem Título -	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- OF. Casa Cearense - Palácio dos Desportos de Belém Cor prateada; sem fita
042	MIAPA.1.1.083	MIAPA.I.1.1.042	Medalha	- Sem Título - Honra ao Mérito	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - Cor dourada; sem fita
043	MIAPA.1.1.098	MIAPA.I.1.1.043	Medalha	- Sem Título - Honra ao Mérito	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - Cor dourada; sem fita
044	MIAPA.1.1.075	MIAPA.I.1.1.044	Medalha	X Jogos Escolares Brasileiros - 1979	1979	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal / Camurça	Fundição / Laminação	Brasília-DF SEED Cor prateada; sem fita
045	MIAPA.1.1.005	MIAPA.I.1.1.045	Medalha	X Jogos Escolares Brasileiros	1979	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição / Laminação	Brasília-DF SEED Cor dourada; sem fita
046	MIAPA.1.1.002	MIAPA.I.1.1.046a	Medalha	XXIV TH Olympiad Seoul 1988 Medalha de Participação	1988	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Coreia do Sul COI Cor bronzeada; sem fita

047	MIAPA.1.1.073	MIAPA.I.1.1.047	Medalha	Mérito Guilherme Paraense Condecoração - Honra ao Mérito	2009	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Belém-Pa - Cor bronzeada; sem fita
048	MIAPA.1.1.007	MIAPA.I.1.1.048	Medalha	Corrida do Cário 1º Lugar Geral Feminino	1985	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Madeira e Metal	Fundição /	Belém-Pa Saúde Bradesco Cor dourada
049	MIAPA.1.1.003a	MIAPA.I.1.1.049a	Medalha	SUB LÈGE PROGREDIAMUR - Mérito Grão-Pará Condecoração - Maior	1972	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Pará Governo do Estado do Pará Cor prateada; com fita na cor vermelha, branca, verde e amarela em listras verticais
050	MIAPA.1.1.003b	MIAPA.I.1.1.049b	Medalha	SUB LÈGE PROGREDIAMUR - Mérito Grão-Pará Condecoração - Menor	1972	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Pará Governo do Estado do Pará Cor prateada; com fita na cor vermelha, branca, verde e amarela em listras verticais
051	MIAPA.1.1.076	MIAPA.I.1.1.050	Medalha	- Sem Título - Honra ao Mérito	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Checoslováquia - Cor dourada com strass; sem fita
052	MIAPA.1.1.021	MIAPA.I.1.1.051	Medalha	V Tosame Posta 4x400	1978	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Uruguay - Cor bronzeada; com fita na cor azul
053	MIAPA.1.1.023	MIAPA.I.1.1.052	Medalha	V Tosame Posta 4x100	1978	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Uruguay - Cor bronzeada; com fita na cor azul
054	MIAPA.1.1.028	MIAPA.I.1.1.053	Medalha	III Campeonato Ibero-americano de Atletismo	1988	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	22-23-24 -VII/CD. De México AIA Cor dourada; com fita na cor verde, branca e vermelha em listra vertical
055	MIAPA.1.1.071	MIAPA.I.1.1.054	Medalha	Campeonato Escolar Brasileiro - 1982	1982	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Distrito Federal Julho de 1982 MEC SEFIDE Na cor dourada; com fita na cor amarela e verde em listra vertical
056	MIAPA.1.1.009	MIAPA.I.1.1.055	Medalha	Campeonato Sul-americano de Atletismo Adulto XXXIV Masculino / XXIV Feminino	1987	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	São Paulo - 08 a 11 out. SEET Cor dourada; com fita na cor amarela, verde e amarela em listra vertical
057	MIAPA.1.1.019	MIAPA.I.1.1.056	Medalha	Campeonato Brasileiro de Atletismo Menores VI Masc. e Fem.	1978	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	São Paulo - 13/15-10 CBAT Cor dourada; sem fita
058	MIAPA.1.1.065	MIAPA.I.1.1.057	Medalha	Campeonato Brasileiro de Atletismo Menores VI Masc. e Fem.	1978	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	São Paulo - 13/15-10 CBAT Cor prateada; sem fita
059	MIAPA.1.1.062	MIAPA.I.1.1.058	Medalha	VII Campeonato Brasileiro de Atletismo Menores Ano Internacional da Criança - Ano II da CBAT	1979	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Brasília-DF - 9 e 10 de jun. CBAT Cor prateada; sem fita

060	MIAPA.1.1.024	MIAPA.1.1.1.059	Medalha	Campeonato Brasileiro de Atletismo Juvenil XI Masc. e Femi.	1981	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	São Paulo – 12 e 13 de set. CBAT Correio Aéreo Nacional Cor bronzeada; sem fita
061	MIAPA.1.1.060	MIAPA.1.1.1.060	Medalha	XI Jogos Escolares Brasileiros	1981	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Distrito Federal – 12-25 de jul. SEED MEC Cor prateada; sem fita
062	MIAPA.1.1.040	MIAPA.1.1.1.061	Medalha	VII Troféu Norte Nordeste de Atletismo	1983	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Natal-RN 15 e 16 out. CBAT FNA Cor dourada; sem fita
063	MIAPA.1.1.006	MIAPA.1.1.1.062	Medalha	XI Jogos Escolares Brasileiros	1981	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal / Camurça	Fundição	Brasília-DF - 12 a 25 de jul. MEC SEED Cor dourada; sem fita
064	MIAPA.1.1.0047	MIAPA.1.1.1.063	Medalha	XI Jogos Escolares Brasileiros - SEED	1981	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Brasília- DF - 12 a 25 de jul. SEED MEC Cor bronzeada; sem fita
065	MIAPA.1.1.026	MIAPA.1.1.1.064	Medalha	II Torneio Norte e Nordeste Honra ao Mérito	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - sem informação escrita – Cor prateada; sem fita
066	MIAPA.1.1.025	MIAPA.1.1.1.065	Medalha	VII Troféu Norte e Nordeste de Atletismo	1983	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Natal-RN – 15 e 16 de out. CBAT FNA Cor dourada; sem fita
067	MIAPA.1.1.027	MIAPA.1.1.1.066	Medalha	Campeonato Sul-Americano de atletismo Adulto – XXXIV Masculino / XXIV Feminino	1987	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	São Paulo - 08 a 11 out. SEET Cor dourada; com fita na cor amarela, verde e amarela em listra vertical
068	MIAPA.1.1.049	MIAPA.1.1.1.067	Medalha	WSC INV Mile Relay IST	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - sem informação escrita - Cor dourada; com faixa na cor roxa e branca em listra vertical
069	MIAPA.1.1.046	MIAPA.1.1.1.068	Medalha	WSC INV – 200 m 3 r n	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - Cor bronzeada; com fita na cor roxa e branca em listra vertical
070	MIAPA.1.1.035	MIAPA.1.1.1.069	Medalha	- Sem Título -	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Estados Unidos - Cor dourada; com fita na cor vermelha, branca e azul em listra vertical
071	MIAPA.1.1.053	MIAPA.1.1.1.070	Medalha	UOFU 440 RUN 1 st	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - Cor dourada; com fita na cor vermelha, branca e azul em listra vertical
072	MIAPA.1.1.042	MIAPA.1.1.1.071	Medalha	UOFU 220 2 nd	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - Cor prateada; com fita na cor vermelha, branca e azul em listra vertical
073	MIAPA.1.1.100	MIAPA.1.1.1.072	Medalha	Corrida de Belém Honra ao Mérito	1999	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Belém-Pa Prefeitura de Belém Em acrílico; sem fita

074	MIAPA.1.1.014	MIAPA.1.1.1.073	Medalha	III Campeonato Ibero-americano de Atletismo	1988	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	22.23.24.VILCD.DE. México AIA Cor bronzeada; sem fita
075	MIAPA.1.1.068	MIAPA.1.1.1.074	Medalha	Torneio Clovis Malcher	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- UFPA Cor dourada; sem fita
076	MIAPA.1.1.036	MIAPA.1.1.1.075	Medalha	Torneio Clovis Malcher	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- UFPA Cor prateada; sem fita
077	MIAPA.1.1.067	MIAPA.1.1.1.076	Medalha	7º Memorial Im Bronislavwd Malinowskiego	1988	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	21.06.1986 Grudziadzki klub sportowy olimpia Cor bronzeada; sem fita
078	MIAPA.1.1.079	MIAPA.1.1.1.077	Medalha	DEFIDE	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- Governo do Pará SEE Cor dourada; sem fita
079	MIAPA.1.1.063	MIAPA.1.1.1.078	Medalha	DEFIDE	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- Governo do Pará SEE Cor dourada; sem fita
080	MIAPA.1.1.033	MIAPA.1.1.1.079	Medalha	DEFIDE	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- Governo do Pará SEE Cor dourada; sem fita
081	MIAPA.1.1.051	MIAPA.1.1.1.080	Medalha	Colégio Moderno	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Belém-PA Sociedade Civil Colégio Moderno Cor dourada; sem fita
082	MIAPA.1.1.043	MIAPA.1.1.1.081	Medalha	Colégio Moderno	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Belém-PA Sociedade Civil Colégio Moderno Cor dourada; sem fita
083	MIAPA.1.1.055	MIAPA.1.1.1.082	Medalha	Colégio Moderno	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Belém-PA Sociedade Civil Colégio Moderno Cor dourada; sem fita
084	MIAPA.1.1.054	MIAPA.1.1.1.083	Medalha	Centro Interescolar de Atletismo	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Pará CIA Cor prateada; sem fita
085	MIAPA.1.1.030	MIAPA.1.1.1.084	Medalha	Campeonato Intercolegial Juvenil de Atletismo	1982	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Pará CIA Cor dourada; sem fita
086	MIAPA.1.1.072	MIAPA.1.1.1.085	Medalha	Campeonato Intercolegial Juvenil de Atletismo	1982	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Pará CIA Cor dourada; sem fita
087	MIAPA.1.1.020	MIAPA.1.1.1.086	Medalha	Centro Interescolar de Atletismo	1978	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- CIA CEPA Cor dourada; sem fita;
088	MIAPA.1.1.074	MIAPA.1.1.1.087	Medalha	- Sem Título -	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- -Sem informação textual- Cor dourada; sem fita
089	MIAPA.1.1.093	MIAPA.1.1.1.088	Medalha	Jogos Amadoristas de Belém	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- Governo do Pará SEMEC

										Cor dourada; sem fita
090	MIAPA.1.1.095	MIAPA.1.1.1.089	Medalha	Corrida do Círio Categoria "H"	1985	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Belém-Pa 11.10.1985 Bradesco Seguros Cor dourada; sem fita
091	MIAPA.1.1.099	MIAPA.1.1.1.090	Medalha	Corrida Belém Mini Maratona da Paz 1º Lugar – Categoria "D"	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- SEMEC Cor dourada; sem fita
092	MIAPA.1.1.085	MIAPA.1.1.1.091	Medalha	Campeonato Intercolegial Juvenil de Atletismo Honra ao Mérito	1982	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Pará CIA Cor dourada; sem fita
093	MIAPA.1.1.096	MIAPA.1.1.1.092	Medalha	Campeonato Intercolegial Juvenil de Atletismo Honra ao Mérito	1982	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Pará CIA Cor dourada; sem fita
094	MIAPA.1.1.081	MIAPA.1.1.1.093	Medalha	I.F.I.A.T.	1975	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Setembro - Cor bronzada; sem fita
095	MIAPA.1.1.086	MIAPA.1.1.1.094	Medalha	XII Jogos Modernistas	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - sem informação textual - Cor dourada; sem fita
096	MIAPA.1.1.091	MIAPA.1.1.1.095	Medalha	XII Jogos Modernistas		Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - sem informação textual - Cor dourada; sem fita
097	MIAPA.1.1.097	MIAPA.1.1.1.096	Medalha	- Sem Título - Honra ao Mérito	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - sem informação textual - Cor dourada; sem fita
098	MIAPA.1.1.087	MIAPA.1.1.1.097	Medalha	Torneio Aberto 1º Lugar	1981	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- FPD Cor dourada; sem fita
099	MIAPA.1.1.084	MIAPA.1.1.1.098	Medalha	- Sem Título -	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - sem informação textual - Cor dourada; sem fita
100	MIAPA.1.1.039	MIAPA.1.1.1.099	Medalha	II Torneio Norte Nordeste	-	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	- - sem informação textual - Cor bronzada; sem fita
101	MIAPA.1.1.041	MIAPA.1.1.1.100	Medalha	Troféu Norte Nordeste de Atletismo	1979	Objetos Cerimoniais	Objeto Comemorativo	Metal	Fundição	Belém-PA CBAT Cor bronzada; sem fita

Com a revisão realizada no inventário, retira-se o campo de Autor/ Fabricante pois ele abrange apenas as coleções de documentos que totalizam menos de ¼ do acervo. Dessa forma, percebe-se a necessidade da retirada deste campo para dar entrada ao campo de Período, onde colocamos o ano de conquista do objeto, levando em consideração que este acervo foi constituído durante 4 décadas e contém uma diversidade de datações diferentes. Adiciona-se ainda, um campo para sinalizar a numeração antiga proposta pela equipe e organizasse as informações no campo de Observações, em que nesta há a inserção de informações mais específicas de cada evento de aquisição de medalhas, podendo entrar o local e data do evento, organização responsável pelo evento e por último a coloração da medalha e se a mesma possui fita, caso não possui nenhuma dessas informações deverá colocar – não possui informação –.

Outra alteração efetivada foi a metodologia aplicada para dar título às medalhas, por meio de observação foi possível perceber que das 101 medalhas apenas 6 não possuem nenhuma informação escrita e por isso em seus títulos deverão aparecer – sem título –, nas demais utilizamos o nome do evento de aquisição do objeto juntamente, se possível, a colocação na disputa, isso inclui a condecoração e honra ao mérito.

O número de inventario foi atualizado devido algumas informações que deveriam ser evidenciadas, como o acervo e a coleção. Nesses casos, a numeração romana indica o acervo, pois, trabalhamos com outra/os atletas no MIAPA e de modo a manter uma organização mais detalhada optamos por separar os acervos por atleta, assim como as classes, que fora separadas pela numeração dada no sistema de classificação.

Com a atualização do número de inventário, necessitamos organizar as medalhas por suas similaridades de tipo de fundição, ou seja, reenumeramos as medalhas de acordo com as iconografias semelhantes.

FIGURA 20: medalhas organizadas de acordo com suas similaridades iconográficas, aqui, total de 15 unidades.



Fonte: Gabriele Martins (2018)

FIGURA 21: medalhas organizadas de acordo com similaridades iconográficas, aqui, total de 30 unidades.



4.3. FICHA CATALOGRÁFICA

Em seguida, se inicia o descritivo da Ficha Catalográfica a partir da sua elaboração. Utilizamos metodologias de construção de ficha, propostas por Cândido (2006), Padilha (2014), Camargo-Moro (1986) e Ferrez (1995), assim como aplicamos os estudos sobre descrição do objeto por meio de Ferrez (1991).

Construímos a ficha com 32 campos sendo divididos em 4 áreas:

I - Área de Identificação do Objeto: onde podemos abstrair as principais informações dos objetos, além de ser nessa área que podemos ter a descrição e imagem dos mesmos.

1. Coleção: usamos apenas a COLEÇÃO DE MEDALHAS;

2. Termo: nesse caso trabalhamos apenas com o termo MEDALHA;

3. Autor/Fabricante: nas medalhas encontramos poucos registros de fabricante, porém, em outras classes esse campo é mais utilizado;

4. Classe: aqui destacamos a classe OBJETOS CERIMONIAIS, devido nosso objeto de estudo;

5. Subclasse: a partir da classe informada na ficha, teremos a nossa subclasse, neste caso a de OBJETOS COMEMORATIVOS;

6. Modo de Aquisição: por ser um acervo que tem a maioria dos seus autores (atletas) vivos, há a possibilidade de ter modos aquisitivos diferentes, como a própria doação ou até mesmo empréstimo;

7. Antigo nº de registro: registro de que o objeto já passou pelo processo de documentação museológica e agora está sendo atualizado;

8. Material/ Técnica: temos um misto de materiais e técnicas utilizadas como o metal, camurça, madeira e as técnicas de fundição e laminação;

9. Ano de Aquisição: refere-se ao ano de entrada dos objetos no processo de documentação e gestão do Museu, aqui datada pelo ano de 2017;

10. Novo nº de registro: de acordo com a atualização realizada, verificou-se a necessidade de alterar esse número, pois, haviam algumas informações pertinentes a serem evidenciadas pelo número de registro, como o acervo e a coleção;

11. Data/Período: refere-se a datação de premiação ou condecoração, a data de recebimento do objeto à atleta;

12. Procedência: relaciona-se ao local de onde o acervo estava antes de sua aquisição na instituição para o processo de documentação, nesse caso será informado em resposta a esse campo: “acervo particular de Suzete Montalvão”;

13. Título: atribuído a partir do evento e se existir, a sua colocação;

14. Origem: relacionado ao local, cidade/estado/país, em que o objeto foi conquistado;

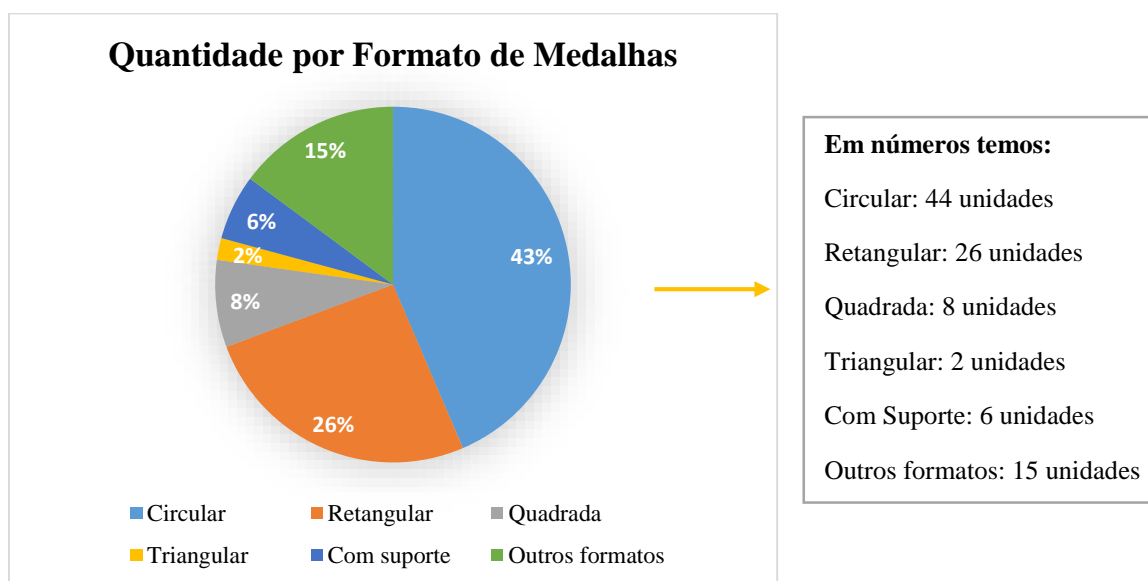
15. Dados Históricos: referentes ao evento em que a medalha foi recebida;

16. Descrição, marcas de inscrição e características iconográficas: refere-se às informações intrínsecas do objeto, tudo o que podemos abstrair por meio da análise. Antes separamos esses três pontos, todavia, ficavam espaços em brancos por efeito da ausência de informações.

17. Imagem: para as fotografias do objeto, sendo elas de frente e verso apenas;

18. Dimensão: leva-se em consideração os diversos formatos que encontramos no acervo, então colocamos altura, largura, profundidade, diâmetro para abarcar esses formatos. O peso também encontra-se neste metadado, o qual é verificado o peso do objeto com o auxílio de uma balança de cozinha que tem a capacidade de até 1kg;

GRÁFICO 7: Quantidade de medalhas de acordo com os formatos encontrados na coleção.



19. Possui desdobramento: trata de uma peça, suporte que a medalha possua além dela mesma;

II - Área de Análise de Conservação do Objeto: responsável pela localização e identificação de danos, bem como a recomendação da conservação do objeto.

20. Estado de Conservação: aqui podemos assinalar em que estado o objeto se encontra, seguindo as opções:

Bom: objetos com o percentual de 100% a 90% em bom estado de conservação. Quase não apresentam danos, porém, podem haver pequenas ranhuras;

Regular: objetos com o percentual de 89% a 70% do seu estado de conservação. Apresentam danos como ranhuras, Pitting, descamação, descoloração e mancha de modo superficial;

Ruim: objetos com o percentual de 69% a 50% do seu estado de conservação. Apresentam danos como ranhuras, Pitting, descamação, descoloração, mancha, produto de corrosão e fissuras de modo mais aparente;

Péssimo: objetos com o percentual de 49% a 0% do seu estado de conservação. Apresentam danos como ranhuras, Pitting, descamação, descoloração, mancha, produto de corrosão e fissuras de modo mais aparente;

21. Percentual de Comprometimento: caracterizado pela porcentagem de danos atribuída ao objeto, seguindo os quadrantes espaciais do mesmo, onde o dividimos em quatro partes iguais e analisamos os pontos de danos para no final somar os espaços, atribuindo um percentual;

22. Localização de Danos: são fotografias identificando os pontos de degradação do objeto através de círculos na imagem;

23. Descrição de Danos: por meio de análise, descreve-se de maneira detalhada os danos e sua localização;

24. Tipos de Danos: campo para assinalar as patologias existentes no objeto, tendo em vista a coleção de tipologia material de ferro;

25. Recomendações: após a análise visual e descritiva na medalha, pode ser recomendada precauções para a conservação preventiva ou restauro;

26. Intervenções: são anotadas as intervenções que outrora foram realizadas no objeto, como as restaurações ou tentativa de “conserto” percebidas durante análise;

III - Área de Preenchimento de Notas: destinado às informações de participação das medalhas em pesquisas, eventos e exposição de nível acadêmico ou não.

27. Histórico de Exposição: consideramos aqui as exposições realizadas após a aquisição do acervo/coleção para procedimentos museológicos;

28. Histórico de Publicação: caso haja publicações realizadas com determinado objeto após o ano de 2017, assim como a exposição e evento;

29. Histórico de Participação em Evento: caso a medalha que está sendo descrita já tenha tido participação em palestras, mesas, oficina, workshop de eventos acadêmicos ou de outra espécie como os eventos esportivos, reportagens, etc;

30. Observações: qualquer informação pertinente que não houvera campo para ser descrita, deve constar neste espaço;

VI - Área de Dados de Preenchimento: identificação da/o profissional responsável pelo preenchimento ou revisão da ficha seguido de suas respectivas datas.

31. Responsável pelo preenchimento: nome por extenso da/o profissional responsável pelo preenchimento da ficha seguido da data desse preenchimento;

32. Responsável pela Revisão: nome por extenso da/o profissional responsável pela revisão da ficha seguido da data dessa revisão;

Abaixo encontra-se a ficha e suas delimitações de áreas sinalizadas, bem como, em sequência, uma ficha preenchida.

No campo de descrição do objeto, apenas identificou-se os eventos por meio das inscrições encontradas na medalha para sinalizar as bibliografias que poderão ser pesquisadas posteriormente. Serão necessárias as pesquisas bibliográficas sobre essas iconografias de modo a investigar por meio delas os eventos esportivo que promoveram as premiações ou condecorações que a medalha apresenta, buscando entender o nível de relevância do evento nos níveis locais, estaduais, nacionais, internacionais e mundiais.

Dessa forma, abaixo temos uma ficha preenchida com a medalha mais significativa da carreira da atleta. A medalha de participação nas Olimpíadas de Seoul em 1988, a qual permite o status de Suzete Montalvão ser a única atleta mulher paraense a competir em Olimpíadas até o presente momento.

Esta medalha além de representar essa conquista como um de seus principais destaque, também traz consigo outros elementos presente no seu acervo, os quais estão atrelados ao evento mundial como o Odori, cartão postais enviados à Suzete por sua família, indumentárias de competição, faixa dorsal e crachá de identificação. Assim percebe-se a importância de um objeto e da relação que ele consegue realizar por meio de outros elementos e também, devido aos acontecimentos que envolveram cada um deles. Todos estão repletos de significações relacionadas a memória afetiva e coletiva do grupo envolvido, seja o familiar, o grupo de torcedores ou o grupo de atletas.

Dessa maneira, a aquisição de informação intrínseca é um fator primordial para que se possa prosseguir com o aprofundamento da pesquisa, visto que por meio dessa metodologia pode-se

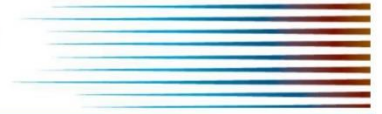
QUADRO 10: Ficha Catalográfica: área de identificação do objeto.

FICHA CATALOGRÁFICA



MIAPA

Museu Itinerante do
Atletismo Paraense



ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO									
1. Coleção:		2. Termo:			3. Autor/Fabricante:				
4. Classe:		5. Subclasse:			6. Modo de Aquisição:				
7. Antigo nº de registro:		8. Material /Técnica:			9. Ano de Aquisição:				
10. Novo nº de registro:		11. Data/Período:			12. Procedência:				
13. Título:					14. Origem:				
15. Dados Históricos:					16. Descrição, marcas de inscrição e características iconográficas:				
17. Imagem: (Frente)					Imagem: (Verso)				
18. Dimensão: Altura: cm Largura: cm Profundidade: cm Diâmetro: cm Peso:									
19. Possui desdobramento?		Sim		Não		Quais?			
ÁREA DE ANÁLISE DE CONSERVAÇÃO									
20. Estado de Conservação:		Bom ()		Regular ()		Ruim ()		Péssimo ()	
21. Percentual de Comprometimento:				%					

ÁREA I

ÁREA II	22. Localização dos Danos:		
	23. Descrição de Danos	24. Tipos de Dano:	<input type="checkbox"/> Pitting <input type="checkbox"/> Corrosão <input type="checkbox"/> Fissura <input type="checkbox"/> Descamação <input type="checkbox"/> Ranhura <input type="checkbox"/> Mancha <input type="checkbox"/> Descoloração
	25. Recomendações:	26. Intervenções:	
ÁREA DE PREENCHIMENTO DE NOTAS			
ÁREA III	27. Histórico de Exposição:	28. Histórico de Publicação:	
ÁREA IV	29. Histórico de Participação em Eventos:	30. Observações:	
ÁREA DE DADOS DE PREENCHIMENTO			
31. Responsável pelo preenchimento:	Data de preenchimento: / /		
32. Responsável pela revisão:	Data de preenchimento: / /		

FONTE: Gabriel e Martins (2018)


AREA DE IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO

1. Coleção: Coleção de Medalhas	2. Termo: Medalha	3. Autor/Fabricante: -
4. Classe: Objetos Cerimoniais	5. Subclasse: Objeto Comemorativo	6. Modo de Aquisição: Premiação
7. Antigo nº de registro: MIAPA.1.002	8. Material /Técnica: Metal / Fundição	9. Ano de Aquisição: 2017
10. Novo nº de registro: MIAPA.I.1.1.046a	11. Data/Período: 1988	12. Procedência: Acervo Pessoal de Suzete Montalvão
13. Título: XXIV TH Olympiad Seoul 1988		14. Origem: Seul - Coreia do Sul

15. Dados Históricos:

A XXIVTH Olympiad Seoul foi sediada na capital da Coreia do Sul, a Seoul, onde teve sua abertura no dia 17 de setembro de 1988 e encerrou no dia 2 de outubro de 1988.

As provas de atletismo foram realizadas no Estádio Olímpico de Seoul, que contém a capacidade para 70 mil pessoas.

O evento teve como mascote um tigre chamado Odori, que simbolizava o espírito de luta e força do povo sul-coreano.

Nesta olimpíada todos os países foram convocados, porém, Cuba, Coreia do Norte, Seychelles, Albânia, Etiópia e Nicarágua não enviaram delegações, ficando apenas 158 países participantes. Essa convocação só foi possível, devido aos boicotes nas duas olimpíadas antecessoras (dos países capitalistas em 1980 em Moscou e dos socialistas em 1984 em Los Angeles) e também foram batidos 33 recordes mundiais e 227 recordes olímpicos.

O Brasil ficou em 24º lugar no ranking de premiações, com o total de 6 medalhas conquistadas, sendo 1 de ouro, 2 de prata e 3 de bronze, das quais 2 foram para o atletismo masculino.

Essa foi a edição que ficou conhecida por grandes escândalos envolvendo doping.

Nesta edição também houveram a inclusão das modalidades de Tênis e Tênis de mesa como esportes oficiais, além de incluírem mais uma prova de atletismo para as provas femininas, a de 10.000m.

17. Imagem: (Frente)

16. Descrição, marcas de inscrição e características iconográficas:

Objeto de metal cobreado no formato octogonal conquistada como premiação por participação nas Olimpíadas de Seul em 1988;

Frente: inscrição em alto relevo, com a representação de um cavaleiro asiático portando arco e flecha, em cima de um cavalo/ abaixo desse, há cinco anéis entrelaçados de modo que três fiquem mais acima e dois mais abaixo, simbolizando a união dos cinco continentes em prol do esporte, esse símbolo representa os "Anéis olímpicos"/ abaixo desse ícone encontramos a inscrição do evento, juntamente com o país e ano da competição XXIVTH OLYMPIAD/SEOUL 1988; todas essas informações encontram-se de maneira centralizada e em relevo.

Verso: na parte superior central encontramos o símbolo das olimpíadas de Seul, 3 raios em formato de espiral, juntamente com a simbologia dos Anéis Olímpicos / na parte central esquerda temos a inscrição da assinatura seguida do nome e cargo de Juan Antonio SAMARANCH / President of the IOC; e na parte central direita temos a inscrição da assinatura seguida do nome e cargo de Sem - Jik PARK / President / Seoul Olympic Organizing Committee; abaixo, na parte inferior central temos a representação do Estádio Olímpico de Seoul, seguido da inscrição do período do evento 1988.9.17 - 10.2.

Imagem: (Verso)


18. Dimensão: Altura: 6,5 cm Largura: 6,5 cm Profundidade: 0,5cm Diâmetro: - cm Peso: 200g

19. Possui desdobramento? Sim Não Quais? Caixa de proteção e caixa suporte da medalha

AREA DE ANALISE DE CONSERVAÇÃO

20. Estado de Conservação: Bom () Regular () Ruim () Péssimo ()

21. Percentual de Comprometimento: 30 %

22. Localização dos Danos:



23. Descrição de Danos

Pitting por toda a vena da medalha, principalmente no entorno das inscrições; Mancha no anverso nas partes central-direita-inferior, esquerda-central-inferior e superior-esquerda; Mancha na parte superior-central-direita; Ranhuras próximo a assinatura e da representação do Estádio, na parte direita; Ranhura na parte inferior-direita e fissura na lateral inferior-esquerda.

25. Recomendações:

Análise dos danos;
Cautela redobrada ao manusear, acondicionar e guardar a peça;
Higienização da medalha.

24. Tipos de Dano:

Pitting	<input checked="" type="checkbox"/>
Corrosão	<input type="checkbox"/>
Fissura	<input checked="" type="checkbox"/>
Descamação	<input type="checkbox"/>
Ranhura	<input checked="" type="checkbox"/>
Mancha	<input checked="" type="checkbox"/>
Descoloração	<input type="checkbox"/>

26. Intervenções:

Nenhuma

AREA DE PREENCHIMENTO DE NOTAS

27. Histórico de Exposição:

Exposição intitulada "Atletismo Paraense: Um Museu Itinerante em Construção" ocorrido durante o I Mostra de Cultura, Ciência e Arte da Faculdade de Artes Visuais (MOCCA) que ocorreu entre os dias 6 e 7 de dezembro de 2017 na Faculdade de Artes Visuais – UFPA, Campus Guamá – Belém-Pa.

29. Histórico de Participação em Eventos:

I Mostra de Cultura, Ciência e Arte da Faculdade de Artes Visuais (MOCCA) que ocorreu entre os dias 6 e 7 de dezembro de 2017.

28. Histórico de Publicação:

MARTINS, G.O.; COSTA, P. S. **Museu Itinerante do Atletismo Paraense: A concretização do fazer museológico.** In: Anais III Seminário Brasileiro de Museologia – SEBRAMUS. Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e seus patrimônios, Belém. ISSN 2446-8940. P. 856-863.2017

30. Observações:

Referências de pesquisa:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Jogos_Ol%C3%ADmpicos_de_Ver%C3%A3o_de_1988
https://www.suapesquisa.com/olimpiadas/olimpiadas_1988_seul.htm
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-seul-1988/medalhas-do-brasil.htm>

AREA DE DADOS DE PREENCHIMENTO

31. Responsável pelo preenchimento: Gabriele de Oliveira Martins

Data de preenchimento: 22 / 05 / 2019

32. Responsável pela revisão:

Data de preenchimento: / /

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido nos capítulos anteriores, conclui-se que seja indispensável a continuação nas produções relacionadas tanto a esportes quanto as mulheres na região paraense, haja vista que esse trabalho de conclusão de curso trata de uma temática abordada pela primeira vez com as reflexões de coleções esportivas e de atletas mulheres em museus. Além de ampliar essas produções é necessário que as discussões de gênero dentro de sala de aula ocorram com mais intensidade, de modo, a pensar os espaços em uma perspectiva mais inclusiva e crítica, afim também, de favorecer um autodesenvolvimento das alunas e alunos do curso de museologia.

Desse modo, vale ressaltar que precisa-se discutir mais ainda a inexistência de museus e ou exposições sobre a temática esportiva em Belém sob a perspectiva da invisibilidade de atletas mulheres nesses espaços, tendo em vista que na cidade há uma eminência histórica de atletas mulheres que detém potenciais de pesquisa, e que assim como Suzete podem contar sua trajetória esportiva e pessoal de maneira a incentivar novas atletas.

Compreende-se a importância da documentação para a salvaguarda da memória que foi evidenciada a partir dessa pesquisa e que podemos ainda construir muito mais redes de compartilhamentos sobre a temática de mulheres em museus, saindo da história arquitetônica, paisagística, colonial e pegando um ponto de interseção cultural como é o caso do esporte, que consegue agregar grupos de diferentes faixas etárias e diferentes culturas, deixando de notabilizar apenas os principais clubes de futebol (Clube do Remo, Clube do Paysandu e a Tuna Luso Brasileira) existentes na cidade.

Por meio da Museologia, podemos encontrar uma vasta possibilidade de vertentes que promovam pesquisa, educação, comunicação e reflexão, o que pode auxiliar esse trabalho e as experiências vividas pelo objeto de estudo aqui tratado. Assim é válido enfatizar que o fator de itinerância da coleção e do acervo como um todo propõe uma Museologia que vai além das paredes de um Museu e é essa mesma Museologia que nos faz refletir criticamente nas construções de coleções, assim como as questões políticas e econômicas que o setor cultural e esportivo vem passando.

Dito isto, este trabalho me propôs a pensar de que modo o incentivo a cultura e ao esporte estão sendo trabalhadas e como a Museologia por meio do Museu como sua

ferramenta poderia nos auxiliar no desenvolvimento e compartilhamento de pesquisas que possam tratar temáticas reflexivas do cotidiano e do cenário em que estamos vivendo atualmente, de forma a propor diálogos com a sociedade e incentivar a mesma nas reivindicações de espaços e direitos.

REFERÊNCIAS

- A História dos Troféus e Medalhas.** 2015. Disponível em < <http://blog.mmaacrilicos.com.br/?p=258> > Acesso em 31 de outubro de 2018
- AEBISCHER, V. **O Conhecimento como Resultado de Relações Conflituosas entre Grupos.** In: O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento. GENGER, M. M. C. O. ed. Tradução de Ângela Melim. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos: Edunb. 1993, p. 110-128.
- ACEMOGLU, D.; ROBINSON, J. **Por que as nações fracassam: As origens do poder, da prosperidade e da pobreza.** Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2012.
- ADICHIE, C. N. **Sejamos todos Feministas.** Tradução Christina Baum. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras. 2015
- Após 34 anos de história, Cruzeiro encerra equipe de atletismo.** Site Maquina do Esporte. Por Redação. 2 de janeiro de 2019. São Paulo. Disponível em: <https://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/apos-34-anos-de-historia-cruzeiro-encerra-equipe-de-atletismo_36178.html>. Acesso em 11/05/2019.
- Associação brasileira de atletismo máster – ABRAM.** Aida dos santos. Disponível em: < <https://www.abrambrasil.com/icones-do-atletismo-master/aida-dos-santos/> > Acesso em 02 de dezembro 2018.
- As Conquistas de Alan Fonteles.** Revista Época. Estúdio Globo. 2016 (2017) Disponível em: < <https://epoca.globo.com/Especial-Publicitario/Braskem/noticia/2016/08/conquistas-de-alan-fonteles.html> >. Acesso em 03 de novembro de 2018.
- Associação Internacional da Federação de Atletismo.** Disponível em:< <https://www.iaaf.org/about-iaaf> >. Acesso em 03 de novembro de 2018.
- Atletas no Quadro de Honra: Norte revelou nomes que deram grandes conquistas ao Brasil.** São Paulo. Revista do Atletismo Brasileiro PODIUM. Ano 1 – nº 3 – Janeiro/2015.
- Atletismo recupera força.** O Liberal, Belém, 31 de agosto de 1997. Cadernos de Esporte, p. 5. Acervo da Biblioteca Pública Estadual Arthur Viana.
- BARBUY, H. **Documentação museológica e a pesquisa em museus.** In: GRANATO, Marcus, et al. Documentação em museus/Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Rio de Janeiro: MAST, 2008. (MAST Colloquia, 10).
- BAUDRILLART, J. **O Sistema dos objetos.** Perspectiv. São Paulo, 230p. 1993.
- BELLAIGUE, M. **O Desafio Museológico.** Conferência apresentada por Mathilde Bellaigue, durante o V Fórum de Museologia do Nordeste — Salvador, Brasil, novembro

de 1992. Tradução de Tereza Cristina Scheiner. Boletim editado pelo Grupo Regional do ICOFOM para a América Latina e Caribe, Rio de Janeiro, Ano III, n. 6/7, abr.1993

BELLINE, J.V. **Aida dos Santos, a história do Atletismo brasileiro**. Site Alma Preta. 24 de dezembro de 2016. Disponível em < <https://almapreta.com/editorias/realidade/aida-dos-santos-a-historia-do-atletismo-brasileiro>>. Acesso em 02 de dezembro de 2018.

Brasileiros nos Jogos: País disputou 20 edições olímpicas. São Paulo. Revista do Atletismo Brasileiro PODIUM - Olímpico. Ano 3 – nº 9 – julho/2016.

BRULON, B. **Caminhos modernos da musealização: fabricação de musealia no Ocidente**. Tempo Amazônico, v. 3, p. 42-61, 2015.

BRUNO, Cristina, **Funções do Museu em Debate: Preservação**. Cadernos de Sociomuseologia, [S.I], v 10, n. 10, junho 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/298>>. Acesso em 6 de abril de 2019.

CAMARGO-MORO, F. de. **Museu: aquisição/documentação**. Rio de Janeiro: Eça, 1986. 309 p.

CÂNDIDO, M. I. **Documentação Museológica**. In: Caderno de Diretrizes Museológicas. 2, ed.. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. p.33-92.

CARLAN, C. U. **Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa**. História, São Paulo, v. 27, p. 12- 140, 2009.

CASTRO, L.F. **Marta, do protesto ao marketing em campo**. Revista Veja. 18 de junho de 2019. Placar. Disponível em < <https://veja.abril.com.br/placar/marta-do-protesto-ao-marketing-em-campo/>>. Acesso em 24 de junho de 2019.

CBD – Confederação Brasileira de Desportos. In: Acervo da Bola. 2015. Disponível em: < <http://www.acervodabola.com.br/cbd-confederacao-brasileira-de-desportos/>> Acesso em: 01 de novembro de 2018.

CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. de F. **Tratamento e organização de informações documentárias em museus**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, v. 10, p. 241-253, 2000.

_____. **Os Museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação**. VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação 28 a 31 de outubro de 2007. Salvador. 2007.

CHAGAS, Mário de Souza. **Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Fleyre e Darcy Ribeiro**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de pós-graduação em Ciências Sociais (PPCIS), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

Comitê Olímpico do Brasil. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/cob/comite-olimpico-do-brasil/>>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

Confederação Brasileira de Atletismo. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/acbat/historico.asp>>. Acesso em 12 de outubro de 2018.

Confederação Sul-Americana de Atletismo. Disponível em: <<https://consudatle.org/>>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

Confederação Brasileira de Desportos Universitários. Disponível em: <<https://www.cbdu.org.br/a-cbdu/quem-somos/>>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

COSTILHES, A.J. **O que é Numismática?**. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 1985.

CRAVO, A. **Por que tanta gente diz que futebol feminino não é tecnicamente bom? Especialistas respondem.** O Globo. 18 de junho de 2019. Celina. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/por-que-tanta-gente-diz-que-futebol-feminino-nao-tecnicamente-bom-especialistas-explicam-23745983>>. Acesso em 23 de junho de 2019.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, R. O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.** Brasília. Briquet de Lemos. XVI, 45p. 2008.

CURY, Marília Xavier. **Museologia - marcos referenciais.** In: Cadernos do CEOM, Ano 18, no 21. Junho 2005, Chapecó: Unochapecó, p. 45-74. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/2271/1353>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2018.

DERGAN, A. COUTINHO, J. **Em Belém, é grande a expectativa de quem vai conduzir a Tocha Olímpica.** In: Olimpíadas no Brasil. Agencia Belém. 2016. Disponível em: <<http://www.agenciabelem.com.br/Noticia/127905/em-belem-e-grande-a-expectativa-de-quem-vai-conduzir-a-tocha-olimpica>>. Acesso em 01 de novembro de 2018

DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia.** São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM / Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

ELÍBIO JR, A. M. **Do Colecionismo privado à musealização do objeto: a trajetória da coleção Wolfgang Ludwig Rau.** Revista Memória em Rede, Pelotas, v.4, n.10, Jan./Jun.2014 – ISSN- 2177-4129.

Estado vira desafio para o esporte em 2019. Site Máquina do Esporte. Por Redação. Reportagem de 2 de janeiro de 2019 as 7h36. São Paulo. Acesso em 11/05/2019. Disponível em <https://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/estado-vira-desafio-para-o-esporte-em-2019_36173.html>

Federação Paraense promove Festival de Atletismo. Notícias. Portal ORM. 2009. Disponível em: <<http://noticias.orm.com.br/noticia.asp?id=434333&%7Cfedera%C3%A7%C3%A3o+pa>>

raense+promove+festival+de+atletismo#.W9zrrZNKhPY> Acesso em 02 de novembro de 2018.

FERREZ, H. D. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática**. In: FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU, 4., Recife. Trabalhos apresentados. Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991. Disponível em: <<http://www.crnti.edu.uy/02cursos/ferrez.doc>> Acesso em: 20 de jun. 2018

_____. BIANCHINI, M. H. **Thesaurus para acervos museológicos**. Rio de Janeiro: MinC / SPHAN / Fundação Pró-Memória / MHN, 1987. 2. v.

_____. PEIXOTO, M. E. S. (Comp.). **Manual de catalogação: pintura, escultura, desenho, gravura**. 2. ed. Rio de Janeiro: MinC / IPHAN / Museu Nacional de Belas-Artes, 1995.

FRANCO, M. I. M. **Planejamento e Realização de Exposições**. (Coleção Cadernos Museológicos), 3230 p. : il ; 18x24 cm – Brasília, DF: Ibram, 2018.

GEIGER, P. **Novíssimo Aulete. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Lexikon Editorial. P.: {coleção}, p.:{acervo}01 jan, 2011.

GENGER, M. M. C. **Rumo a uma Metateoria e Metodologia Feministas nas Ciências Sociais**. In: O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento. Tradução de Ângela Melim. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos: Edunb. 1993, p. 167-176.

GONDIN, V. **A Perspectiva pós-colonial e seus ganhos epistêmicos no âmbito da museologia social**. In: Anais III Seminario Brasileiro de Museologia – SEBRAMUS. Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e seus patrimônios, Belém. ISSN 2446-8940. P. 333-351.2017

HALBAWCHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

Heptatlo: prova praticada apenas por mulheres. Por Everson Alves. Disponível e: <<https://www.atletx.com.br/atletismo/provas/heptatlo>>. Acesso em 12 de outubro de 2018.

História das Medalhas. In.: Casa da moeda do Brasil. Clube da Moeda. 1989 Ano do Centenário da República – 2ª edição. Acesso em 02/11/2018. Disponível em <<https://www.clubedamedalha.com.br/historia-das-medalhas>>

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Ana Luiza Libânio. 1ª ed. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos, 2018.

Kathrine Switzer. A mulher que ousou correr a maratona. Site É Desporto. Reportagem de 05 de março de 2018. Acesso em 02/12/18. Disponível em <<https://edesporto.com/kathrine-switzer-a-mulher-que-ousou-72374>>.

LENZI, T. **O que é o movimento feminista?** In: Direitos Humanos – Toda Política. Disponível em: <www.todapolitica.com/movimento-feminista/amp/>

LIMA, D. F. C. **Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e musealia.** Ci. Inf., Brasília, DF, v. 42 n. 3, p.379-398, set./dez., 2013.

LIMA, S. F.; CARVALHO, V. C. de. **Cultura material e coleção em um museu de história: as formas espontâneas de transcendência do privado.** In.: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (org.) *Museus: Dos Gabinetes de Curiosidades ao Museu Moderno.* Belo Horizonte: Argumentvm; Brasília: CNPq, 2005.

LOGAN, J. **Basic Care of Coins, Medals, and Medallion Art. – CCI Notes 9/4.** In: *Revista Canadian Conservation Institute*, 2007.

LOUREIRO, M. L. de N. M. **Reflexões sobre Musealização: processo informacional e estratégia de preservação.** Seminário Serviços de Informação em Museus, p. 91-103, 2016.

MANSILLA, I. **El Atletismo Iberoamericano.** Real Federación Española de Atletismo. 2010. Disponível em: < <http://www.rfea.es/aeaa/archivos/libroiberoamericano2010.pdf>>

MARQUES, J. R. **O que podemos aprender com competições esportivas.** 2014. Acesso em 02/12/18. Disponível em <<http://www.ibccoaching.com.br/portal/lideranca-emotivacao/que-podemos-aprender-competicoes-esportivas/>>

Marta e Neymar: a desigualdade de salários e apoio no futebol brasileiro. Época Negócios Online. 05 de junho de 2019. Disponível em: < <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Dilemas/noticia/2015/06/marta-e-neymar-desigualdade-de-salarios-e-apoio-no-futebol-brasileiro.html>>. Acesso em 23 de junho de 2019.

MARTINS, G.O.; COSTA, P. S. **Museu Itinerante do Atletismo Paraense: A concretização do fazer museológico.** In: *Anais III Seminario Brasileiro de Museologia – SEBRAMUS. Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e seus patrimônios,* Belém. ISSN 2446-8940. P. 856-863.2017

MEZZADRI, F.M; CAPRARO, A.M. **Atletismo.** Projeto Inteligência Esportiva. Ministério do Esporte. Disponível em: <<http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/index.php/producao/>>. Acesso em 07 de outubro de 2018.

_____. **Atletismo Adaptado.** Projeto Inteligência Esportiva. Ministério do Esporte. Disponível em: <<http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/index.php/producao/>>. Acesso em 07 de outubro de 2018.

MOUTINHO, M. **Sobre o conceito de museologia social.** In *Cadernos de Museologia* vol. 1. P. 7-9, 1993.

MOREIRA, J. F. A. D’A. **A especialização do Conselho Nacional de Desporto e o Plano Nacional de Educação Física e Desporto.** In: *Anais do XVII Encontro de História da Anpuh-Rio.* De 8 a 11 de agosto de 2016. Instituto Multidisciplinar, UFRRJ.

Campo Nova Iguaçu. 2016. Disponível em:

<http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1470675609_ARQUIVO_Ae_specializacaodoConselhoNacionaldeDesportoeoPlanoNacionaldeEducacaoFisicaeDesporto.pdf>

NASCIMENTO, R. A. do. **Documentação Museológica e Comunicação**. In: Cadernos de Museologia nº 3, p 31-39. Palestra proferida em VI Fórum de Museus do Nordeste. Maceio-AL. 1993.

NICOLETTI, A. **Ela é recorde: Orlane Santos fala de vida esportiva e projetos em realidade virtual no vídeo inaugural de ANGELICA VISITA**. São Paulo. 2016. Disponível em: <<http://angelicanicoletti.com.br/ela-e-recorde-orlane-santos-fala-de-vida-esportiva-e-projetos-em-realidade-virtual-no-angelica-visita/>>. Acesso em 27 de agosto de 2018.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. de. **A Noção de Documento: de Otlet aos dias de hoje**. In: XI Congress Isko-Spain. 11, 12 y 13 de Marzo de 2009. Valencia. 2009.

PADILHA, R. C. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. 2 ed. Florianópolis: FCC Edições, 2014.

PAINS, C.; COSTA, D. **Por que Marta não tem patrocínio e ganha menos de 1% do salário de Neymar**. O Globo. 18 de junho de 2019, atualizado em 20 de junho de 2019. Celina. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/celina/por-que-marta-nao-tem-patrocinio-ganha-menos-de-1-do-salario-de-neymar-23746450>>. Acesso em 23 de junho de 2019.

Paraense é destaque em SP. O Liberal, Belém, 31 de janeiro de 2000. Cadernos de Esporte, p. 6. Acervo da Biblioteca Pública Estadual Arthur Viana.

PIRES, B. **A copa da visibilidade para o futebol feminino**. El País. São Paulo, 7 de junho de 2019. Copa do Mundo Feminina de 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/07/deportes/1559859959_673773.html> Acesso em 24 de junho de 2019.

Primeira treinadora do paraense Alan Fonteles relembra início difícil. Rede Liberal. Por Gustavo Pêna. 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pa/noticia/2012/09/primeira-treinadora-do-paraense-alan-fonteles-relembra-inicio-dificil.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2018.

POMIAN, K. **Coleção**. In.: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984. V. 3. P. 51-86.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. (Coleção Ensaio Geral). Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2013

RANGEL, M. **Políticas públicas e museus no Brasil**. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. (Org.). Mast Colloquia v. 12: O Caráter Político dos Museus. RJ: MAST, 2010, v. 12, p. 117-

135. Disponível em: http://www.mast.br/publicacoes_museologia/Mast%20Colloquia12.pdf.

_____. **A cidade, o museu e a coleção.** Liinc em Revista, v.7, n.1, março 2011, Rio de Janeiro, p. 301 – 310 - <http://www.ibict.br/liinc>

RUBIO, K. **Atletismo.** Atletas Olímpicos Brasileiros. São Paulo. Sesi-SP Editora. 648 p. 2015

RUBIM, A. A. C. **Políticas culturais no Brasil: trajetória e contemporaneidade.** Nossos Documentos, 2008. Disponível em: <<http://documentosfcb.blogspot.com.br/2008/11/politicasculturais-no-brasil-trajetria.html>>.

SANTOS, M. C. T. **Um compromisso social com a museologia.** In: **Cadernos do CEOM – Museologia Social.** (pp. 71-113). Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – Ano 27 – n. 41. Chapecó: Unochapecó, 2014.

SERVIDIO, D. **Marta usa chuteira com símbolo pela igualdade de gêneros e sem patrocínio.** Torcedores. 13 de junho de 2019. Torcedoras. Disponível em <<https://www.torcedores.com/noticias/2019/06/marta-usa-chuteira-com-simbolo-pela-igualdade-de-generos-e-sem-patrocinio?fbclid=IwAR32u0ZkpX1ZW12-bt1AnyCfsivTTXPPuz3nuFnJdL4WJGs3uGkxyu7wJ6M>>. Acesso em 23 de junho de 2019.

SILVEIRA, Flávio Leonel A. e LIMA FILHO, Manuel F. **Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma nas coisas” e a coisificação do objeto.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 11, n. 23, jan/jun 2005.

SOTO, M. C. **Dos gabinetes de curiosidades aos museus comunitários: a construção de uma concepção museal À serviço da transformação social.** Caderno de Sociomuseologia – 4 – 2014. Vol 48, p 57-81. 2014.

SOARES, O. J. **“Ir onde o público está”:** Contextos e experiências de museus itinerantes. MOUSEION ISSN1981-7207, n. 24, agosto, p. 129-154. Canoas. 2016.

SOUZA, L. A. C.; FRONER, Y. A. **Reconhecimento de Materiais que compõem Acervos.** – Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008, 31 p. : il. ; 30 cm. – (Tópicos em conservação preventiva; 4).

TIBURI, M. **Feminismo em comum para todas, todes e todos.** 4ª ed. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos. 2018.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
 FACULDADE DE ARTES VISUAIS
 CURSO DE MUSEOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO E USO DE DADOS DE ENTREVISTA EM PESQUISA ACADEMICA

Aceito participar da pesquisa intitulada DAS RAIAS AO MUSEU: UM ESTUDO DE CASO DO PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLOGICA DA COLEÇÃO DE MEDALHAS DA ATLETA PARAENSE SUZETE MONTALVÃO, e autorizo o uso dos dados prestados em entrevista com finalidade para a realização de Trabalho de Conclusão de Curso de GABRIELE DE OLIVEIRA MARTINS, formanda do curso de Bacharelado em Museologia vinculado à Universidade Federal do Pará – UFPA, sob a orientação da Professora Doutora Luzia Gomes Ferreira.

Declaro que fui informada que parte da pesquisa visa entrevistar ex-atletas afim de construir um histórico sobre o atletismo no estado do Pará, a partir do histórico da modalidade na cidade de Belém por meio das vozes de atletas mulheres.

Como participante da pesquisa declaro que concordo em ser entrevistada uma ou mais vezes pela pesquisadora, em local e duração previamente ajustados, permitindo a gravação das entrevistas e não permitindo.

Autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar a informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

20, de Maio de 2019

Sandra Maria Souza Malcher
 Assinatura da Entrevistada

Nome da entrevistada: Sandra Maria Souza Malcher.

Ocupação: ex-atleta e segunda tesoureira do conselho Regional de Educação Física da 18ª região – CREF 18/PA-AP

Gabriele de Oliveira Martins
 Assinatura da Pesquisadora

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS DA ARTE
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
CURSO DE MUSEOLOGIA

**TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO DE
PARTICIPAÇÃO E USO DE DADOS DE ENTREVISTA EM
PESQUISA ACADEMICA**

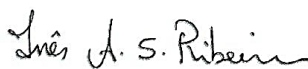
Aceito participar da pesquisa intitulada DAS RAIAS AO MUSEU: UM ESTUDO DE CASO DO PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLOGICA DA COLEÇÃO DE MEDALHAS DA ATLETA PARAENSE SUZETE MONTALVÃO, e autorizo o uso dos dados prestados em entrevista com finalidade para a realização de Trabalho de Conclusão de Curso de GABRIELE DE OLIVEIRA MARTINS, formanda do curso de Bacharelado em Museologia vinculado à Universidade Federal do Pará – UFPA, sob a orientação da Professora Doutora Luzia Gomes Ferreira.

Declaro que fui informada que parte da pesquisa visa entrevistar ex-atletas afim de construir um histórico sobre o atletismo no estado do Pará, a partir do histórico da modalidade na cidade de Belém por meio das vozes de atletas mulheres.

Como participante da pesquisa declaro que concordo em ser entrevistada uma ou mais vezes pela pesquisadora, em local e duração previamente ajustados, permitindo a gravação das entrevistas e não permitindo.

Autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar a informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

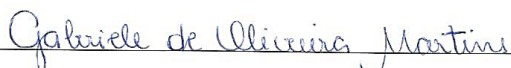
01 de Fevereiro de 2019



Assinatura da Entrevistada

Nome da entrevistada: Inês Antônia Ribeiro

Ocupação: ex-atleta e docente adjunta da Escola de Teatro e Dança da UFPA



Assinatura da Pesquisadora

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS DA ARTE
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
CURSO DE MUSEOLOGIA

**TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO E
USO DE DADOS DE ENTREVISTA EM PESQUISA ACADEMICA**

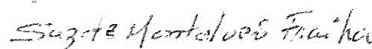
Aceito participar da pesquisa intitulada DAS RAIAS AO MUSEU: UM ESTUDO DE CASO DO PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLOGICA DA COLEÇÃO DE MEDALHAS DA ATLETA PARAENSE SUZETE MONTALVÃO, e autorizo o uso dos dados prestados em entrevista com finalidade para a realização de Trabalho de Conclusão de Curso de GABRIELE DE OLIVEIRA MARTINS, formanda do curso de Bacharelado em Museologia vinculado à Universidade Federal do Pará – UFPA, sob a orientação da Professora Doutora Luzia Gomes Ferreira.

Declaro que fui informada que parte da pesquisa visa entrevistar ex-atletas afim de construir um histórico sobre o atletismo no estado do Pará, a partir do histórico da modalidade na cidade de Belém por meio das vozes de atletas mulheres.

Como participante da pesquisa declaro que concordo em ser entrevistada uma ou mais vezes pela pesquisadora, em local e duração previamente ajustados, permitindo a gravação das entrevistas e não permitindo.

Autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa, comprometendo-se, a pesquisadora, a utilizar a informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

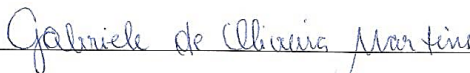
25 de Maio de 2019



Assinatura da Entrevistada

Nome da entrevistada: Suzete Montalvão Fraiha

Ocupação: ex-atleta e mestranda do Programa de Pós Graduação em Patrimônio



Assinatura da Pesquisadora